

SAN FRANCISCO PUBLIC LIBRARY



3 1223 00092 0205

Manuel Bandeira

Guia de Ouro Preto



FOTOS Luís Augusto Bartolomei



***Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada
Ribeirão trepidante e de cada recosto
De montanha o metal rolou na cascalhada
Para o fausto d'El-Rei, para a glória do imposto.***

Com estes versos, o poeta modernista Manuel Bandeira traduziu parte de sua emoção ao visitar, no final da década de 30, Ouro Preto – a antiga Vila Rica que surgiu e se desenvolveu nos áureos tempos em que o precioso metal brotava de suas minas. Inspirado pela história e pela beleza que surpreendem a cada igreja secular visitada, cada ladeira, cada monumento barroco, cada lembrança do movimento urdido pelos inconfidentes, ele registrou suas impressões escrevendo um livro dedicado à cidade.

Neste *Guia de Ouro Preto*, Bandeira conta um pouco da história do lugar, as impressões de viajantes estrangeiros, fala sobre seu rico patrimônio religioso e civil, as duas grandes “sombras” de Vila Rica – Tiradentes e o Aleijadinho – e traça deliciosos roteiros para se conhecer a cidade a pé ou de carro, os quais continuam valendo perfeitamente para os turistas de hoje, mais de sessenta anos depois em que o autor esteve por lá (a primeira edição foi lançada em 1938).



Guia de Ouro Preto



Guia de Ouro Preto

Manuel Bandeira

Fotos Luís Augusto Bartolomei





3 1223 06283 9205

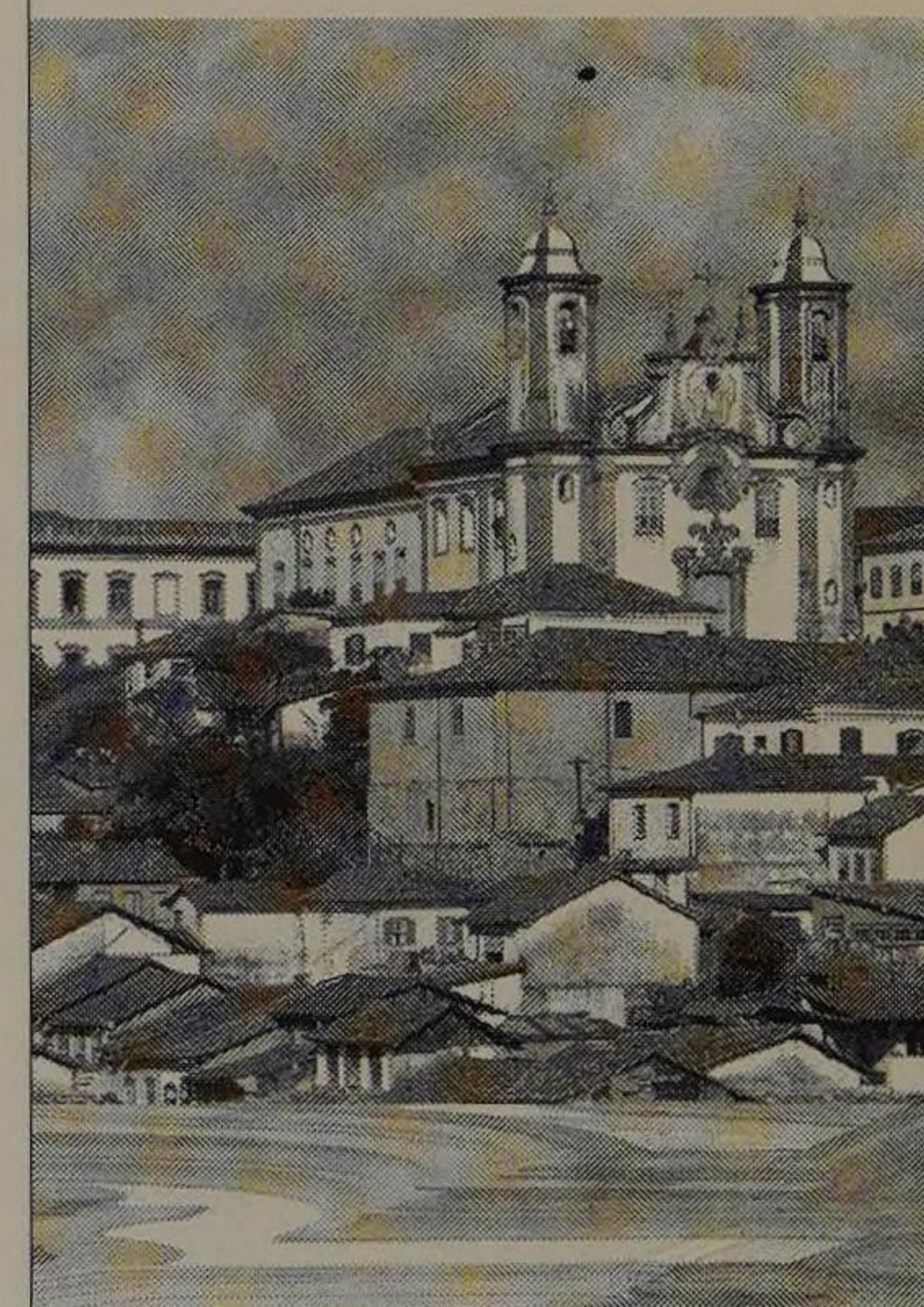
*Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada
Ribeirão trepidante e de cada recosto
De montanha o metal rolou na cascalhada
Para o fausto d'El-Rei, para a glória do imposto.*

*Que resta do esplendor de outrora? Quase nada:
Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto.
Esta agência postal era a casa de Entrada...
Este escombros foi um solar... Cinza e desgosto!*

*O bandeirante decaiu – é funcionário.
Último sabedor da crônica estupenda,
Chico Diogo escarnece o último visionário.*

*E avulta apenas, quando a noite de mansinho
Vem, na pedra-sabão lavrada como renda,
– Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho!*

Manuel Bandeira



Copyright © by Ediouro Publicações S. A.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Coordenação editorial Sheila Kaplan

Produção editorial Jaqueline Lavôr

Preparação de originais Jorge Moutinho e Maria José de Sant'Anna

Capa e projeto gráfico Evelyn Grumach

Assistência de design e editoração Fernando Braga

Produção gráfica Armando P. Gomes

Cip – Brasil. Catalogação – na – Fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B166g

Bandeira, Manuel, 1886-1968

Guia de Ouro Preto / Manuel Bandeira. – Rio de Janeiro:
Ediouro, 2000

ISBN 85-00-00798-2

1. Ouro Preto (MG) – Descrições – Guias . I. Título.

00-1208.

CDD 918.1512

CDU 918.1512

00 01 02 03 04

8 7 6 5 4 3 2 1

Ediouro Publicações S.A.

Sede, Deptº de Vendas e Expedição

Rua Nova Jerusalém, 345 – RJ

Cep 21042-030 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 560-6122 – FAX: (21) 280-2438

E-mail: livros@ediouro.com.br

São Paulo:

Av. Bosque da Saúde, 1432

Jardim Bosque da Saúde

São Paulo – SP

Cep 04142-082

Tel: (11) 5589-3300 Fax r. 232/233

E-mail: ediourolivros@openlink.com.br

O *Guia de Ouro Preto* de Manuel Bandeira é uma obra difícil de classificar numa bibliografia francesa. Participava com efeito de gêneros bem distintos entre nós, a obra de documentação e a obra literária.

Imagine-se um *Guide du Valois* escrito por Gérard de Nerval, um *Almanach des Spectacles du Boulevard*, por Baudelaire, *Itinéraire de Paris à Chartres*, por Péguy. Sem dúvida encontramos nas prateleiras de nossa biblioteca as *Promenades dans Rome* e inúmeras viagens no Oriente, escritas por escritores românticos.

Mas este guia de Manuel Bandeira nada tem de uma recordação de egotismo. Pode ser prático, como o são aliás os guias de Recife e Olinda, de Gilberto Freyre, os guias da Bahia, de Afrânio Peixoto e de Jorge Amado: é um privilégio das jovens literaturas estarem ainda os assuntos imediatos à disposição dos melhores escritores do País. À parte os capítulos históricos, onde Bandeira se permite alguns bordados, o poeta impôs-se uma severa disciplina e reuniu a documentação mais completa e mais minuciosa sobre a cidade e seus monumentos. É assim que este guia pode interessar a quem, entre quatro paredes de uma biblioteca, pensa na cidade do ouro, e no entanto prestar serviços precisos ao turista, que é, afinal, o fim essencial de um trabalho desse gênero.

Michel Simon,

tradutor para o francês da 2ª edição desta obra.



Agradecimento do Autor

Este *Guia de Ouro Preto* leva o meu nome de autor. Manda, porém, a verdade dizer que tive colaboradores valiosos. Em primeiro lugar, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na pessoa do seu devotado diretor, Rodrigo M. F. de Andrade, e nas dos assistentes-técnicos José de Sousa Reis, a quem devo a planta de Mariana, e Epaminondas de Macedo, antigo habitante de Ouro Preto, em cuja Escola de Minas se formou. A este sou reconhecido por um sem-número de informações; foi ele também quem desenhou a planta das estradas de rodagem e forneceu a carta de posteação telegráfica, da qual o arquiteto Ítalo França tirou a planta da cidade. Joanita Blank desenhou alguns croquis, que serviram de base a admiráveis ilustrações de Luís Jardim – aquelas que vão assinadas J. e Luís Jardim¹.

Esta quarta edição (houve uma segunda em francês, na tradução do escritor Michel Simon²) leva numerosas correções e novidades redigidas por Carlos Drummond de Andrade, sobre dados fornecidos à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional por Sylvio de Vasconcellos e outros de seus especialistas.

A todos esses colaboradores, e ainda a Vera M. F. de Andrade e a Afonso Arinos de Melo Franco, deixo aqui os meus mais vivos agradecimentos.

Manuel Bandeira

¹ Essas ilustrações não constam da atual edição.

² O poeta refere-se à edição anterior a esta.

À atual edição

“Vamos embora pra Ouro Preto”

Depois de longos anos distante das prateleiras das livrarias, tendo seus poucos e antigos exemplares só encontrados por quem costuma “garimpar” sebos em busca de raridades literárias, a Ediouro traz aos leitores (historiadores, turistas e apaixonados em geral por uma boa leitura) uma nova edição do *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira – obra fundamental até hoje para quem se dedica a pesquisar a cidade.

Tive o prazer de participar deste projeto refazendo os caminhos que o criador do “Itinerário de Pasárgada” trilhou no final da década de 30. Pude comprovar que, além do grande poeta conhecido por todos, Bandeira talvez tenha sido o primeiro – e excelente, por sinal – guia de turismo no Brasil. Seus roteiros continuam perfeitos para quem deseja conhecer a velha Vila Rica sem pressa, apreciando a beleza de suas ladeiras e seu casario colonial que atravessam os séculos.

Esta edição traz o texto original, com a cuidadosa inserção de notas explicativas – numeradas nos pés de página – referentes às modificações registradas em relação ao que o poeta descreveu há mais de sessenta anos. As notas da edição anterior encontram-se assinaladas por asteriscos. A principal preocupação foi não



alterar o texto de Bandeira – daí a opção pelas notas, cuidando para que não fossem excessivas – para conservar o sabor de seu estilo e, ao mesmo tempo, permitir que todos aqueles que visitem a cidade, hoje, possam refazer os passeios descritos por ele, localizando com mais facilidade ruas e sobrados que mudaram de nome e de numeração ao longo dos anos.

Nesta emocionante viagem à Ouro Preto de Bandeira, muitas pessoas contribuíram de forma decisiva para a atualização de algumas informações e com o projeto como um todo. Assim, agradeço a Ricardo Pereira pela verdadeira e apaixonada “aula” de quase três horas sobre a Ouro Preto de ontem e de hoje; ao geólogo Frank Falkenhein, pelas importantes dicas de quem frequenta a velha Vila Rica há tantos anos; à artista plástica Annamélia pela atenção e pelas importantes indicações de pessoas que pudessem contribuir para a realização deste trabalho.

Agradeço igualmente a Carlos José Aparecido de Oliveira, o Caju, diretor do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto, pela longa e paciente entrevista em que colaborou para a atualização do patrimônio histórico e religioso ouro-pretano; a Geraldo Victor Cotta, técnico de obras do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por seus esclarecimentos; a Aílton Fernandes, da equipe da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, pelas informações quanto ao acervo das igrejas da cidade. Também sou grato ao guia de turismo José Isabel Silva, pelo inestimável apoio e pela sua dedicação ao prestar informações históricas corretas a quem visita



Ouro Preto; a Cristiano Rocha, do Posto Turístico da cidade, que fica na Praça Tiradentes; a Edson Fialho de Rezende, da equipe de conservação e restauração do Museu da Inconfidência, pelas informações quanto às instalações e ao acervo de hoje; a Regina Andrade, da Secretaria Municipal de Educação, pela relação das escolas municipais e estaduais de Ouro Preto; à secretária de Cultura, Desporto e Turismo de Mariana, Efigênia Natividade Fernandes; e ao guia de turismo Renato Mendonça, desta última cidade.

Enfim, agradeço a todos os cidadãos ouro-pretanos e mineiros em geral que, de uma forma ou de outra, contribuíram com valiosas informações para a reconstituição dos caminhos de Manuel Bandeira, mais de sessenta anos depois que o autor de tantos e maravilhosos versos resolveu descrever seus passos pelas terras que um dia já foram chamadas de Villa Rica de Albuquerque, as quais chegaram a ter mais de 120 mil habitantes no auge do Ciclo do Ouro, no século XVIII (este número chega a cerca de 70 mil, no ano 2000, em todo o município).

E acima de todos esses, a um pernambucano chamado Manuel – que três séculos depois do bandeirante Antônio Dias também deixou para sempre, nas velhas Minas Gerais, a marca de sua Bandeira: a literária. Vamos embora pra Ouro Preto.

Jorge Moutinho,
jornalista e escritor

Sumário

1	História	15
2	Impressões de viajantes estrangeiros	25
3	Ouro Preto, a cidade que não mudou	33
4	As duas grandes sombras de Vila Rica	37
5	Passeio a pé no Centro	45
6	Passeios de automóvel	57
7	Monumentos religiosos	69
8	Monumentos civis	95
9	A viagem para Ouro Preto	109
10	Várias informações	111



1

História

Narra Antonil que numa entrada de paulistas de Taubaté ao sertão dos Cataguás um mulato da comitiva desceu das alturas do serro do Tripuí,^{*} antigo nome da região de Ouro Preto, às margens do córrego do mesmo nome, hoje chamado de Antônio Dias, meteu a gamela até o fundo, raspando as areias, e quando a retirou viu que vinham com a água uns granitos negros, cuja natureza não reconheceu, embora já tivesse trabalhado nas minas de Paranaguá e Curitiba. Levou-os, de volta, a Taubaté, onde os vendeu a um certo Miguel de Sousa por meia pataca a oitava. Mais tarde, mandados alguns desses granitos ao governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá e Meneses, este, trincando-os nos dentes, pôs a descoberto o brilho próprio do metal, que era ouro do mais fino quilate. Aquilo atrás do que as bandeiras sôfregas e sempre desenganadas cortavam o sertão havia século, descobriu-o o mulato naquele gesto humilde de quem apanha uma pouca d'água para matar a sede.

Depois que tornaram a Taubaté os paulistas em cuja expedição tomara parte o mulato anônimo descobridor dos granitos negros, o Itacolomi^{**} ficou sendo a baliza que orientava os batedores de ouro para o recinto do Tripuí. As primeiras bandeiras transviaram-se, sem conseguir pôr os olhos no alvissareiro pico.

Antônio Dias de Oliveira foi mais feliz. Em vez de penetrar pela Itaverava, como tinham feito os predecessores, teve a inspiração de entrar por onde os primitivos caçadores de índios haviam saído. Ora, era da saída, e não da entrada do vale do Tripuí, que se podia divisar a famosa pedra na feição assinalada pelos descobridores. Antônio Dias, deixando a serra da Borda do Campo, veio direto ao Rodeio, transpôs a serra do Pires e galgou, do ribeirão da Cachoeira, as alturas que hoje chamam do Campo Grande. Chegados ali quase noite, acamparam, mas nada viram do Itacolomi, bem perto, porém velado pela carapuça de nuvens que tão freqüentemente o esconde. Assim dormiram ao clarão protetor dos fogos. Era a véspera de S. João, em 1698. No dia seguinte, ao alvorecer, o céu estava muito limpo, e do outro lado do vale o perfil inconfundível da pedra se recortava nítido na primeira luz da manhã, como um milagre do santo.

NA PÁGINA ANTERIOR: "COMO SE VÊ, A CIDADE CUJO AR DE PRESTIGIOSA VELHICE TANTO NOS ENTERNECE, PODE-SE DIZER QUE É DE ONTEM. (...) NO FIM DO SÉCULO XVIII, TOMANDO A VILA O CUNHO ARQUITETÔNICO EM QUE SE IMOBILIZOU, VEIO SAGRÁ-LA ESPIRITUALMENTE O IDEALISMO DA INCONFIDÊNCIA."

* Nota da 4ª edição: "Tripuí, corr. itira-poi, o morro delgado ou esguio." (Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*). Afonso de E. Taunay achou na *Nobiliarquia Paulistana*, de Pedro Taques, que o topônimo vem da alcunha de um paulista, Antônio Rodrigues Medeiro [está assim no orig.], estabelecido no lugar.

** Nota da 4ª edição: "Itacolomi, corr. ita-murumi, o menino de pedra; alusão ao fato de ser o pico formado por um grande penedo com outro menor ao lado, à guisa de filho." (Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, *op. cit.*)

No ano seguinte, avisados por Antônio Dias os parentes e amigos de Taubaté, chegou a Campo Grande nova leva de bandeirantes, entre os quais se alistara, com seu altar portátil, o Padre João de Faria Fialho, capelão da bandeira. Na capela de S. João, simples rancho coberto de palha, disse o padre a primeira missa. E como a palhoça estivesse situada bem no espigão da montanha, o padre, abrindo os braços em frente do altar, abençoava as duas grandes vertentes, a do Rio Doce e a do Rio das Velhas.

Nos dois anos seguintes foi tamanho o afluxo de aventureiros aos descobertos que, à falta de culturas, do que ninguém cuidava, e difíceis como eram os transportes de mantimentos, sobreveio, aniquiladora e dispersiva, a fome de 1700-1701. Muitos dos primeiros bandeirantes abandonaram as suas catas, atirando-se a novas descobertas. Alguns não voltaram nunca mais, entre estes o primeiro descobridor Antônio Dias e o Padre João de Faria, cujos nomes perduram até hoje ligados aos bairros que se desenvolveram nas datas por eles lavradas.

Os paulistas não faziam caso nenhum do ouro da serra de Itatiaia. Era o *ouro branco*, de pouco rendimento, e assim chamado pela sua cor pálida, quase argentina. O ouro bom, o ouro cobiçado, era o *ouro preto*, o ouro fino; chegava a quase vinte e três quilates, e quando se lhe punha o cunho na fundição, escreve Antonil, fazia fenda na barreta, como se arrebetasse por todas as partes; e por dentro dava tais reflexos que pareciam raios do sol.

Quando, em 1704, Pascoal Guimarães, mascate português enriquecido no Rio das Velhas, meteu-se de posse das catas abandonadas pelos Camargos, iniciou a mineração pelo processo de desbancar o terreno por levadas de água. Sucedeu que no flanco da serra por onde hoje passa o caminho das Lajes deu com um veio riquíssimo. Ali o metal era como terra... Ouro podre! Esse ouro excelente e tão fácil de colher foi que verdadeiramente fundou a futura Vila Rica, povoando-a de forasteiros ávidos. O movimento foi tão rápido e tão intenso que, sete anos depois, em 1711, os primitivos arraiais de catadores eram erigidos em vila – a Vila Rica de Albuquerque, do nome do mestre-de-campo General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, capitão-general da nova capitania de São Paulo e Minas do Ouro. Logo depois esse nome era encurtado para Vila Rica, por haver D. João V desaprovado a denominação dada à sua revelia.

Pela narrativa de Antonil, se pode figurar o que era a Vila Rica daqueles tempos: alguns arraiais dispersos, separados por montes de mata cerrada. A meia légua um do outro, que em menor distância

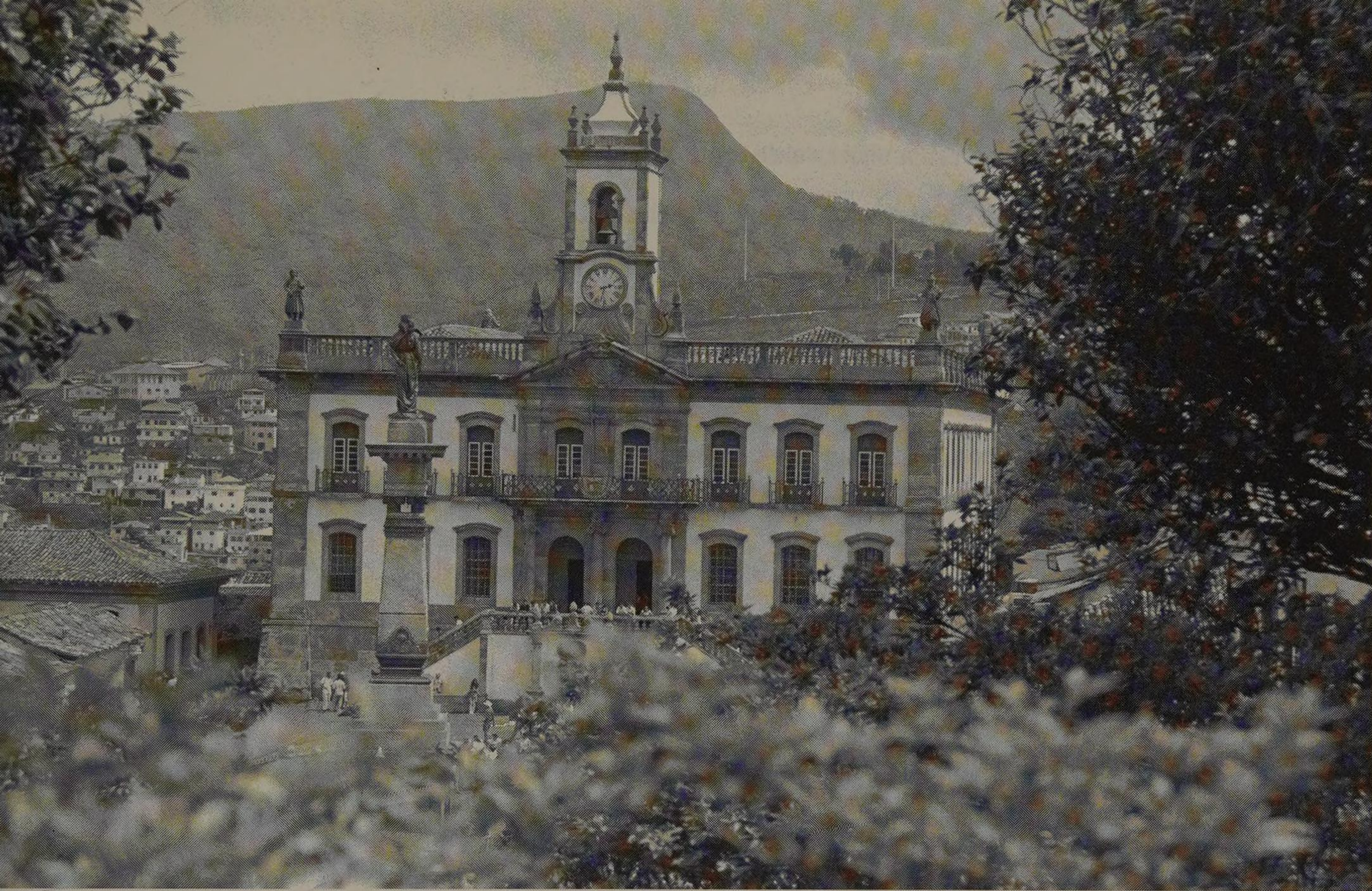
não outorgava o Regimento título de descobridor, ficavam os arraiais de Padre Faria, Antônio Dias, Paulistas, Bom Sucesso, São João, Ouro Podre, Taquaral, Sant'Ana, Piedade, Outro Preto, Caquende... Com o correr dos tempos o de Ouro Preto, que, com o de Antônio Dias, formava o núcleo da vila, impôs o nome cuja tradição remontava à era do descobrimento, nome que apesar do outro, de batismo oficial, nunca foi esquecido pelo povo.

Os anos de 1707 a 1709 foram de grande tumulto no distrito das minas. Os paulistas, primeiros devassadores da região, consideravam grande injustiça concederem-se terras e minas aos forasteiros – portugueses, a que os paulistas alcunharam de *emboabas* (de *mbuab*, voz indígena que designava as aves com penas até os pés, porque os reinóis usavam calças compridas ou polainas, ou de *emboaé*, estrangeiro, na acepção menos aceita por Batista Caetano) e brasileiros do Norte, envolvidos no apelativo geral de *baianos*. A rivalidade entre as duas facções degenerou em verdadeira luta, conhecida em nossa história por Guerra dos Emboabas. Os forasteiros aclamaram ditador o português Manuel Nunes Viana, homem de grandes posses e largo prestígio nas Minas. Fortificaram-se os paulistas em Sabará, onde, de Caeté, Nunes Viana saiu a atacá-los. O arraial foi tomado e incendiado. Os vencidos recolheram-se a Cachoeira do Campo, onde novamente foram batidos por Viana, que voltou triunfalmente a Vila Rica. Todavia as expedições que enviou ao Ribeiro do Carmo e Guarapiranga foram repelidas pelos paulistas. A vitória decisiva dos portugueses teve lugar em 1708 no arraial da Ponta do Morro (depois São José del-Rei, hoje Tiradentes).

Diogo de Vasconcelos descreveu na sua memória sobre as obras de arte de Ouro Preto o que era a casaria da fabulosa Vila Rica: “Cochicholos tristes, fechados por quatro paredes de dois a três metros de altura, com uma só porta de frente e, nem sempre, uma estreita janela pregada à trave do teto, sem ar, sem luz...”

Foi assim até 1720, quando começaram a aparecer os primeiros edifícios melhores, como a primitiva Matriz de Ouro Preto, ainda assim de tão precária construção (era toda de taipa e adobes), que dez anos depois ameaçava ruínas e houve que reconstruí-la.

Esse ano de 1720 foi o mais atormentado na crônica das minas. Governava então a capitania D. Pedro de Almeida, conde de Assumar. D. João V, pela Lei de 11 de fevereiro de 1719, criara as *casas*



de fundição no distrito das Minas. Todo o ouro extraído deveria ser nelas fundido, deduzindo-se dele o quinto para a Coroa, as despesas de fundição e outras taxas, entre as quais uma destinada aos *alfinetes da rainha*. Ficava proibida a circulação do ouro em pó. O novo sistema de cobrança dos quintos provocou a sedição de Vila Rica, abafada pelo conde de Assumar, a princípio pela astúcia, depois pela força. Chefiaram-na o português Pascoal da Silva, o ex-ouvidor Mosqueira da Rosa, Sebastião da Veiga Cabral, ex-governador da Colônia do Sacramento, Frei Vicente Botelho, filho do Dr. Mosqueira, Frei Francisco de Monte Alverne, Filipe dos Santos e outros. Filipe dos Santos, o herói da revolta, foi preso em Cachoeira, julgado sumariamente, arrastado pelas ruas em Vila Rica, enforcado e esquartejado. Sua cabeça ficou exposta no pelourinho, e os quartos foram mandados para Cachoeira do Campo, S. Bartolomeu, Itabira do Campo e Ribeirão do Carmo. O arraial do Ouro Podre, pertencente a Pascoal da Silva, foi totalmente incendiado, e desde então até hoje ficou chamado o Morro da Queimada. Na encosta da serra são ainda visíveis as ruínas de muros enegrecidos – tudo o que resta do mais próspero arraial da primitiva Vila Rica.

Para se imaginar o que era a Vila Rica de então basta recordar que os conspiradores da revolta contra o conde de Assumar se reuniam no morro de Santa Quitéria, que separa os bairros de Ouro Preto¹ e Antônio Dias, naquele tempo arraiais separados por meia légua de mataria brava.

A época em que a abundância do metal extraído atingiu o máximo ocorreu entre 1725 e 1750. A festa que marca o fastígio da riqueza teve lugar em 1733 e foi a procissão de trasladação do Santíssimo da capela do Rosário para a matriz de Nossa Senhora do Pilar. Essa festa ficou conhecida pelo nome de Triunfo Eucarístico, título do folheto em que Simão Ferreira Machado descreveu a solenidade. O cortejo dá bem idéia do luxo incrível que contrastava com o quadro pobre da edificação: danças de Turcos, danças de Romeiros, os quatro Ventos vestidos à trágica, os sete Planetas, precedidos da Fama, a Igreja Matriz, os dois morros que limitam a vila – Ouro Preto e Ouro Fino – tudo isso personificado desfilou em cavalos de preço, no meio de uma multidão de figuras secundárias: ninfas, anjos, pajens, trombeteiros. Seria como um dos nossos préstitos carnavalescos atuais, no qual o pechisbeque fosse substituído pelos metais nobres e os vidrilhos por diamantes legítimos. Tome-se ao acaso uma das personagens da procissão – a Fama, por exemplo. Assim a descreve Simão Ferreira: “Cingia-lhe a cabeça um precioso toucado de flores de diamantes, dando por um lado ao vento uma haste de finíssimas plumas brancas; o peito bordado de ouro e várias pedrarias, de que sobressaía elevado um broche de diamantes; o capilar de seda branca de flores de ouro; saíam-lhe das costas duas asas de penas brancas matizadas de folhas de ouro.”

20

Ouro, ouro, ouro... As menores figuras, como romeiros e gaiteiros, iam ricamente vestidas. A mesma pompa era de observar no desfile das irmandades: guiões de damasco franjados de ouro, cruzes, varas e tocheiros de prataria do Porto, andores de talha dourada com imagens recamadas de peças de ouro e diamantes, cobertas de mantos de brocado com bordadura de pedraria... Depois o clero das duas paróquias da vila no esplendor litúrgico das dalmáticas, das sobrepelizes, das casulas, manípulos e estolas, paramentos cuja riqueza e bom gosto são ainda hoje atestados pelas esplêndidas peças que se conservam nos gavetões da sacristia da matriz de Ouro Preto. Fechando o préstito, o conde das Galveias, governador da capitania, cercado do Nobre Senado da Câmara e de toda a nobreza militar e acompanha-

¹ Região pertencente à atual Paróquia de Nossa Senhora do Pilar.

do do terço de Dragões. Tudo isso era, como escreveu o conceituoso Simão Ferreira, “vagaroso empenho da vista, continuada novidade dos olhos, agitada esfera de riqueza, móvel aparato da magnificência”...²

Esta cerimônia de singular grandeza, mesmo descontadas as prováveis mentiras do autor do *Triunfo Eucarístico*, erraria muito quem a imaginasse agora no quadro de uma Vila Rica que fosse a Ouro Preto de hoje restituída à vida opulenta e à feição brilhante do tempo da mineração.

Na realidade o quadro era outro e bem pobre. A taipa e o pau-a-pique ainda não haviam cedido lugar ao belo quartzito do Itacolomi, só aproveitado anos mais tarde, quando começou a construção do Palácio dos Governadores, iniciada em 1747. Nenhum dos grandes templos atuais existia. O próprio frontispício da Matriz do Pilar, como se vê hoje, é reconstrução de 1825 e 1848. Da igreja de 1723 o que resta é a parede do lado da epístola e o maravilhoso interior, maravilhoso apesar das borraduras a óleo sob as quais esconderam o ouro magnífico das suas talhas.³

Quem aceitaria uma Ouro Preto sem o Carmo, sem S. Francisco, sem a Casa dos Contos, sem a Cadeia e o Palácio, sem os fortes sobrados de cunhais de pedra da Rua Direita? Pois nada disso existia ainda em 1733. Onde hoje está a praça havia apenas um caminho que subia de Antônio Dias, descia até o córrego do Xavier, galgava o adro da capela de S. José, donde para chegar à matriz carecia fazer a volta pela Rua da Ponte Seca.

Só na segunda metade do século XVIII é que Vila Rica principiou a tomar o aspecto atual. A construção do Palácio novo marca o início da boa arquitetura de pedra argamassada. As pontes datam: a de S. José ou dos Contos de 1744, a do Rosário de 1753, a de Antônio Dias de 1755. O chafariz do largo dos Contos, embora arrematado em 1745, traz a data de 1760. A igreja do Carmo foi levantada de 1766 a 1772. S. Francisco de Assis, em 1772, tinha prontas as paredes e o arco da capela-mor, e só em 1794 se lavrou termo de entrega das obras. O desenho do frontispício e empena da igreja do Rosário, por Manuel Francis-

² O trajeto da Procissão do Triunfo Eucarístico, tamanha importância que esse acontecimento religioso teve para Ouro Preto, foi refeito duas vezes: ao completar 250 anos, em 1983, e também em 1993, nos seus 260 anos. A primeira reconstituição não teve tanta pompa, mas a segunda contou com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, do Palácio das Artes de Belo Horizonte, da Prefeitura de Ouro Preto e do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto. Esta última reuniu cerca de quinhentas pessoas, incluindo todas as irmandades da cidade, utilizando alguns paramentos e objetos da procissão original, conservados até hoje no Museu de Arte Sacra, localizado na Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

³ A igreja encontra-se restaurada e é hoje um dos maiores patrimônios artísticos e religiosos de Ouro Preto.



1 História

22

co de Araújo, data de 1783. Deste mesmo ano data também o início das obras da Cadeia. São Francisco de Paula é do século seguinte.

Como se vê, a cidade cujo ar de prestigiosa velhice tanto nos entenece, pode-se dizer que é de ontem. O que lhe deu aquela feição de tão nobre antiguidade foi a decadência rápida e súbita da nossa arquitetura tradicional por todo o Brasil.

No fim do século XVIII, tomando a vila o cunho arquitetônico em que se immobilizou, veio sagrá-la espiritualmente o idealismo da Inconfidência. Os brasileiros, que em 1789 sonharam no distrito das Minas libertar a sua pátria do jugo português, fiavam-se no descontentamento geral produzido no povo pela notícia de que o visconde de Barbacena, empossado no governo da capitania em julho de 1788, vinha incumbido de lançar a *derrama*. Pelo alvará de 3 de dezembro de 1750 estabelecera o marquês de Pombal que a cobrança dos quintos se faria nas casas de fundição, e quando eles não atingissem a cem arrobas, pelas quais se comprometiam as Câmaras, lançar-se-ia uma finta, a *derrama*, pelo sistema de capitação. Os déficits anuais foram-se acumulando e em 1788 montavam a 528 arrobas.

“PARA NÓS BRASILEIROS, O QUE TEM FORÇA DE NOS COMOVER SÃO JUSTAMENTE ESSES SOBRADÕES PESADOS, ESSAS FRONTARIAS BARROCAS, ONDE ALGUMA COISA DE NOSSO COMEÇOU A SE FIXAR.”

A ação dos inconfidentes não passou de conversações. Antes de articulado o movimento, eram eles traídos e denunciados ao visconde de Barbacena pelo Coronel Joaquim Silvério dos Reis e outros. Foram colhidos no processo o alferes Joaquim José da Silva Xavier, cognominado o Tiradentes, o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, coronel e ex-ouvidor do Rio das Mortes, o Padre Oliveira Rolim, o Padre Carlos Correia de Toledo e Melo, José Álvares Maciel e muitos outros. A desgraça dos inconfidentes foi completa: Tiradentes, enforcado, esquartejado no Rio, e a sua cabeça exposta num poste na atual Praça Tiradentes em Ouro Preto; Freire de Andrade, Maciel, Alvarenga Peixoto e mais quatro, degredados para o resto da vida em África; dez companheiros, degredados por dez anos, entre os quais Gonzaga, que faleceu no ano de 1810, em Moçambique; os sacerdotes, que eram cinco, cumpriram sentença em conventos de Lisboa.

O sonho de Tiradentes e seus companheiros tornou-se realidade em 1822. Não sem algum tumulto. O *Fico* provocou uma reação absolutista em Vila Rica, inspirada pelo próprio presidente da Junta Provisória eleita em consequência da revolução constitucional portuguesa (1820), D. Manuel de Portugal e Castro, apoiado no comandante das forças, o Brigadeiro Pinto Peixoto. O Príncipe D. Pedro acudiu a Vila Rica, onde serenou os ânimos e obteve a adesão da Junta. Por ato de 13 de abril ordenou se elege-se nova Junta Provisória e seguiu para o Rio a 21. A eleição se realizou em 20 de maio na igreja do Carmo. Em 12 de outubro foi D. Pedro aclamado imperador em Vila Rica.

Em 20 de março de 1823 Vila Rica é elevada a cidade capital da província de Minas Gerais. Os sucessos políticos que acarretaram a impopularidade de D. Pedro repercutiram em Minas, e para pacificar a província o imperador resolveu visitá-la novamente (1831). Desta vez foi com sua esposa D. Amélia, mas não lhe correram as coisas como em 1821: a população de Ouro Preto recebeu-o friamente.

No entanto, dois anos depois, irrompia em Ouro Preto uma sedição de caráter restaurador. Aproveitando-se da ausência do presidente Manuel Inácio de Melo e Sousa, os rebeldes cercaram o palácio, prenderam o vice-presidente Bernardo de Vasconcelos e enviaram-no para Queluz acompanhado de uma escolta. Esta, porém, vendo as manifestações de simpatia e apoio com que ali foi recebido o vice-presidente, soltou Vasconcelos e voltou a Ouro Preto. Vasconcelos partiu para S. João del-Rei, onde instalou o governo legal, organizou a resistência, e em 9 de maio eram os rebeldes completamente batidos pelas tropas comandadas pelo General Pinto Peixoto, em José Correia, hoje Rodrigo Silva.

Em 1842, já no reinado de D. Pedro II, Ouro Preto viveu dias de grande agitação, esperando o ataque dos revolucionários liberais comandados pelo Coronel Nunes Galvão, os quais já haviam tomado Queluz. A cidade foi transformada em verdadeira praça de guerra. Os rebeldes, porém, desistiram de atacar a capital e marcharam para Sabará. O combate decisivo travou-se em Santa Luzia, onde os revolucionários foram batidos pelas tropas legais sob o comando de Caxias.

A República, proclamada em 15 de novembro de 1889, manteve em Ouro Preto a capital do Estado de Minas, até 12 de dezembro de 1897, data em que foi inaugurada a nova capital em Belo Horizonte, antigo arraial do Curral del-Rei. Em 12 de julho de 1933, pelo decreto federal n.º 22.928, foi Ouro Preto declarada Monumento Nacional.*

* Nota da 4ª edição: Em 2 de setembro de 1980, foi considerada Monumento Histórico Mundial pela Unesco, passando a integrar o Patrimônio Cultural da Humanidade.



2

*Impressões
de Viajantes
Estrangeiros*

Antonil,
Mawe,
Auguste de Saint-Hilaire,
Luccock,
Walsh,
Gardner,
Castelnau,
Milliet de Saint-Adolphe,
Burton.

Anteriormente ao século XIX parece que só existe um livro em que se dão impressões mais pormenorizadas sobre Vila Rica, e é o do jesuíta João Antônio Andreoni – *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, editado em 1711¹ e assinado **Antonil**. O jesuíta florentino descreve o distrito das Minas por volta de 1708: não passava de um imenso arraial de 30.000 almas sobre as quais não havia coação ou governo algum bem ordenado, “nem ministros nem justiças que tratassem ou pudessem tratar do castigo dos crimes, que não eram poucos, principalmente de homicídios e furtos”. Agrupamento tumultuário de aventureiros que desperdiçavam o ouro em jogo e superfluidades. Foi o tempo em que os homens de cabedal pagavam mil cruzados por um negro trombeteiro e dois mil “por uma mulata de mau trato”. No meio dessa população áspera e sôfrega de catadores circulava uma turba de vadios que iam às minas para tirar ouro “não dos ribeiros, mas dos canudos em que o ajuntam e guardam os que trabalham nas catas”. Tantos eram os crimes, tão lamentáveis as traições, tão desregrado o viver, que Antonil remata o quadro dos danos causados ao Brasil pela cobiça das minas com estas palavras sinistras como uma praga: “Nem há pessoa prudente que não confesse haver Deus permitido que se descubra nas minas tanto ouro para castigar com ele ao Brasil.”

Durante o século XVIII nenhum outro estrangeiro escreveu sobre as minas. O próprio livro de Antonil, apesar de ter passado por todas as censuras civis e eclesiásticas, foi depois perseguido pelo governo português, só tendo divulgação na 2.^a edição, de 1838.

¹ Revista do Arquivo Público Mineiro, t. IV, 1837.

John Mawe (*Travels in the Interior of Brazil*, Londres, 1812), geólogo inglês, foi o primeiro estrangeiro que no século XIX obteve licença para visitar a zona mineira e o distrito dos diamantes. O primeiro aspecto de Vila Rica decepcionou-o. Ele vinha com a cabeça cheia das tradições do século anterior, que davam a pobre vilazinha de terrenos regorgitantes de ouro como a terra mais rica do mundo. “Apesar de situada em eminência bastante elevada, o seu aspecto não é nem imponente nem notável. Nada na vizinhança corresponde à magnificência do seu nome.”

O clima lhe pareceu agradável, “semelhante talvez ao de Nápoles”.

Encantaram-no os jardins e pomares da cidade: “Jardins plantados com muito gosto e cuja singularidade de arranjo apresenta espetáculo deveras curioso [falava da disposição em socalcos]. Essas terrasses me parecem o verdadeiro império de Flora. Nunca vira eu tão grande quantidade de belas flores, excelentes hortaliças, alcachofras, aspargos, espinafre, couves...” Cita com entusiasmo um pé de couve de 14 polegadas de diâmetro.

Nada disso vê o viajante de agora. É verdade que sete anos depois Saint-Hilaire, descrevendo os mesmos jardins, caçoa de Mawe. “São esses jardins (Jardinzinhos mal cuidados... Laranjeiras, cafeeiros, bananeiras plantadas quase sem ordem... A couve, a principal hortaliça... Entre as flores as preferidas, cravos e rosas de Bengala), são esses jardins que um viajante acreditou poder chamar pomposamente o *reino de Flora*.”



As casas das pessoas de alta classe pareceram a Mawe muito mais cômodas e mais bem mobiliadas que as do Rio e São Paulo. Os leitos sobretudo mereceram-lhe descrição: “Nunca vi camas tão magníficas como as da gente rica desta capitania, sem excetuar mesmo as da Europa. Os pés de madeira ou guarnecidos de couro, lençóis de linho bordados de renda com nove polegadas de largura. Travesseiros envolvidos em tafetá róseo coberto de bela musselina guarnecida de larga renda. Colcha de damasco amarelo bordado como os lençóis e os travesseiros.”

A Rua Direita (Bobadela atual) era a mais bonita. Ainda o é, mas já não se vê hoje, como no tempo de Mawe, “nos cantos das ruas grupos de pessoas da baixa classe diante das imagens da Virgem colocadas em nichos”.

Havia teatro, com “cenários bonitos e atores passáveis”.

Auguste de Saint-Hilaire (*Voyages dans l'Intérieur du Brésil*, Paris, 1852) passou por Vila Rica em 1816. Melhor que ninguém fixou o aspecto sombrio, devastado, melancólico da paisagem ouro-pretense. Tanto ele como Mawe falam com interesse da manufatura local de faiança. O francês elogia a forma dos vasos e aponta como defeito o verniz demasiado espesso. Para ele a fábrica de Vila Rica acabaria rivalizando com as da Europa, se os habitantes do país, “escutando a honra e o interesse, quisessem fazer esforços para sustentar aquela manufatura”. Parece que os habitantes não escutaram nem honra nem interesse... A manufatura desapareceu. No entanto os mineiros dispõem de uma terra de porcelana que a Mawe se afigurou superior à empregada em Sèvres. Ela provinha do morro de Santo Antônio, perto de Congonhas do Campo. Saint-Hilaire notou com espanto que os mineiros, apesar de orgulhosos de sua pátria, não falavam senão com desprezo da única manufatura que possuíam e cujos defeitos exageravam.

Como todos os estrangeiros, queixou-se o naturalista de não ter avistado as senhoras. Apenas uma vez teve ocasião de observá-las, no palácio do Governador, em noite de baile. “Ficamos surpresos de não encontrar, a tão grande distância da costa, diferença mais sensível entre as maneiras das senhoras e as das européias.” Dançou-se. Fez-se música. “Algumas damas cantaram de maneira muito agradável.” No meio da festa apareceu uma mulata que dançou o fandango, e aquelas senhoras, às quais apenas lhe fora consentido dirigir a palavra, “permaneceram tranqüilas espectadoras de dança tão livre”, sem escândalo de ninguém.

Em dias subseqüentes visitou Saint-Hilaire os maridos, que eram as principais personagens da vila. Mas ficou desapontado de não pôr os olhos em nenhuma mulher...

As impressões de outros estrangeiros ilustres coincidem. Há sempre um ar de decepção ante a decadência do lugar. Nenhum sentiu a emoção que ele desperta nos nacionais. O pitoresco a que os estrangeiros de agora são tão sensíveis não podia impressionar muito os viajantes do século passado, pois a arquitetura colonial dava o mesmo caráter às cidades do litoral – Recife, Bahia, Rio.

John Luccock (*Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil*, Londres, 1820), que residiu no Brasil de 1808 a 1818, também viajou por Minas e parou em Vila Rica. Só mesmo o amor do ouro, diz ele, poderia ter levantado uma cidade em tal lugar. Materialmente ela agradou-lhe. Um quinto das suas 2.000 casas de então lhe pareceram boas, alguns edifícios públicos apresentando certo ar de grandeza “desconhecido nas outras cidades do Brasil”. E notou as fontes “de nobre estrutura”. O que lhe desagradou foi a aparência e maneiras dos vila-ricanos em geral. Falava naturalmente da gente que via ordinariamente nas ruas, onde a predominância era de negros e mulatos, a maioria viciados e miseráveis. Observou que as práticas religiosas da Ave-Maria junto aos oratórios e as grandes cerimônias da Igreja deixavam *unaffected* o coração dessa canalha, e cita o caso de um sujeito que tirava a reza aos pés da Virgem e conversava de insignificâncias quando acabava a sua parte.

Outro inglês, o Rev. **Walsh** (*Notices of Brazil in 1828 and 1829*, Londres, 1830), que passa por ter injuriado o prestígio britânico no Brasil, tais coisas espalhou de nós, todavia falou de Ouro Preto com muita inteligência e simpatia. Não teve o reverendo ânimo de se instalar na hospedaria para onde o levaram – “um grande casarão com frontaria ornamentada, molduras e cornijas nas janelas e tetos, com balcões e varandas de estilo respeitável”, mas inteiramente em pedaços. Devia ser a mesma estalagem de que falou mais tarde Francis de Castelnau (*Expédition dans les Parties Centrales de l’Amérique du Sud*, Paris, 1850) como a pior do mundo, “como talvez nem mesmo na Espanha se pudesse encontrar”.

Walsh admirou-se de achar nas lojas toda a sorte de manufaturas inglesas – algodão de Manchester, lãs finas de Yorkshire, meias de Nottingham, chapéus de Londres, cutelaria de Sheffield (Mawe observara o mesmo), “tudo tão abundante e barato como nas cidades em que se manufaturavam”. O seu sentimento patriótico inchou tanto que extravasou num hexâmetro da *Eneida*.

A vista do alto da Praça lhe pareceu realmente bonita. “Nove igrejas dão à cidade um ar de importância considerável. Com efeito, essas igrejas são uma feição característica do Brasil em toda a parte.” De resto, acrescenta, tudo o que feria a vista do estrangeiro lembrava-lhe que a cidade fora outrora um lugar de opulência e importância. Era ainda próspera, embora decadente.

Depois de Walsh veio **George Gardner** (*Travels in the Interior of Brazil*, Londres, 1846), que aqui se demorou entre 1836 e 1841, colhendo material para o Jardim Botânico de Ceilão, do qual era superintendente. Gardner diz pouco de Ouro Preto, cujo aspecto achou menos majestoso que o de Mariana, não por falta de grandes edifícios, mas pela irregularidade do sítio. Das igrejas salientou a do Carmo, que lhe pareceu a mais bela. Fala da existência de quatro jornais, dois governistas e dois oposicionistas, e cuja matéria era toda de natureza política. Pudera! Era o tempo em que a Província estava toda dividida pelas lutas da Regência e da Maioridade, e naturalmente daqueles quatro jornais dois eram “caramurus” e dois “chimangos”... Hoje não se imprime nenhum jornal na cidade.²

Castelnau esteve em Ouro Preto no tempo do governo do General Andréia. Foi o que levou vida mais aprazível. Logrou penetrar no salão da senhora Ferraz, onde passou noites bem agradáveis no seio de uma sociedade numerosa e “digna de nota pela elegância e pelas maneiras”. Os habitantes de Ouro Preto lhe pareceram mais adiantados que os da maior parte das cidades do Brasil. Talvez pelas boas apresentações que trazia, pôde desfrutar livremente da sociedade feminina, onde conheceu várias senhoras “notáveis pela boa educação que haviam recebido”. Ou então os hábitos mouriscos de retraimento e reclusão já tinham cedido lugar à sociabilidade que se manteve até à mudança da capital.

Duas coisas aborreceram Castelnau nos ouro-pretanos: o costume de queimar bombas de estouro e o de *beugler devant les madones*. Os turistas de hoje podem ficar descansados: nada perturba agora o sono dos viajantes senão, uma vez ou outra, alguma rapaziada de estudantes.³ Outro francês, **Milliet de Saint-Adolphe**, que veio para o Brasil no primeiro quartel do século XIX e aqui residiu por espaço de 26 anos (*Dicionário*

² Atualmente, Ouro Preto conta com os jornais semanais *O Liberal*, *Jornal do Povo*, *Inconfidente*, *Tribuna Livre* e *Jornal Ouro Preto*. O município conta ainda com a *Agenda Cultural*, publicação mensal, a Rádio Ouro Preto e a TV TOP Cultura, que tem uma programação local e faz parceria com a TV Cultura de Belo Horizonte.

³ Hoje em dia, a grande movimentação madrugada adentro na Rua Direita e na Praça Tiradentes também pode perturbar o sono dos viajantes...



Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil, tradução de Caetano Lopes de Moura, Paris, 1863), faz uma triste descrição de Ouro Preto: “...casas edificadas sem simetria em outeiros desiguais, com quintais estreitos, mal cultivados e separados uns dos outros por muros arruinados – eis o aspecto pouco lisonjeiro que oferece a capital de Minas Gerais.”

O estrangeiro que mais escreveu sobre Ouro Preto foi o inglês **Richard Francis Burton** (*Explorations of the Highlands of the Brazil*, Londres, 1869), que visitou a cidade em 1867. Hospedou-se na Rua S. José, atual Tiradentes.⁴ Fez uma volta pelo leste, outra por oeste. Os seus comentários de humanista citador de latim têm bastante sabor.

O latinista não perdoa o mau latim dos chafarizes. Citando os hexâmetros da fonte dos Contos, graceja: “A água é melhor que a latinidade.”

Aliás, seria difícil encontrar fora do século de Augusto latinidade com a pureza da água de Ouro Preto.

A respeito da Marília consigna que se casou e foi mãe de três filhos, um dos quais era o Dr. Anacleto Teixeira de Queiroga. “Talvez agora seja ela mais conhecida como a *mãe do Dr. Queiroga*.” A informação do inglês aqui é errada, e parece que no seu erro se fundaram outros escritores que têm tratado da noiva de Tomás Antônio Gonzaga, entre estes Olavo Bilac no seu livro *Crítica e Fantasia*. Tomás Brandão restabeleceu a verdade em sua obra *Marília de Dirceu*, provando ter havido confusão de Marília com sua irmã Emerenciana.

Fisicamente, Ouro Preto pareceu a Burton indigna da vasta província que governava. “Mesmo em São Paulo seria apenas uma cidade de segunda ordem.” As igrejas, cujo encanto caracteristicamente

⁴ A Rua Tiradentes hoje chama-se, novamente, São José.

brasileiro impressionou o seu compatriota Walsh, afiguravam-se-lhe enormes paióis (*huge barns*), destituídos de gosto e apenas vistosos internamente. Mal deu um *hand-some* ao exterior de S. Francisco, passando sem uma palavra de louvor para as talhas do Aleijadinho – *the ubiquitous little Cripple*.

Burton assinala a feição mourisca de certos hábitos: assim o das mulheres irem de mantilha à missa, o rosto quase todo escondido. Aliás impressionou muito o inglês o recato das mulheres do interior brasileiro. “*Exceptionally pure*”, diz ele. Encantaram-no, sobretudo, as mineirinhas de treze a dezesseis anos.

Outra coisa em que se deliciava o inglês era o tutu de feijão, prato que achou muito higiênico, apesar de indigesto se comido todos os dias.



3
*Ouro Preto,
a Cidade
que não Mudou*

Não se pode dizer de Ouro Preto que seja uma cidade morta. Morta é São José del-Rei.¹ Ouro Preto é a cidade que não mudou, e nisso reside o seu incomparável encanto. Passada a época ardente da mineração (em que foi, de resto, um arraial de aventureiros, a sua idade mais bela como fenômeno de vida), e a salvo do progresso demudador, pelas condições ingratas da situação topográfica, Ouro Preto conservou-se tal qual, em virtude mesmo da sua pobreza, aquela pobreza que já por volta de 1809, segundo depoimento de Mawe, fazia trocá-la por escárnio em Vila Pobre o nome de sua fundação em 1711, que era o de Vila Rica de Albuquerque.

Na sua decadência econômica, que remonta às últimas décadas do século XVIII, não houve dinheiro para abrir ruas, alargar becos, restaurar monumentos. Nas reparações dos prédios envelhecidos a economia levou sempre a alterar o menos possível. Em casas novas ninguém pensava. Elas são raríssimas na cidade, que enfeiam pelo contraste chocante com o resto da edificação.

¹ Atual Tiradentes.

3 *Ouro Preto, a Cidade que não Mudou*

34

PÁGINA ANTERIOR:
“NÃO SE PODE DIZER DE OURO
PRETO QUE SEJA UMA CIDADE
MORTA. (...) OURO PRETO É A
CIDADE QUE NÃO MUDOU, E NISSO
RESIDE O SEU INCOMPARÁVEL
ENCANTO”

AO LADO:
CONHECER O CENTRO HISTÓRICO
DE OURO PRETO É COMO FAZER
UMA VIAGEM DE VOLTA AO TEMPO
DOS INCONFIDENTES,
NO SÉCULO XVIII.



Aqui é que caberia melhor que em qualquer outro sítio o sentimento do poeta:

“Je n’aime pas les maisons neuves:

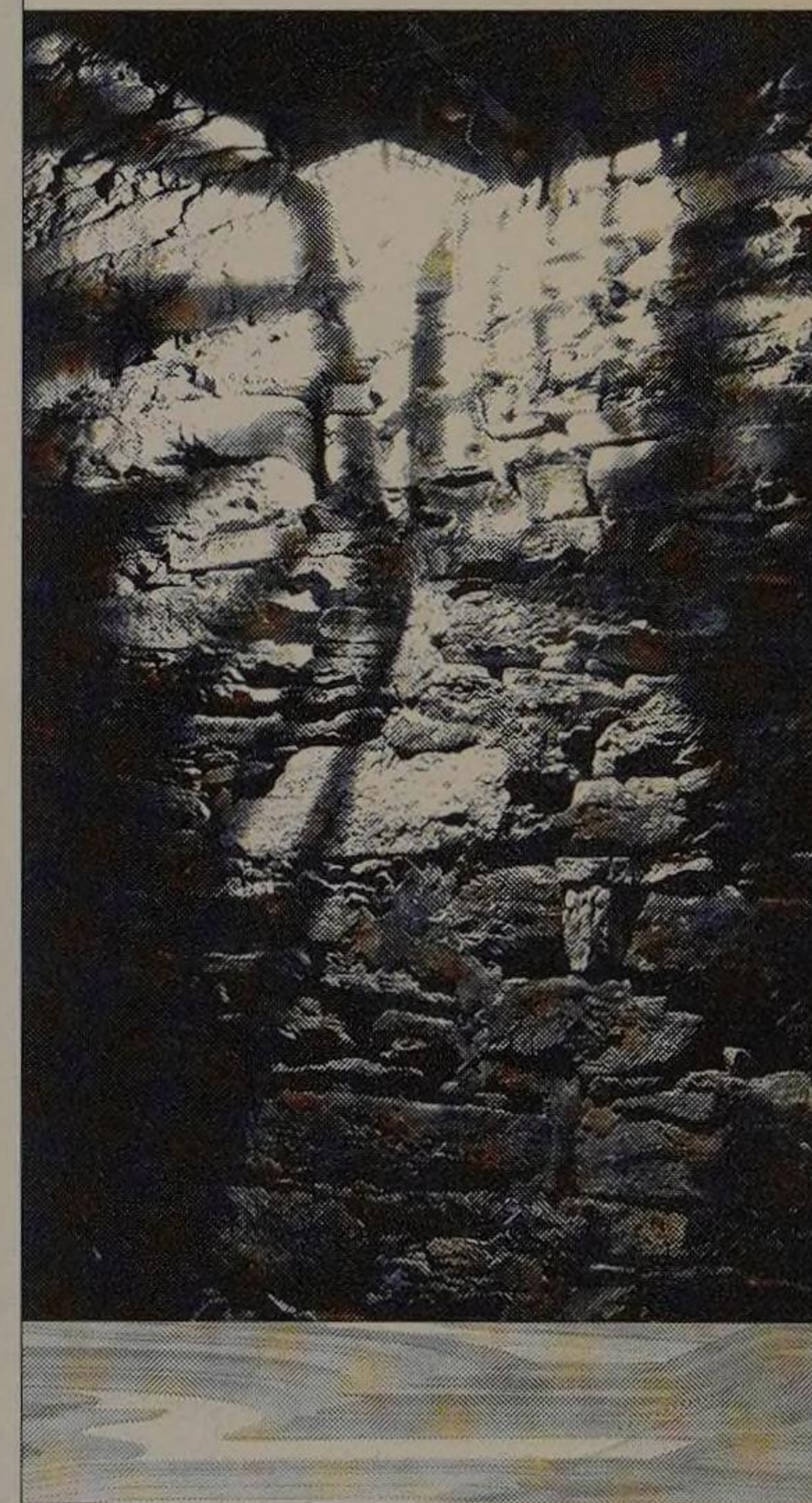
“Leur visage est indifférent.”

Há em algumas dessas casas novas a intenção de retomar o estilo das velhas. Mas falta a essa arquitetura de arremedo o principal em tudo, que é o caráter. Essa maneira arrebitada e enfeitadinha que batizaram de estilo neocolonial tomou à velha construção portuguesa uma meia dúzia de detalhes de ornato, desprezando por completo a lição de força, de tranqüila dignidade que é a característica do colonial legítimo. As velhas casas do tempo são de uma severidade quase dura. Saint-Hilaire quando viu o Palácio dos Governadores achou até que não parecia palácio. “Esse pretenso palácio”, diz ele, “apresenta uma massa de edificações pesadíssimas demais e de mau gosto.” Pode ser que eu esteja errado, mas o mau gosto me parece que é do francês. O caráter do palácio convinha até muito bem a uma construção destinada a servir de residência fortificada, e daí o seu aspecto de castelo-forte.

Os viajantes estrangeiros são quase sempre insensíveis aos elementos mais profundos ou mais sutis dos costumes e do sentimento artístico dos países que visitam. Um exemplo curioso se encontra na estranheza que lhes produz a tradicional disposição da mobília em nossas salas de visitas: o sofá com as duas linhas perpendiculares de cadeiras. A observação superficial atribui logo esse hábito ao gosto primário da simetria, quando em verdade é uma sobrevivência tenaz de costumes árabes herdados por intermédio dos portugueses.

Saint-Hilaire, falando das capelas de Ouro Preto, limita-se a mencionar S. Francisco e Nossa Senhora do Carmo, dando a impressão que não penetrou nelas. Entretanto estende-se um pouco sobre Nossa Senhora do Pilar e Conceição de Antônio Dias, certamente por serem as duas matrizes.

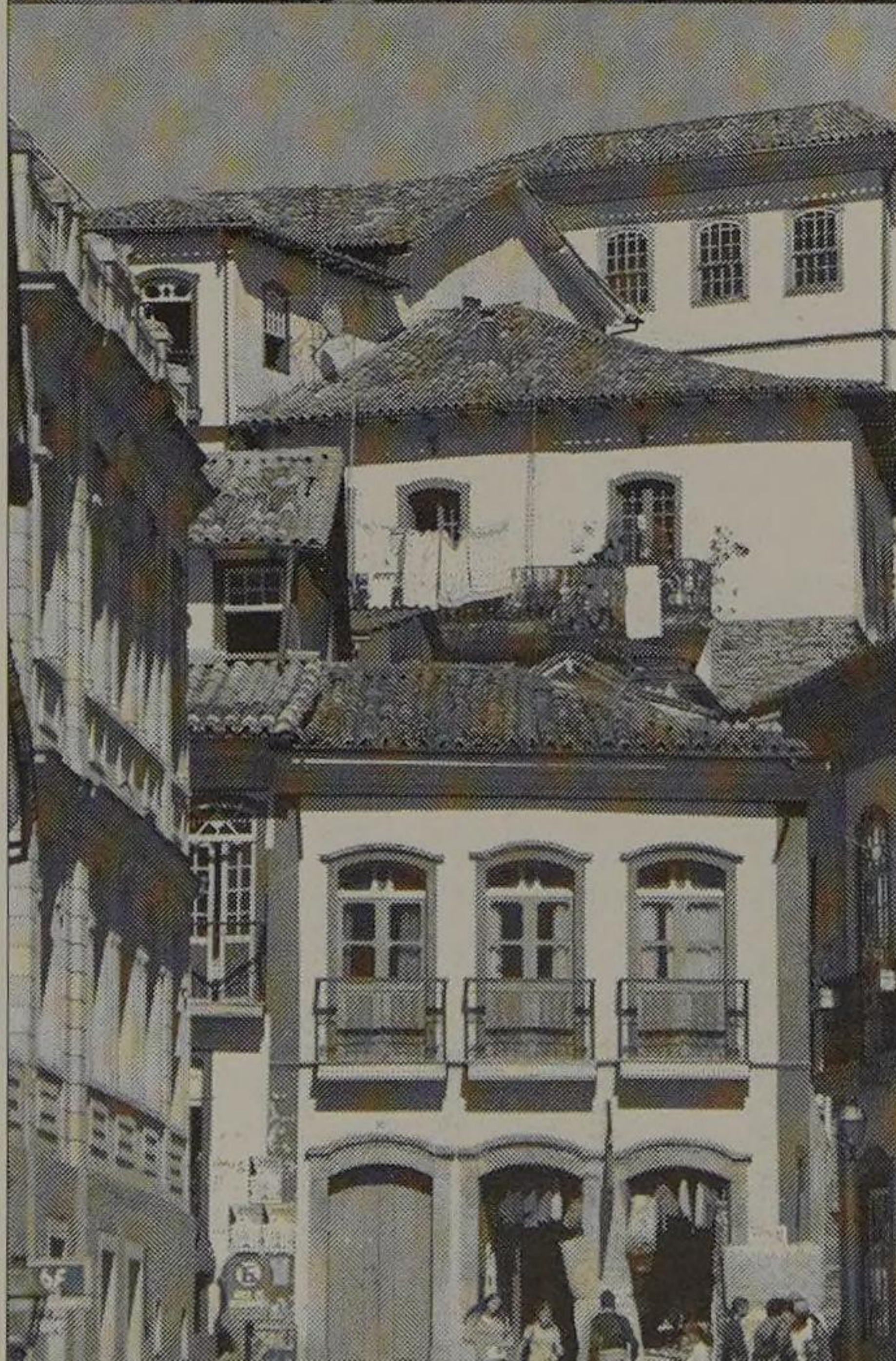
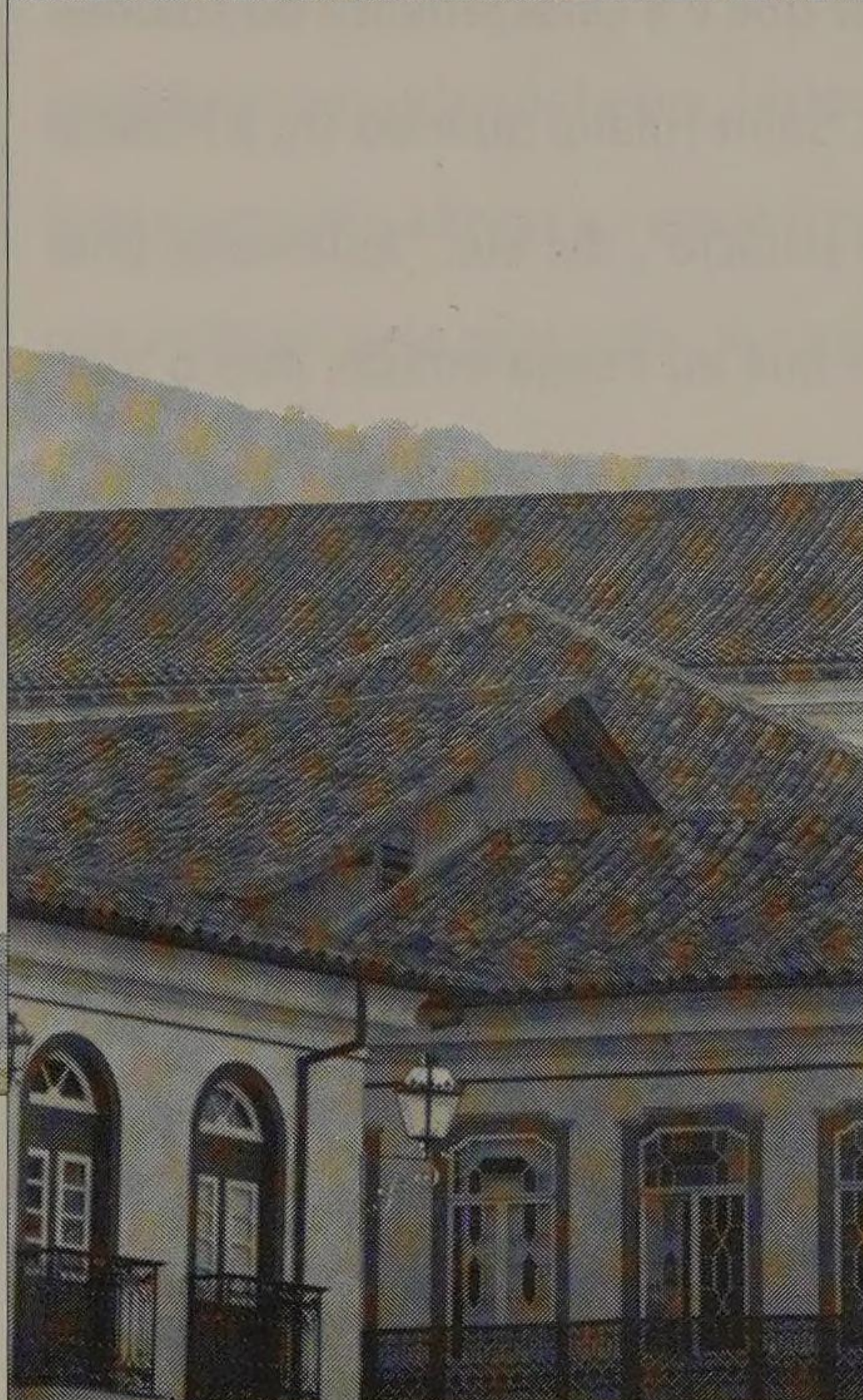
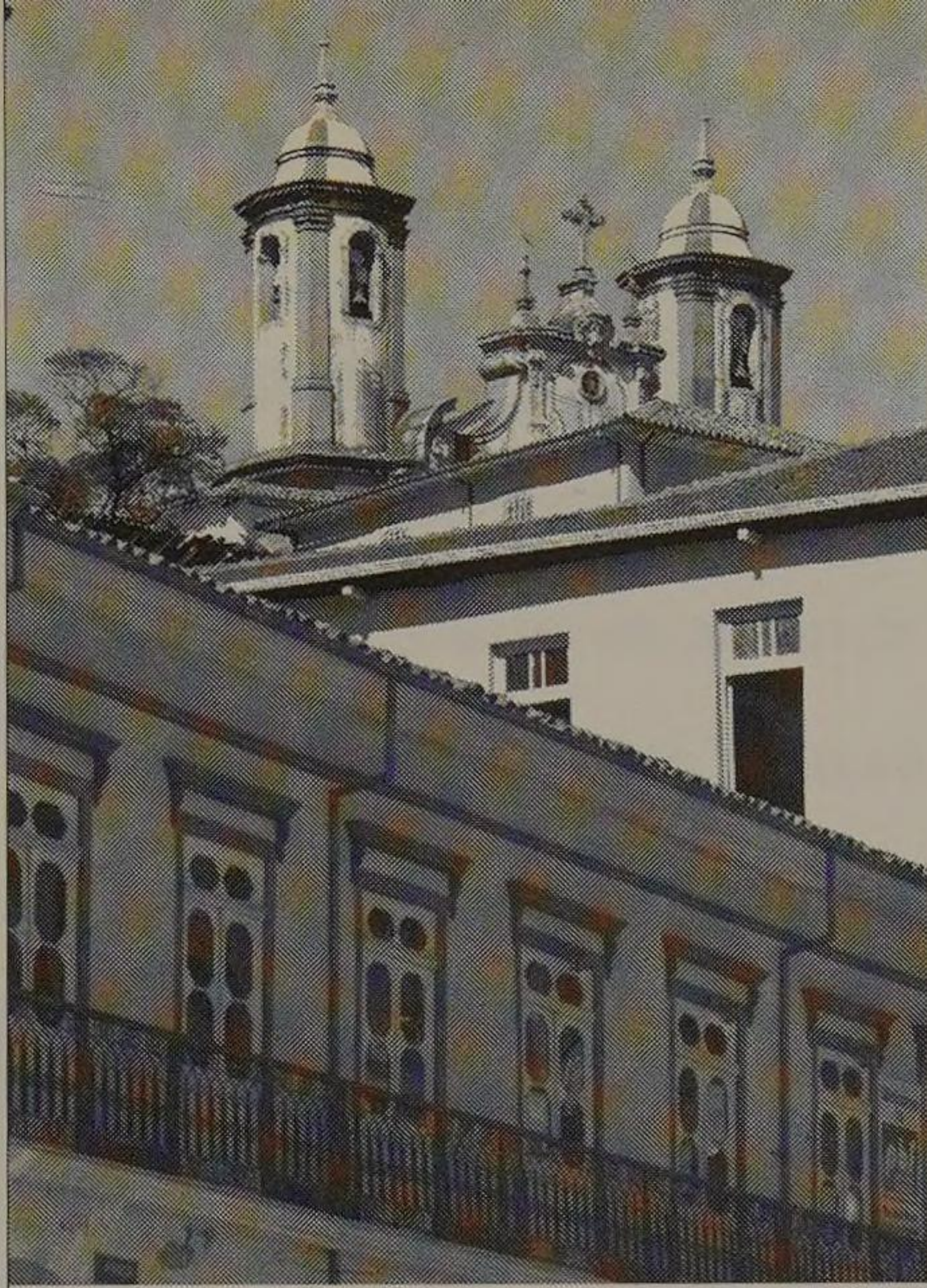
Burton, esse então, diz bobagens completamente inconsciente da grandeza criadora do Aleijadinho. Diante da frontaria de São Francisco, da qual se pode repetir o que Anatole France disse do pavilhão central do Louvre – *ciselé comme un joyau d’art* –, o seu convencionalismo de humanista ficou muito ofendido porque viu duas colunas jônicas “desgraciosamente convertidas em pilastras”. A propósito das colunas e pilastras que sustentam o coro de Nossa Senhora do Carmo, faz pilhéria, chamando-lhes a



3 *Ouro Preto, a Cidade que não Mudou*

36

“PASSADA A ÉPOCA ARDENTE DA
MINERAÇÃO (...), E A SALVO DO
PROGRESSO DEMUDADOR, PELAS
CONDIÇÕES INGRATAS DA
SITUAÇÃO TOPOGRÁFICA, OURO
PRETO CONSERVOU-SE
TAL QUAL (...)”



kind of “barrigudo” style. Nem uma palavra para o delicioso lava-tório de São Francisco.

O que todos admiraram, porque lhes lembrava o belo bem aprovadinho dos palácios do Renascimento italiano, foi o edifício do antigo Paço Municipal.

Para nós, brasileiros, o que tem força de nos comover são justamente esses sobradões pesados, essas frontarias barrocas, onde alguma coisa de nosso começou a se fixar. A desgraça foi que esse fio de tradição se tivesse partido.

Mas os prédios novos são exceção em Ouro Preto. Ela conservou, mercê de sua pobreza, uma admirável unidade. De todas as nossas velhas cidades é ela talvez a única destinada a ficar como relíquia inapreciável do nosso passado. As duas outras que se lhe irmanam nessa feição tradicionalista estão fadadas a uma renovação sem cura: Bahia e Olinda. Em ambas é ainda bem forte a emoção especial ligada aos vestígios dos séculos defuntos. Mas Olinda é cada vez mais arrabalde do Recife. A capital acabará fatalmente por absorvê-la. Quando à cidade do Salvador, o progresso, que tudo renova, fará com ela o que já fez com o velho Rio e o velho Recife.



4

*As Duas
Grandes Sombras
de Vila Rica*

As duas grandes sombras de Ouro Preto, aquelas em que pensamos invencivelmente a cada volta de rua, são o Tiradentes e o Aleijadinho.

É ainda hoje difícil formar um juízo seguro sobre Joaquim José da Silva Xavier. Alguns dos seus companheiros da Inconfidência falaram dele desdenhosamente nos depoimentos da devassa. Alvarenga diz que ele era “um oficial feio e espantado”. O Coronel Domingos Vieira chama-o “malvado”. Cláudio Manuel da Costa afirmou que o alferes era homem de tão fraco talento, que nunca serviria para se tentar com ele um levante. Gonzaga, que não gostava dele, chama-o na Lira XXXVIII “um pobre, sem respeito e louco”.

A esses depoimentos se contrapõem os serviços de que foi Silva Xavier encarregado pelo Governo: abertura da picada para as matas de leste, em direção aos sertões do Paraíba; patrulhamento da Mantiqueira, onde com grande prudência acabou com os bandidos que a infestavam; e quando o sargento-mor Pedro de São Martinho foi encarregado pelo Governo de examinar e averiguar as Áreas Proibidas dos sertões de leste, Tiradentes foi designado como perito para estudar se as formações desses sertões poderiam dar ouro, tirar a configuração cosmográfica e geográfica da região e indicar as situações mais próprias onde estabelecer Registros, Rondas ou Patrulhas.

A verdade é que Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga eram homens requintados, letrados, a quem a vida corria fácil, ao passo que o alferes sempre lutara pela subsistência: antes de alistar-se na tropa paga vivera da profissão que lhe valeu o apelido. Não obstante, foi ele talvez o único a demonstrar fé, entusiasmo e coragem na aventura de 89. Descoberta a conspiração, enquanto os outros, entibiados, não procuravam outra coisa senão salvar-se, ele revelou a mais heróica força de ânimo, chamando a si toda a culpa e enfrentando com serenidade a pena última.

O que se sabe da vida do Aleijadinho resume-se aos “Traços Biográficos Relativos ao Finado Antônio Francisco Lisboa”, publicados por Rodrigo José Ferreira Bretas, em 1858, no *Correio de Minas*, números 169 e 170, e posteriormente reimpressos na *Revista do Arquivo Público Mineiro*¹. Ora, Antônio Francisco faleceu em novembro de 1814. O biógrafo Rodrigo Bretas ainda conheceu muitos contemporâneos do artista, entre os quais a nora Joana, em cuja casa Antônio Francisco passou os últimos

¹ Publicação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 15, Ministério da Educação e Saúde, 1951.

dois anos de sua longa e atormentada existência. Os informes de Bretas foram colhidos não somente na tradição oral, como ainda na “memória” do Vereador Joaquim José da Silva, escrita em cumprimento de ordem régia, de 1872, que mandava registrar em livro próprio da administração os fatos notáveis. Embora deixem obscuros uma porção de pontos que seria tão curioso conhecer, todavia ilustram suficientemente a personalidade do artista, que naquela curta notícia avulta em toda a força e originalidade da sua prodigiosa figura.

Antônio Francisco Lisboa nasceu em 1738 e era filho natural do mestre-de-obras português Manuel Francisco Lisboa. Teve vários irmãos paternos. Um deles, o Padre Félix, também trabalhou em talha. A ele cabe a autoria da imagem de S. Francisco na capela do mesmo santo, as de S. Benedito e Santo Antônio na Igreja do Rosário, além de trabalhos diversos, de certa importância, para outras igrejas.

Antônio Francisco freqüentou apenas a classe de primeiras letras. Sabe-se que depois de adulto a sua principal leitura era a Bíblia, alimento de sua arte, toda ela de inspiração religiosa; os livros de Medicina é provável que os lesse em busca de conhecimentos para tratamento e lenitivo de sua medonha enfermidade. No que respeita à instrução técnica, teve-a e da melhor, porquanto se formou nas empreitadas do pai.

Segundo informações colhidas por Bretas, era Antônio Francisco pardo-escuro, de baixa estatura, corpo cheio e mal configurado; tinha entretanto o nariz regular, algum tanto pontiagudo; a testa era larga; o cabelo preto, basto e anelado; a voz, forte; a fala, arrebatada. Até a idade madura gozou de perfeita saúde, de que abusava aliás, sendo grandemente dado aos vinhos, às mulheres e aos folguedos populares. Foi então que a doença terrível o acometeu, deformando-o a ponto de lhe trocar o nome no apelido pelo qual ficou para sempre conhecido.

Que estranha enfermidade seria essa que, pelo menos durante trinta e sete anos, afligiu, desfigurou e mutilou aquele físico robusto de mestiço? Rodrigo Bretas insinua, a par da lepra e da zamparina, uma possível “complicação de humor gálico com escorbuto”. É de crer fosse a lepra. O médico René Laclette, em estudo escrito para o número especial de *O Jornal*, dedicado a Minas Gerais (1929), conclui pela lepra nervosa como diagnóstico “menos improvável”, visto que no quadro clínico apresentado por Antônio Francisco se encontravam vários sintomas do mal de Hansen: atrofia dos músculos das mãos, que depois curvaram e chegaram a cair; as nevralgias fortíssimas; a atrofia do orbicular das pálpebras com ectrópio (“as pálpebras inflamaram-se e

permanecendo nesse estado ofereciam à vista a sua parte inferior”); a paralisia facial; a queda dos dentes.²

O Aleijadinho padecia freqüentemente dores violentas, tão agudas, que o levaram mais de uma vez a mutilar-se os dedos com o próprio instrumento com que lavrava a pedra. Caíram-lhe todos os dedos dos pés, e desde então não caminhava senão de joelhos, para o que mandou fazer umas joelheiras de couro, e assim marinava escadas acima com grande agilidade. Perdeu também quase todos os dedos das mãos. Para trabalhar, era mister que lhe amarrassem às mãos o cinzel e o martelo. Foi assim que, em idade já avançada, lavrou ele as doze estátuas dos profetas e as sessenta e tantas figuras dos Passos de Congonhas do Campo.

Todavia, a enfermidade, longe de abater o ânimo de Antônio Francisco, como que estimulou a sua extraordinária capacidade de trabalho. O principal efeito dela foi segregá-lo da sociedade, que ele passou a evitar. Às primeiras horas da madrugada punha-se a caminho do local em que devia trabalhar, quase sempre uma igreja ou capela, donde só regressava noite fechada. Ia sempre a cavalo, embuçado em ampla capa, chapéu desabado, fugindo a encontros e saudações. No próprio sítio da obra, ficava a coberto de uma espécie de tenda, e não gostava de mirones. Quando algum ousava aproximar-se-lhe, ainda que fosse personagem da alta qualidade, como sucedeu ao Capitão-General D. Bernardo de Lorena, Antônio Francisco atacava a pedra com tal fúria, que uma saraivada de estilhas botava prontamente em fuga o indiscreto. Não sendo a serviço, só saía de casa para assistir à missa, o que fazia sempre na matriz da Conceição de Antônio Dias.

Os últimos meses de vida passou-os Antônio Francisco entrevado e cego, num pequeno estrado, três tábuas sobre dois cepos de pau, implorando continuamente o Senhor “para que sobre ele pusesse os seus divinos pés”. Expirou a 18 de novembro de 1814.

² O médico mineiro Geraldo Barroso de Carvalho, especialista em dermatologia e hansenologia, estuda no livro *Doenças e Mistérios do Mestre Aleijadinho* (Ponte Nova, Minas Gerais: Ed. do Autor, 1998) os males físicos atribuídos ao artista ao longo do tempo: intoxicação pela cardina, zamparina, escorbuto, sífilis, framboesia, tromboangeíte obliterante, esclerodermia, siringomielia, poliomielite, hanseníase e porfiria cutânea tardia. Esta última possibilidade merece atenção especial do médico, levando-o a chefiar uma equipe que exumou novamente, em 16 de março de 1998, os ossos do Aleijadinho – o artista está enterrado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, próximo ao altar de Nossa Senhora da Boa Morte – para estudá-los em laboratório. Defendendo ou reduzindo a credibilidade em relação a algumas das doenças indicadas, Geraldo aponta a porfiria como uma das principais causas responsáveis pelo fato de Aleijadinho ter quase sempre trabalhado ao abrigo da luz, para se precaver das dores provenientes da exposição ao sol que sofrem os portadores dessa doença. Esta tese é reforçada pela constatação da vermelhidão dos ossos do artista, tornada possível com a nova exumação. O médico concluiu que o complicado quadro da doença de Aleijadinho reúne principalmente aspectos da poliomielite, da porfiria e da hanseníase, segundo os argumentos que desenvolve no livro citado.



Entenda-se que o diminutivo de Aleijadinho é significativo da pura compaixão e meiguice brasileira. O homem a que ele se aplicou nada tinha de fraco nem pequeno. Era, em sua disformidade, formidável. Nem no físico, nem no moral, nem na arte, nenhum vestígio de tibieza sentimental. Toda a sua obra de arquiteto e escultor é de uma saúde, de uma robustez, de uma dignidade a que não atingiu nenhum outro artista plástico entre nós. As suas igrejas, que apresentam uma solução tão sábia de adaptação do barroco ao ambiente do século XVIII mineiro, não criam aquela atmosfera de misticismo quase doentio que há, por exemplo, em S. Francisco de Assis, da Bahia, ou na Misericórdia, de Olinda: nas claras naves de Antônio Francisco dir-se-ia que a crença não se socorre senão da razão; não há nelas nenhum apelo ao êxtase, ao mistério, ao alumbramento.

Estão definitivamente comprovadas por lançamentos nos livros de receita e despesa das Irmandades, ou recibos autógrafos do artista ou através de cuidadosos exames e confrontos, as seguintes obras:

Em Ouro Preto

S. Francisco de Assis

Risco geral da igreja, risco da portada, risco de tribuna do altar-mor, esculturas de portada, escultura dos púlpitos, do barrete, do retábulo, da capela-mor, risco dos altares laterais, os quais foram executados com alterações, fonte da sacristia (a qual não consta dos livros de receita e despesa pelo fato de ter sido oferta dos sacristãos).

Carmo

Risco da atual portada, lavatório da sacristia, e altares laterais de S. João e de Nossa Senhora da Piedade.

Mercês de Baixo

Risco da capela-mor, atualmente reformada; imagens.

4 *As Duas Grandes Sombras de Vila Rica*

42

EM PRIMEIRO PLANO, A IGREJA DE SÃO JOSÉ; AO FUNDO, A IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA.

Conceição de Antônio Dias

Quatro suportes de essa.

S. José

Risco da capela-mor.

Riscos da torre e do retábulo.

S. Francisco de Paula

Imagem do padroeiro.

Bom Jesus de Matozinhos

Estátua de S. Miguel Arcanjo no nicho e demais esculturas no frontispício.



Rosário

Imagem de Santa Helena.

Museu da Inconfidência

Imagem de S. Jorge, imagem de Cristo na coluna, duas imagens de Nossa Senhora e quatro figuras de presepe.



Em Congonhas do Campo

Santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos

Os profetas, as figuras dos Passos, castiçais, ainda não identificados, lâmpadas da caixa do órgão que existiu na igreja e foi retirado devido ao seu estado de ruína; sacrários na sacristia.

Matriz

Risco e escultura da sobreporta; risco do coro.



Em Sabará

Carmo

Risco do frontispício, execução dos ornatos da portada e da empena, dois púlpitos esculpidos, coro com dois atlantes, grades do corpo da igreja, imagens de S. Simão Stock e S. João da Cruz. (A identificação destes trabalhos se fez graças a pesquisas do Dr. Zoroastro Viana Passos, *Em torno da História do Sabará*, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, publicação número 5, 1940.)




Em São João del-Rei

São Francisco de Assis

Risco da igreja, parte da escultura da portada; execução dos altares colaterais, e pequena imagem de São João Evangelista.


Carmo

Risco da portada e participação nas esculturas.

 **Em Catas Altas**


Conceição

Imagem do Cristo crucificado.

 **Em Caeté**

Matriz

Altar colateral e imagem de N. S. do Carmo com o menino Jesus.

 **Em Santa Rita Durão**

Rosário

Altar colateral.

 **Em Morro Grande³**

S. João

Escultura de S. João Batista na portada e da tarja no arco-cruzeiro.

³ Atual Barão de Cocais.



5

*Passeios
a pé no Centro*

A rua mais animada de Ouro Preto é a de Tiradentes.¹ Aí é que estão os Correios e Telégrafos, o Hotel Tóffolo,² a Associação Comercial (esta em prédio novo mas imitando os sobrados do velho estilo), o único cinema da cidade,³ os melhores cafés e confeitarias, as principais casas de comércio.⁴ No terreno em que se levanta a Associação Comercial é que existia a casa de Tiradentes. Segundo mandava a sentença que o condenou, foi ela arrasada e o terreno salgado; no local ergueu-se um padrão de ignomínia, mandado demolir depois da Independência.⁵ Mais tarde levantou-se no local outro prédio que veio a pertencer a Afonso Arinos. Substituiu-o o atual edifício da Associação Comercial. Desde aqui o visitante já poderá começar a notar toda a sorte de curiosos detalhes arquitetônicos nas fachadas – beirais, balanços de sacadas, bandeiras de janelas.

Tomemos então a Rua Tiradentes⁶ como ponto de partida para alguns passeios de primeira orientação. Se o turista estiver hospedado no Hotel Tóffolo, saia pela esquerda: verá quase defronte um dos Passos a que me refiro em capítulo posterior (“Monumentos Religiosos”); atravessará a Ponte dos

¹ Hoje Rua São José. Mais de seis décadas depois que Manuel Bandeira escreveu sobre Ouro Preto, o trecho mais animado da cidade encontra-se na Praça Tiradentes e na Rua Direita, ou Conde de Bobadela.

² O Hotel *Toffolo* foi onde Manuel Bandeira se hospedou na época em que escreveu o livro, provavelmente 1937 ou 1938 (data da primeira edição). Quem afirma que ele ficou lá é Gracinda Toffolo, a qual se tornaria esposa do então proprietário, Olivio Angelo Toffolo, e que é a gerente do estabelecimento mais de sessenta anos depois. Quando o poeta esteve lá, no entanto, Gracinda ainda não era casada com Olivio, portanto não testemunhou a visita do famoso hóspede. Infelizmente, não há qualquer registro (assinatura em recibo ou livro de hóspedes, ilustração ou fotografia) da passagem de Bandeira por ali. O principal indício é mesmo o texto do livro, em que ele toma o hotel como ponto de partida para passeios. Segundo Rodrigo Toffolo, um dos netos de Olivio e Gracinda, o poeta teria dado uma grande mala com vários exemplares da primeira edição do *Guia de Ouro Preto* ao proprietário do hotel, em retribuição à gentil hospedagem que teve na época. Rodrigo não sabe dizer se um desses exemplares ainda está conservado por algum dos membros da numerosa família Toffolo, mas conta que o avô costumava dá-los de presente aos hóspedes. Gracinda e Rodrigo também não sabem com precisão o quarto em que o poeta ficava, mas contam que, assim como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e o pintor Guignard também gostavam de se hospedar no Toffolo. O hotel, construção que não se modernizou, conta com um bar e restaurante no térreo.

³ Ainda hoje é o único de Ouro Preto, o Cine Vila Rica, que exhibe dois filmes por dia cobrando apenas um ingresso.

⁴ “Os melhores cafés e confeitarias” já são coisa do passado, mas a Rua São José ainda abriga hoje muitas casas comerciais, além de agências bancárias.

⁵ Hoje existem duas placas ali. Uma diz: “Neste local residiu o Alferes Joaquim José da Silva Xavier – O Tiradentes – Vila Rica, em 9 de junho de 1792: Aqui ‘se levantou o padrão de infâmia, arrasada e salgada a casa para completa execução da sentença contra ele proferida’. Ouro Preto, em 21 de abril de 1972: ao patrono cívico da nação brasileira no Sesquicentenário da Independência. Homenagem do Conselho Regional de Odontologia de Minas Gerais.” A outra placa traz os seguintes dizeres: “La Comisión Nacional Tiradentes de Montevideo – Uruguay – Joaquin Jose da Silva Xavier. Precursor – Mártir – Prócer. Homenaje – Mayo – 1987. En el 241 años del nacimiento de Tiradentes.”

⁶ Atual São José.



Contos (o córrego é o Ouro Preto), e verá, à esquerda, a Casa dos Contos (hoje Correios e Telégrafos)⁷ e o chafariz dos Contos; chegando à esquina, tomará à direita, descendo a Rua Paraná, que se continua na do Pilar; no cotovelo que faz esta última há um velho sobradinho restaurado, que é dos mais interessantes da cidade, e quase no começo da ladeira, à direita, um sobrado bem conservado, cujo vestíbulo merece atenção (é fácil observar os vestíbulos das casas de Ouro Preto, pois estão sempre abertos e desertos); no sopé da ladeira, que já se chamou dos Caldeireiros, atravessará a pontezinha sobre o córrego Ouro Preto e tomando à direita, ao lado da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, achar-se-á numa praça triangular, hoje Praça Américo Lopes; estamos aqui no chamado Fundo de Ouro Preto (Nossa Senhora do Pilar é também a Matriz do Fundo de Ouro Preto); se subirmos então a ladeira das

Escadinhas, hoje Rua Randolpho Bretas, à direita, sairemos na Largo da Alegria,⁸ onde começa a Rua Tiradentes; melhor será enveredar pela Rua da Glória,⁹ que faz canto com a de Randolpho Bretas; a observar na Rua da Glória: casa n.º 4,¹⁰ dos sobradinhos de sacada corrida com urupema e grande balança*, o chafariz e o oratório (V. capítulo “Monumentos Religiosos”), ambos à direita; depois do oratório vem a chamada Ponte Seca, passada a qual e tomando à direita se cairá no Largo do Rosário; aqui há uma série de velhos sobradinhos que defrontam a fachada da Igreja do Rosário (dois com sotéia recuada), todos dignos de atenção; à frente da igreja e contra o muro de sustentação da Rua Gabriel Santos, ex-Rua de Cima, existe um pequeno chafariz – o chafariz do Rosário; continuando para a direita, entra-se na antiga

⁷ Os Correios e Telégrafos mudaram-se para outro casarão na Rua São José, esquina com a Rua Direita. A Casa dos Contos abriga o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, o Museu da Moeda e do Fisco, uma galeria de arte e a agência local da Receita Federal.

⁸ Hoje mais conhecido como Praça Doutor Silviano Brandão.

⁹ Hoje Rua Antônio de Albuquerque.

¹⁰ A numeração das casas está bastante mudada em relação àquela da época descrita por Manuel Bandeira. Nem sempre é possível identificar com exatidão as construções a que ele se referiu.

* Nota da 4ª edição: um dos sobradinhos ruiu alguns anos depois de publicada a primeira edição deste guia.



Rua Nova do Sacramento, hoje Getúlio Vargas; nesta há muito que observar: o sobradão de n.º 40, de três pavimentos, a casa de n.º 26, com as suas ombreiras e vergas, de portas e janelas, soleiras, bacias e balaústres das sacadas, tudo de madeira, todas as molduras retas; o sobrado de n.º 17 onde esteve instalado o albergue da Sociedade S. Vicente de Paulo:¹¹ neste as sacadas têm bacias de pedra encurvadas com apuro; o sobrado de n.º 12,¹² com as suas sacadas de bacia chanfrada, também de pedra, mas os cunhais só têm um elemento de cantaria que marca a separação dos andares, a fachada lateral desfigurada por uma barra de cimento pintada de escuro, como todo o sobrado pelos caixilhos modernos instalados nas janelas do sobrado: velha casa, como se pode deduzir dos seus beirais de cachorro (os beirais de cachorro, de madeira, precedem as cimalthas perfiladas). O Passo de S. José fica à esquina da Rua Paracatu. Pela Rua Getúlio Vargas vai-se desembocar no Largo da Alegria. Observar neste as casas n.ºs 1, 3, 5 e 7, especialmente as vergas das portas.

Nesse primeiro passeio teremos percorrido os bairros de Ouro Preto¹³ e Rosário. Dedicemos agora o segundo ao bairro de Antônio Dias. Em vez de descermos a Rua do Paraná como fizemos da outra vez, subamos a Rua Bobadela, que todo o mundo continua a chamar Rua Direita. É a de mais nobre aspecto da cidade. A rua em que nasceu Marília. Logo à direita reconhecerá o visitante a casa que foi berço do Visconde de Ouro Preto pela placa memorativa nela colocada.¹⁴ Observe as bandeiras das janelas dos prédios n.ºs 42 e 29, as treliças das sacadas dos



¹¹ Atual Fundação de Arte de Ouro Preto, tem o número 185.

¹² Atual 190.

¹³ Nome antigo para a região que hoje inclui o Pilar.

¹⁴ Número 167, é hoje a república de estudantes Gaiola de Ouro. A placa assinala o primeiro centenário do visconde: 21/2/1886 – 21/2/1986.

sobrados n.^{os} 40, 26 e 22. O sobrado n.^o 7¹⁵ é um dos mais bonitos da cidade; sobrado histórico, onde residia o inconfidente Francisco de Paula Freire de Andrade, tenente-coronel comandante dos Dragões; data dos fins do século XVIII: observem a porta principal, mais alta, a sacada central com maior balanço, a cimalha de madeira, os ornatos em forma de abacaxi, que já datam do século XIX. O sobrado n.^o 5,¹⁶ também com cimalha de madeira, tem sotéia recuada. Às vezes, as velhas casas têm na fachada principal cimalha de estuque ou madeira, e nas laterais beirais de cachorro: é o que se pode observar no sobrado que faz canto com a Travessa Camilo Veloso, que tem fachada principal sobre a praça.¹⁷

Mas antes de descer, demos uma vista de olhos ao sobrado dos camargos, junto ao da Câmara:¹⁸ é a sede atual da dependência da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,¹⁹ e foi doado pelos descendentes do Barão. Vejamos ainda o prédio fronteiro, em cuja grade das sacadas o coroamento forma seguinte dizer: “Para eterna memória do benefício imortal teu nome fica gravado neste metal”; na janela do centro o monograma D.M.P.C. lembra D. Manuel de Portugal e Castro.

A Praça Tiradentes está sobre o morro de Santa Quitéria, que separa as duas freguesias de Ouro Preto e Antônio Dias.²⁰ É o sítio mais imponente da cidade, com os dois palácios que se defrontam: Museu da Inconfidência, antigo Paço Municipal, e a Escola de Minas, antigo Palácio dos Governadores.²¹ No centro a estátua de Tiradentes.

Na Rua do Ouvidor²² há a observar vários desenhos interessantes de bandeiras de janelas, em especial as do prédio n.^o 4, bandeiras que já são do século XIX.



¹⁵ Hoje com números 55, 59 e 63.

¹⁶ Atualmente 33 e 41.

¹⁷ Hoje uma loja de jóias e um café-concerto no térreo e o restaurante Casa do Ouvidor no andar de cima.

¹⁸ No prédio da Câmara Municipal também funciona o Posto de Informações Turísticas.

¹⁹ Hoje Sub-Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

²⁰ A cidade tem hoje três paróquias, segundo o diretor do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto, Carlos José Aparecido de Oliveira: Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias e Santa Ifigênia (ou Efigênia).

²¹ Funciona agora, ali, o Museu de Ciência e Técnica, prédio onde também funcionou a Escola de Minas. Ver capítulo “Monumentos Civis”.

²² Também chamada agora de Rua Cláudio Manuel da Costa.

O sobrado nº 9,²³ próprio nacional, era a casa de residência do Ouvidor. Diz a placa memorativa colocada na fachada: “Aqui viveu Tomás Antônio Gonzaga, 1784-1789, Instituto Histórico de Ouro Preto, 29-VII-1931”.²⁴

No sobrado contíguo, o de nº 11,²⁵ residia Luís Antônio Saião, casado com D. Ana Cláudia, tia de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas (Marília). Foi, sem dúvida, das janelas da frente ou dos fundos que começou o namoro do poeta-desembargador, solteirão de 38 anos, com a filha de Baltazar João Mayrink, capitão de cavalaria auxiliar, da nobreza de Vila Rica. Marília costumava deixar a Casa-Grande do hoje largo de Marília para vir passar dias em casa de D. Ana Cláudia, paredes-meias com a do Ouvidor. Via-a então o Dr. Gonzaga no desalinho das vestes matinais:

*Quando apareces
Na madrugada,
Mal embrulhada
Na larga roupa,
E desgrenhada
Sem fita ou flor:
Ah que então brilha
A natureza:
Então se mostra
Tua beleza
Inda maior.*

Das janelas dos fundos dessa mesma casa teve início outro namoro, de outro Ouvidor, também maduro, o Dr. Gondim, com a linda Carlota, mocinha de seus 16 anos, filha natural do alferes de cavalaria Carlos de Melo e de Emerenciana, irmã de Marília. Carlota morava em casa de seu pai, na Rua Antônio Dias,

²³ Hoje 61.

²⁴ É onde fica a Secretaria de Turismo e Cultura de Ouro Preto. A placa indica o período 1782–1788 como sendo a casa de Gonzaga.

²⁵ Hoje 77.



hoje Bernardo de Vasconcelos, a qual faz esquina com a do Ouvidor. A história dos amores de Carlos de Melo com Emerenciana e a dos do Ouvidor Gondim com Carlota vêm minuciosamente contadas por Tomás Brandão no livro que escreveu para provar, e de fato o prova, que Marília nem se casou nem deixou filhos (*Marília de Dirceu*, Tip. Guimarães, Belo Horizonte, 1932).

A observar ainda na Rua do Ouvidor o sobrado n.º 17, com mirante, o de n.º 18*, muito simples, com beiral de cachorros, e o de n.º 19, com cimalha de madeira na frente e beiral de cachorros no oitão.²⁶

A Rua do Ouvidor acaba onde começa para a esquerda a Rua Bernardo de Vasconcelos, antiga Antônio Dias, para a direita a Rua de S. Francisco e quase em frente a de Carlos Tomás, antiga Gibu: nessa encruzilhada é que estão o Passo de Antônio Dias e o chafariz do Passo de Antônio Dias, na esquina de S.

* Nota da 4ª edição: segundo informa Sylvio de Vasconcellos, está hoje a fachada desfigurada, inclusive com portais de massa.

²⁶ Difícil identificar com exatidão os sobrados indicados por Bandeira.

ACIMA: A IGREJA
DE NOSSA SENHORA
DO ROSÁRIO (AO FUNDO).
O CALÇAMENTO CARACTERÍSTICO
DA CIDADE E O DETALHE DE UMA
ANTIGA PORTA: MARCAS DE UM
PASSADO QUE RESISTE AO TEMPO
EM OURO PRETO.

Francisco com Gibu, o velho e pesado casarão de Cláudio Manuel da Costa, onde também residiu Bernardo de Vasconcelos.²⁷

Tomemos pela primeira rua. No primeiro ângulo, surge-nos à direita uma estreita ladeira que antigamente se chamou Rua de Trás de Antônio Dias e hoje é a do Aleijadinho, porque nela residia Antônio Francisco Lisboa, em casa que já no tempo de Bretas não existia mais e que estaria talvez situada entre as casas n.^{os} 8 e 2, ou no terreno vizinho desta última (há nele ruínas de muros).

Mas continuemos descendo a Rua de Antônio Dias.²⁸ Aqui quase todas as casas têm beirais de cachorros. Passamos em seguida ao longo da matriz de Antônio Dias (observar o pequenino chafariz no canto dos fundos) e vamos sair na Praça Antônio Dias. À esquerda, sai a Travessa Coronel Antônio Leão²⁹ (na casa da esquina notar o ornato em feitiço de pombo no telhado),³⁰ travessa que leva, por sobre o córrego do Sobreira, aos terrenos onde existiram as casas de Henrique Lopes, onde se hospedava o Governador D. Pedro de Almeida, antes da construção do Palácio Novo.

A Praça Antônio Dias estreita-se em rua e leva, sobre a ponte de Antônio Dias, ao Largo de Dirceu.³¹ Na esquina da praça com o Beco da Lapa há um velho sobrado em cujo oitão, no andar de cima, existia um nicho, que deu nome ao beco. Bonita casinha é a de n.^o 28 na parte estreita da praça, com janelas de rótulas, sendo de lamentar que a desfigure uma barra moderna de ladrilhos hidráulicos.³²

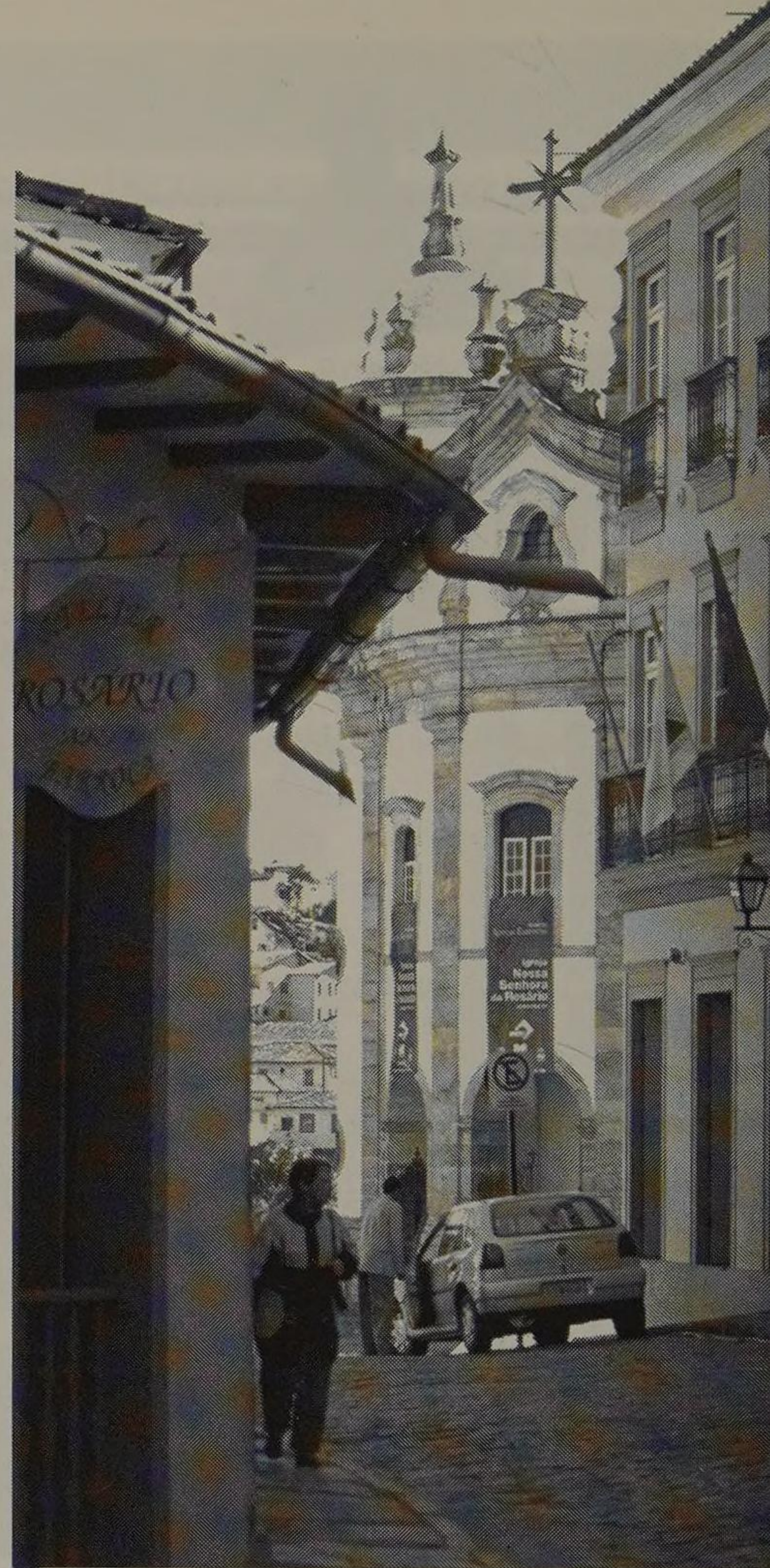
²⁷ Hoje n.^o 129, onde funciona a república de estudantes Maracangalha.

²⁸ Atual Rua Bernardo Vasconcelos.

²⁹ Hoje Rua Dom Silvério nesse trecho.

³⁰ Não mais identificado, hoje.

³¹ Hoje Largo Marília de Dirceu.



O fundo do Largo de Dirceu está ocupado pela Escola Normal,³³ edifício que é um arremedo ridículo do velho estilo e que substituiu a Casa-Grande, solar da família Ferrão, onde morava Marília, sua proprietária. Ao lado, atrás do chafariz, o bonito sobrado que era a residência do capitão Valeriano da Costa Reis, casado com D. Ana Ricardo, outra irmã de Marília. À esquerda do largo, sobe a Rua Santa Efigênia, antiga ladeira do Vira-Saia ou do Vira-e-Sai. Suba-se por ela até o canto da Rua Barão do Ouro Branco, onde há um nicho e um chafariz, datado de 1761, desça-se por esta e se vai ter à Rua Coronel Serafim, antiga das Dores (a cavaleiro, à esquerda, está a Igreja das Dores, a mais pobre de Ouro Preto). A Rua das Dores vai morrer na de Antônio Martins, ex da Barra (estamos no bairro da Barra). Tomando à direita, chega-se mais adiante ao largo de Frei Vicente Botelho. À esquerda do largo e à esquerda da Rua Domingos de Abreu, está um sobrado notável pela varanda envidraçada em balanço sobre a rua, pela rampa de acesso e pelo perfil dos cachorros. À esquerda, se encontra a ponte da Barra. É da esquerda do largo que sai a Rua Xavier da Veiga. Vamos por ela até encontrar, à direita, a ladeira que é a Rua das Mercês, a qual passa ao lado da igreja do mesmo nome (Mercês de Baixo), e sairemos no Largo de S. Francisco, para o qual se abre o adro da Igreja de S. Francisco de Assis. Em vez de passarmos pela Praça Tomás Gonzaga³⁴ (que nos poria de novo na Rua do Ouvidor), tomemos pela Rua Costa Sena, a qual passa pelos fundos do antigo Paço Municipal,³⁵ e pelo oitão e frente da Igreja do Carmo. Dando para um largozinho aí existente se vê o velho Teatro Municipal de Ouro Preto, prédio modesto, o primeiro teatro que se construiu na América do Sul, diz Diogo de Vasconcelos, que nele ouviu em 1855 a Candiani cantar trechos da *Norma*; ilustrado também pela voz de Rui Barbosa na campanha civilista.

A casa da esquina de Costa Sena com Coronel Alves, antiga do Carmo, merece atenção pelas suas janelas ogivais triangulares, já do século XIX. Na Rua Coronel Alves há velhas casas amoráveis, a de n.º 5³⁶ com uma bonita rótula em losango*. Essa rua faz cotovelo para a direita³⁷ e vai cair na Rua do Paraná, que já conhecemos.

³² Casa não mais identificada.

³³ Hoje é o Colégio Estadual Marília de Dirceu.

³⁴ Atual Largo de Coimbra.

³⁵ Passa-se hoje também diante da Escola e Museu de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto.

³⁶ Difícil de ser identificada.

* Nota da 4ª edição: Segundo informações de Sylvio Vasconcelos, já desapareceu a rótula.

³⁷ É a Ladeira Farmacêutico Antônio Vieira de Brito.

*5 Passeios
a pé no Centro*

54

O CASARIO HISTÓRICO DE OURO
PRETO CONSERVA VIVA A
MEMÓRIA DO PERÍODO COLONIAL
BRASILEIRO. NA FOTO À DIREITA,
AO FUNDO, A IGREJA DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO.



Em nosso terceiro passeio subamos pela ladeira que começa entre a Casa dos Contos e o chafariz: é a Rua Senador Rocha Lagoa, antiga das Flores. Nos socalcos da esquerda, acha-se o Grande Hotel,³⁸ construído de 1940 a 1944. Coube à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional resolver o difícil problema de dotar a cidade com uma casa onde viajantes e turistas encontrassem agasalho e conforto e que não atentasse contra a fisionomia tradicional de Ouro Preto. A solução, realmente feliz, foi achada no projeto de Oscar Niemeyer, que levou em conta umas tantas características comuns à técnica do concreto armado e à do pau-a-pique. Seja dito que o arquiteto não quis, absolutamente, imitar a aparência das edificações antigas, sabendo o que há de artificioso e de falso nessa imitação, e temendo, muito acertadamente, que viesse a passar como antigo o que é, afinal, do nosso tempo. Procurou antes fazer com que o hotel, necessariamente moderno, se destacasse o menos possível na paisagem colonial. Fez obra de boa arquitetura atual, e esta, como assinala um entendido, vai sempre bem com a boa arquitetura de qualquer período anterior; o que não combina é a falta de arquitetura. Foi assim resolvido um problema de hoje como emprego adequado dos processos contemporâneos de construção. A obra fez-se com a cooperação técnica e financeira do Governo Federal e do Governo de Minas Gerais.

A Rua das Flores abre-se em cima numa espécie de largo,³⁹ onde fica o Grupo Escolar Pedro II,⁴⁰ feiíssimo, adaptação de um quartel de cavalaria, e a chamada Fonte dos Cavalos. São interessantes na sua velhice os portões dos fundos das casas da Rua Direita.⁴¹

A Rua das Flores acaba no fundo da Praça Tiradentes. Tome-se então à esquerda, pela Rua Padre Rolim, que ladeia o Palácio dos Governadores.⁴² Aí se vêem as ruínas⁴³ da casa onde residia e morreu D. Frei Domingos da Incarnação Pontével, bispo de Mariana. No encontro com a Rua Gorceix fica a velha casa onde residiu durante dois anos o Visconde de Ouro Preto. Na quina do muro que a cerca vê-se uma placa

³⁸ Atual Grande Hotel Ouro Preto.

³⁹ Praça Orlando Trópia.

⁴⁰ Atual Escola Estadual D. Pedro II.

⁴¹ Hoje já são fachadas de outras casas.

⁴² Atual Museu de Ciência e Técnica/Escola de Minas. Ver capítulo "Monumentos Civis".

⁴³ Não mais identificadas.

memorativa: "Ao grande ministro da Marinha do Império, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto, 1866-1868, Homenagem da Marinha Brasileira".⁴⁴

Da mureta da Rua Padre Rolim avista-se em frente a escadaria que era o antigo acesso para o Carmo, e para a direita, nos longes da paisagem, a Igreja do Bom Jesus de Matozinhos e o velho sobrado, último do Bairro das Cabeças, residência de Bernardo Guimarães.

A Rua Padre Rolim passa ao lado da Igreja das Mercês de Cima, donde o seu antigo nome de Rua das Mercês. Atrás da igreja está o Asilo de Santo Antônio, para meninas.⁴⁵ Contíguo a este fica o velho prédio, restaurado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,⁴⁶ onde se instalou, em 12 de outubro de 1876, a Escola de Minas, que posteriormente ocupou também a casa do Asilo. Mais adiante, à direita, ergue-se o vasto edifício de Santa Casa da Misericórdia, remodelação sem interesse da velha chácara do Xavier. Atravessemos em seguida a ponte do Xavier, sobre o córrego Ouro Preto,⁴⁷ e saímos nos fundos da Igreja de S. Francisco de Paula. Descendo a longa escadaria de acesso,⁴⁸ caímos nos fundos da Igreja de S. José. Da frente desta desceremos à Rua S. José por ladeira⁴⁹ que tem hoje o nome de Rua Teixeira Amaral. Nesta rua é interessante o velho sobrado reformado (n.º 8),⁵⁰ onde residia o Dr. Teixeira Amaral, que exerceu a presidência da Câmara.

⁴⁴ Esta placa encontra-se praticamente coberta por hera. Abaixo dela existe outra, com os dizeres: "A placa acima foi colocada a 11 de junho 1933 pela Marinha de Guerra, foi fundida com metal do canhão da fragata 'Amazonas'. À memória de Affonso Celso de Assis Figueiredo, no centenário de sua posse como ministro da Marinha. 1866 – 3 de agosto – 1966." Há mais uma placa abaixo desta: "Rodovia dos Inconfidentes – MG-56 – Obras de alargamento e pavimentação inauguradas em 17-4-1960 pelo exmo. Governador Dr. José Francisco Bias Fortes e executadas na sua administração sendo diretor geral do D.E.R. o engenheiro Randolpho Trindade Filho."

⁴⁵ Atual Educandário Santo Antônio e Creche Casulo Dona Hermínia.

⁴⁶ Não existe mais.

⁴⁷ A ponte não existe mais, hoje é uma rua, e o córrego está aterrado. É nesta área que fica o Terminal Rodoviário Oito de Julho.

⁴⁸ Boa parte é hoje uma extensa ladeira.

⁴⁹ À esquerda.

⁵⁰ Com outra numeração, é possivelmente o atual endereço da Secretaria de Educação.



6

*Passeios
de Automóvel*

NA PÁGINA ANTERIOR:
A RUA ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE
CONDUZ À MATRIZ DE NOSSA
SENHORA DO PILAR: “NO MESMO
LOCAL LEVANTOU-SE EM 1711 UMA
CAPELA SOB A INVOCAÇÃO DE
NOSSA SENHORA DO PILAR; A
ESSA CAPELA DE TAIPA SUCEDEU A
IGREJA CONSTRUÍDA PELA
IRMANDADE DO SANTÍSSIMO
SACRAMENTO.”

Para visitar os bairros das Cabeças e do Padre Faria, será melhor tomar um automóvel.¹ O das Cabeças começa na Rua Alvarenga (assim chamada porque aí residiu José de Alvarenga Peixoto), logo depois da ponte do Rosário, sobre o córrego do Caquende. Nessa Rua Alvarenga (antigo caminho das Cabeças, onde ficava a primitiva forca) está a Igreja do Bom Jesus à esquerda, e há a notar alguns sobrados interessantes, especialmente o de n.º 3; o de n.º 4, cujo saguão é feito com piso de pedras de ferro, e sua janela de rótulas; e o de n.º 9 (os marcos de cantaria estão pintados, e as portas do andar térreo foram transformadas em janelas).² Note-se o Passo das Cabeças, à direita, o pequeno chafariz, também à direita, o cruzeiro de pedra e o correr de casas do n.º 40 em diante.³ À esquerda, o adro da Igreja do Bom Jesus, como o chafariz datado de 1763; ao fundo do adro, o colégio diocesano.⁴

Ao fim da rua, à direita, o imenso e solitário casarão de Bernardo Guimarães (n.º 96).⁵

Segue-se o bairro do Passa-Dez, onde há a visitar o Instituto Barão de Camargos,⁶ antigo Jardim Botânico, onde se iniciou a plantação do chá em Minas, por volta de 1840, sendo diretor do estabelecimento o naturalista Fernando Pereira de Vasconcelos. O edifício atual nada tem a ver com o antigo, de que restam apenas os alicerces.

O bairro do Padre Faria está situado no lado oposto, e para chegar lá sobe-se pela Rua Conselheiro Quintiliano, antigo caminho das Lajes (grandes pedreiras de quartzito aurífero exploradas por muito tempo), a qual começa na Praça Tiradentes, em frente ao Palácio dos Governadores.⁷ No caminho das Lajes note-se o belo sobrado,⁸ que foi residência da família Mota. Pertenceu ao Barão do Saramenha e abrigou

¹ É possível fazer esses dois passeios a pé, mas apenas para aqueles que gostam de longas caminhadas.

² A numeração está modificada e esses sobrados não são identificados com exatidão.

³ Numeração alterada.

⁴ Atual Colégio Arquidiocesano.

⁵ Hoje é o n.º 794 e funciona ali o Lar São Vicente de Paulo. Aparece a inscrição: “Fundado em 1931 – Conselho Particular de Ouro Preto.” Também consta a placa: “Neste casarão, doado pelo governo estadual, conforme lei 1.255, de 23-06-55, publicado no Minas Gerais de 24-06-55, residiu o poeta mineiro Bernardo Guimarães.”

⁶ O local pertenceu à Fundação do Bem-Estar do Menor (Febem) e hoje é um destacamento da Polícia Militar.

⁷ Que é o atual Museu de Ciência e Técnica/Escola de Minas. Ver “Monumentos civis”.

⁸ Hoje deteriorado.



uma república de estudantes, o “Castelo dos Nobres”. A visitar para esses lados, a capelinha de N. S. do Rosário (Padre Faria) e a Igreja de N. S. do Rosário (irmandade de Santa Ifigênia). Dois charizes a ver – o das Águas Férreas, no caminho das Lajes, e o do Alto da Cruz.

Outros belos passeios, que se podem também fazer a cavalo,⁹ são para o morro da Queimada (veja capítulo “História”), para a cascata do Tombadouro, para as minas de ouro da Passagem, para Cachoeira do Campo, cuja igreja matriz (Nossa Senhora de Nazaré) merece visita pelo seu lindo interior, rico em talha dourada, e para Ouro Branco e Itatiaia. A igrejinha sob a invocação de Santo Antônio desta última contém algumas imagens belíssimas.

Para os amantes do alpinismo há a ascensão ao Itacolomi,¹⁰ cuja altura é de 1.752m. De suas abas manam numerosos filetes de água que

avolumam o Tripuí. Este córrego, ao passar pela cidade, toma o nome de Funil; adiante, é chamado Ribeirão da Passagem, e finalmente Ribeirão do Carmo, quando se junta ao Rio Gualaxo e vai desaguar no Rio Doce. As águas que descem pelo lado do sul vão avolumar o córrego da Dominga, afluente, nas divisas do município de Ouro Preto, do Ribeirão do Mainarte.

⁹ Opção que os visitantes de hoje não têm, ao contrário da década de 30. Não há mais aluguel de cavalos em Ouro Preto.

¹⁰ Hoje Área de Proteção Ambiental.



Mariana

À antiga Vila do Carmo se pode ir de trem ou de automóvel.¹¹ Indo de trem, entra-se na cidade atravessando o Ribeirão do Carmo, mas a estrada de rodagem penetra nela pelo alto de S. Pedro,^{*} onde está a igreja do mesmo nome, hoje contígua à residência arquiépiscopal.¹²

O risco de S. Pedro seria, segundo Diogo de Vasconcelos, de Antônio Pereira de Sousa Calheiros. Nada se pôde apurar, contudo, quer quanto à sua autoria quer quanto à data do início das obras: perderam-se os livros da irmandade. Sabe-se que a iniciativa da construção coube a D. Frei Manuel da Cruz. Uma pia batismal tem gravado o ano de 1743, dado como sendo o do começo das obras. Pondera entretanto o Cônego Raimundo Trindade que nos dias iniciais não se cogitaria de tal pormenor, e só seria lícito a uma sede de paróquia gozar do privilégio de ter pia batismal, reservando às matrizes. A peça terá, pois, pertencido a uma das muitas capelas filiais disseminadas nos arredores de Mariana. O certo é que as obras da igreja se achavam paralisadas em 1820 e assim ficaram até os nossos dias, quando D. Silvério conseguiu dar-lhes andamento e conclusão de emergência (1922).

A fachada principal com as duas torres é recente.¹³ Na igreja esteve instalado o Museu Arquidiocesano, fundado por D. Helvécio Gomes de Oliveira e cujo acervo o mesmo arcebispo doou à União para constituir o núcleo inicial do Museu da Inconfidência.

Do alto de S. Pedro se descortina o belo panorama da cidade, estendendo-se até as longínquas igrejas do Rosário dos Pretos (datando de 1752), à esquerda, e St.^a Ana, à direita. Descendo-se para a cidade pela Rua Nova,¹⁴ passa-se, à esquerda, diante de um pequeno chafariz (chafariz de S. Pedro), muito bonitinho na sua singeleza, pela Igreja de S. Francisco da Confraria,¹⁵ a qual data de 1784; vêem-se à direita, no vale, os edifícios dos Seminários Maior¹⁶ e Menor;¹⁷ este último, fundado por D. Frei Manuel da Cruz em

¹¹ Não há mais trem para Mariana. Em compensação, há ônibus saindo de Ouro Preto para lá a cada meia hora, durante o dia. São 12 quilômetros.

* Nota da 4^a edição: hoje a estrada chega à cidade pela parte baixa e não mais por São Pedro.

¹² O novo Palácio Episcopal (com a Biblioteca da Arquidiocese) fica hoje na Praça Doutor Gomes Freire.

¹³ Data de 1930.

¹⁴ Hoje, oficialmente, Rua Dom Silvério.

¹⁵ Mais conhecida hoje como Igreja da Arquiconfraria.

¹⁶ Hoje Instituto de Teologia São José, porém ainda conhecido mais como Seminário Maior São José.

¹⁷ Atual Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

1750, tem uma capela que merece atenção pela riqueza e gosto da talha, imagens antigas e pintura do teto representando a Assunção de Nossa Senhora. A Rua Nova leva ao Largo de S. Francisco,¹⁸ antigo do Paço, onde estão os principais monumentos da cidade: a casa da Câmara,¹⁹ construída por José Pereira Arouca, em frente desta a Igreja S. Francisco de Assis.

Foi lenta a construção da Igreja de S. Francisco iniciada em 1763: despesas e pleitos diversos retardaram os trabalhos. Entre os dois riscos inicialmente apresentados, uma comissão escolheu o do Padre Doutor José Lopes Ferreira da Rocha, rejeitado logo um mês depois, quando se adotou a planta definitiva, do mestre José Pereira dos Santos, pagando-se ao autor trinta e duas oitavas de ouro. Esta última, porém, sofreu ainda sucessivas alterações, introduzidas por José Pereira Arouca, contratante das obras de pedra e cal, e contra quem a Ordem teve de mover uma ação. Só quatorze anos depois de lançada a pedra fundamental ficava pronta uma parte do templo (capela-mor, sacristia e casa do noviçado). Em 1794, fazia-se a entrega definitiva à Ordem Terceira de São Francisco, muito embora, como assinala o Cônego Trindade, o acabamento completo só se fizesse pelo século XIX adentro. A execução do risco importou em 41.000 cruzados. Miguel Teixeira Guimarães, homem benemérito, e Tomás José de Oliveira foram os irmãos incumbidos pela Mesa de realizar o serviço. Francisco Vieira Servas executou o altar-mor, entregue em 1775.

O medalhão do frontispício de São Francisco traz a data MDCCLXIII. Note-se no adro o guarda-corpo de pedra-sabão (pedra da Passagem). Na sacristia vêem-se no teto duas telas (S. Francisco em agonia e S. Francisco morto), de autoria de Manuel da Costa Ataíde, ao qual se atribui também o quadro que está no canto esquerdo, quando se entra ao lado do coro. Pesquisas feitas nos livros da Ordem, entretanto, permitem assegurar, apenas, que esse artista pintou “o pano da porta da igreja”, encarnou as imagens da Paixão e fez o douramento do retábulo do altar-mor e do altar de Santa Isabel (1795). As pinturas do teto da nave principal, representando os quatro Papas que aprovaram a confirmação da Ordem e, no centro, o painel do Dilúvio são provavelmente de autoria de Francisco Xavier Carneiro. Não ficou documentação relativa à pintura dos

¹⁸ Hoje é a Praça Minas Gerais.

¹⁹ Funcionam ali, hoje, a Prefeitura e a Câmara Municipal.

6 *Passeios
de Automóvel*

62





EM MARIANA, O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E RELIGIOSO INCLUI A IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, O ANTIGO PELOURINHO E A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO (À DIREITA), CUJO INTERIOR FOI PRATICAMENTE DESTRUÍDO POR UM INCÊNDIO EM 20 DE JANEIRO DE 1999.

painéis da sacristia; apenas uma referência de pagamento ao irmão Gonçalo da Silva Lima de despesas que fez nos ajustes “de toda a obra e pintura”. Os despojos de Ataíde estão enterrados na campa 86.

A planta da Igreja do Carmo, situada na mesma praça, parece ao Sr. Salomão de Vasconcelos ter sido do mestre José Pereira dos Santos. Segundo o Cônego Trindade (*Arquidiocese de Mariana*, 3.^o vol., pág. 1.230, São Paulo, 1920), a construção da Igreja do Carmo foi confiada ao mestre Domingos Moreira de Oliveira, que nela trabalhou dez anos; em seguida, trabalhou o mestre-pedreiro José Antônio Soares de Brito durante seis anos e meio; a esses sucederam Custódio de Freitas Guimarães e José Bernardes de Oliveira. O risco do altar-mor foi de Manuel Dias (1819). O douramento é de Francisco Xavier Carneiro. No altar-mor está a padroeira; nos dois laterais S. João da Cruz e o Calvário. O painel do teto representa a Virgem do Carmelo dando o escapulário a S. Simão Stock.²⁰

Atrás da Igreja do Carmo fica o Convento das Carmelitas da Divina Providência, nova Congregação criada sob os auspícios de D. Helvécio.

Os visitantes devem deixar o automóvel no largo²¹ e descer pela ladeira de São Francisco,²² que ladeia a igreja. Atrás desta fica o velho edifício que serviu de palácio ao primeiro bispo de Mariana, D. Frei Manuel da Cruz. O bispo alugou-o, em 1748, por 400 mil-réis anuais e deixou-o em 1753, travando-se então entre o procurador do proprietário e a autoridade eclesiástica um pleito que durou quase 18 anos e só foi decidido quando já morto D. Manuel da Cruz. Esse prédio foi dado por Diogo de Vasconcelos como sendo o de residência do Conde de Assumar, governador das Minas, porém a extensa e concludente documentação recolhida nos últimos tempos deixa claro que se trata de duas casas distintas. A do bispo, a que nos referimos, foi vendida em 1761 à Ordem Terceira de S. Francisco e hoje se chama Casa de São Francisco;²³ servia de consistório e residência dos padres comissários. A dos governadores, na antiga Rua Direita, pertencia a Manuel Antunes de Lemos, que em 1715 a vendeu à Câmara, sendo por esta oferecida em 1719 a El-Rei, para servir de palácio do governo das Minas. O oferecimento foi aceito,

²⁰ Esta igreja sofreu um incêndio no dia 20 de janeiro de 1999, sendo destruído praticamente todo o seu patrimônio histórico-artístico-religioso. Sobrou apenas o trono com a imagem de Nossa Senhora do Carmo, do altar-mor. Está sendo recuperada.

²¹ Praça Minas Gerais.

²² Hoje Travessa de São Francisco.

²³ Em termos turísticos, no entanto, continua tida como a Casa do Conde de Assumar.

e ali residiram os governadores até que em 1744, estabelecida a residência deles em Ouro Preto, foi o palácio restituído à Câmara. Dele não há mais vestígios.

A ladeira de S. Francisco leva ao Largo da Independência,²⁴ onde junto à casa nº 3²⁵ existiu a Casa de Fundação de Mariana. Atravessando o largo, entre-se pela Rua Conde da Conceição²⁶, onde existe o belo sobrado da Casa Capitular, cujas obras foram arrematadas em 1770 por José Pereira Arouca. Nele se acha hoje instalado o rico arquivo da Cúria de Mariana.²⁷ A Rua Conde da Conceição vai ter à Praça da Sé,²⁸ para a qual dá frente a Matriz de Mariana. No terreno existia primitivamente a capela da Conceição, de adobe e palha. Em 1709, no governo de Antônio de Albuquerque, iniciou-se a construção da nova igreja, a qual só se completou em tempos de Frei Manuel da Cruz. A autoria do plano pertence a vários, inclusive Jacinto Barbosa Lopes, que ficou incumbido da construção, tendo-se esta prolongado pelo menos até 1760, segundo o Cônego Trindade. Com a elevação a catedral, tendo como titular a Assunção de Nossa Senhora, o templo sofreu adaptações: a tribuna para o órgão e o coro para o cabido foram executados depois de 1748; as pinturas deste último são de 1760, data de uma de suas cadeiras.

Em 1796 foi reconstituído o frontispício na forma que conserva até hoje. O seu interior guarda grandes belezas em talha e em imagens, sobressaindo a da Padroeira (no trono), segundo o Sr. Salomão de Vasconcelos uma das mais antigas dos templos de Mariana, pois em documento do arquivo da Câmara verificou ele ser a mesma imagem de Nossa Senhora do Carmo que serviu na fundação da vila, em 1711, e a de S. Pedro Arbues; o grande órgão, cujo fole é movido a braço; o tapa-vento; a rica balaustrada de jacarandá da capela-mor e da grande nave; os painéis; os paramentos litúrgicos. O respaldo do cadeirado é revestido de madeira em tábuas juntadas, com pintura de motivos orientais, vendo-se num dos painéis a data 1760. Na Sé estão os despojos de todos os bispos de Mariana. Na Praça da Sé existe ainda a casa em que residiu Cláudio Manuel da Costa.²⁹

²⁴ Atual Praça Doutor Gomes Freire.

²⁵ Numeração modificada.

²⁶ Hoje é a Rua Frei Durão.

²⁷ Atual Museu Arquidiocesano de Arte Sacra.

²⁸ Ou Praça Cláudio Manuel da Costa.

²⁹ Atualmente é uma agência bancária.

Em seguida siga o visitante a Rua Direita, onde admirará o velho sobrado do Barão de Pontal (o Governador Melo e Sousa), com os seus balcões em pedra-sabão recortada como uma renda.

Em Mariana viveu e compôs a maior parte de sua obra o poeta Alphonsus de Guimaraens. Quando faleceu, residia na casa nº 11 dessa Rua Direita.³⁰ Foi sepultado no cemitério da Igreja do Rosário dos Pretos mas recentemente lhe transferiram os despojos para o cemitério de Sant'Ana, onde o governo estadual erigiu o túmulo definitivo do poeta.

Além das igrejas acima nomeadas existem na cidade³¹ as de S. Gonçalo, Mercês, Sant'Ana de Baixo e Sant'Ana do Morro, Rosário Velho e Rosário Novo, esta com o altar da padroeira pintado e dourado por Manuel da Costa Ataíde, e a capelinha de Nossa Senhora dos Passos, construída em 1793.

O sítio do Ribeirão do Carmo foi descoberto no dia da festa da Virgem, 16 de julho de 1696, pela expedição do Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça. Em 8 de abril de 1711 foi o arraial erigido a vila, e em 23 de abril de 1745 a cidade, com o nome de Mariana, em honra de D. Maria Ana, da Áustria, esposa de D. João V.



Congonhas do Campo

Congonhas do Campo, distante 126 km de Ouro Preto, é famosa pelo seu Santuário, objeto de romaria concorridíssima em certa época do ano.

O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos foi fundado em 1757 pelo português Feliciano Mendes, em cumprimento de uma promessa. Começou o ermitão levantando modesta cruz e nicho, aquela ainda existe no templo atual. Até 1765, ano em que faleceu no povoado de Antônio Pereira, passou a vida de sacola na mão angariando esmolas para a construção do santuário. A construção começou pela nave maior. Em 1773, estava concluída a capela-mor, obra de Francisco de Lima. Os altares laterais foram talhados por Jerônimo Félix. As pinturas da capela-mor são de Bernardo Pires da Silva, começadas em 1774. João Gonçalves Rosa terminou as cortinas do coro e o oratório que se acha sobre o arcaz da sacristia. João de Carvalhais dourou o altar lateral de Santo Antônio, e Bernardo Pires o de S. Francisco. Francisco Vieira Servas esculpiu os quatro grandes anjos

³⁰ Hoje nº 35, a Casa de Alphonsus de Guimaraens funciona como museu.

³¹ Igrejas na época em que Bandeira visitou a cidade.

do altar-mor, recebendo, em 1777, por esse trabalho, 85 oitavas de ouro. As pinturas da nave foram executadas em 1779-80 por João Nepomuceno Correia e Castro. Em 1787, foi instalada na frente do altar-mor a bela imagem do Senhor morto, imagem taumaturga, centro da devoção dos fiéis. A âmbula e as sacras de prata foram feitas pelo ourives Felizardo Mendes. Em 1819 as pinturas da capela-mor foram mandadas retocar por Ataíde.³²

Mas o que faz de Congonhas lugar de peregrinação artística, ao lado da religiosa, são as monumentais esculturas de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho: os 12 profetas do adro, e os Passos da Paixão – aqueles em pedra-sabão, estes em madeira. Executou-as o genial artista a partir dos 61 anos, quando já deformado pela doença, e nesse trabalho foi ajudado por discípulos, que faziam o primeiro desbaste da matéria. Um deles era o seu escravo Maurício, que lá morreu.

O primeiro pagamento feito ao artista, pelas estátuas dos Passos, data de 1796. Em 1799, concluía ele esse trabalho. As figuras dos Passos do Horto, Paixão, Coroação e Cruz-às-Costas foram encarnadas pelo pintor Francisco Xavier Carneiro; as dos Passos da Ceia, Açoites e Crucificação o foram por Manuel da Costa Ataíde.

O contrato para a fatura dos profetas foi lavrado em 1800. Cinco anos depois Antônio Francisco concluiu as figuras do plano inferior e continuou a trabalhar nas que estavam destinadas ao segundo plano. Algumas dessas estátuas estão algum tanto deterioradas pela ação do tempo: a pedra-sabão, rocha serpentínica (silicato hidratado de magnésio), contém freqüentemente pirita; oxidando-se o ferro desta e caindo a ferrugem, formam-se brocas na pedra. Não consta no livro do Padre Júlio Engrácia (*Relação Cronológica do Santuário e Irmandade do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo no Estado de Minas Gerais*. Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1908) a data da conclusão dos Profetas. Entretanto ainda em 1807 aparece nos livros da irmandade o nome de Antônio Francisco passando recibo de quatro oitavas de ouro pelo trabalho de fatura de uns castiçais. É provável tivesse lá trabalhado até 1808 ou 1809, quando se retirou para Ouro Preto a convite do discípulo Justino, para executar os serviços dos altares laterais do Carmo.

Essa é a obra que surpreendeu Auguste de Saint-Hilaire. A impressão profunda que ela desperta em quem a contempla, exprimiu-a em versos magníficos o poeta Oswald de Andrade (*Pau-Brasil*, Paris, 1925, *Sans Pareil*, pág. 99):

³² O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos conta com novo sistema de iluminação, inaugurado no dia 11 de abril de 2000.

No anfiteatro de montanhas

Os profetas do Aleijadinho

Monumentalizam a paisagem.

As cúpulas dos Passos

E os cocares verdes das palmeiras

São degraus da arte do meu país

Onde ninguém mais subiu

Bíblia de pedra-sabão

Banhada no ouro das Minas.

Onde ninguém mais subiu: é a pura verdade! Os profetas de Congonhas não têm, nem podiam ter, a perfeição do modelado das esculturas de Ouro Preto, mas são, como nenhuma outra obra de Antônio Francisco, prodigiosas de espontaneidade e força, no seu expressionismo doloroso. Em verdade eles “monumentalizam a paisagem”. Dão à encosta do Santuário uma grandeza bíblica.



7

*Monumentos
Religiosos*



Capelas

Nossa Senhora das Necessidades

Está situada próximo à capela do Padre Faria, do outro lado da ponte. É muito antiga e está fechada há mais de cem anos. A imagem da padroeira, retirada para ser encarnada, nunca mais voltou ao seu lugar, ficando na capela do Padre Faria.¹

Nossa Senhora da Piedade

É a última das quatro capelas que se levantam na serra de Ouro Preto e está assentada num platô circundado pelas ruínas do arraial incendiado de Pascoal da Silva. Pertence à freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Zelada por irmãos devotos. 1720 é a data que se lê na peanha da cruz. Construção de canga. Belos trabalhos em talha nos altares laterais, balaustrada de jacarandá, cômoda de jacarandá na sacristia, primitivas imagens em madeira de Sant'Ana, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora do Carmo, banquetas de seis castiçais de jacarandá que ornaram o altar-mor nos dias de festa e são guardados em casa do irmão zelador. Em 1937, a Inspetoria de Monumentos Nacionais* executou nela obras de conservação.

Nossa Senhora da Piedade do Morro do Cruzeiro

(Veja último parágrafo do título S. Francisco de Paula.)

NA PÁGINA ANTERIOR:
IGREJA DE NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO: "O TEMPLO ATUAL
SUBSTITUIU A PRIMITIVA CAPELA,
(...) ONDE, DE 1731 A 1733, ESTEVE
GUARDADO O SACRÁRIO
PAROQUIAL, POR ESTAR SENDO
ENTÃO RECONSTRUÍDA A CAPELA-
MOR DA MATRIZ DE NOSSA
SENHORA DO PILAR."

¹ Esta capela continua fechada ao público.

* Nota da 4ª edição: O decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934, aprovou novo regulamento para o museu Histórico Nacional, regulamento este que conferia a este órgão atribuições para organizar e manter um serviço de proteção aos monumentos históricos e obras de arte tradicional do país. A ação do diretor do Museu, Sr. Gustavo Barroso, à testa da Inspetoria de Monumentos Nacionais se exerceu até 1937, quando pela lei nº 378, de 13 de janeiro, foi criado em bases definitivas o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O executor das obras realizadas em Ouro Preto pela Inspetoria foi o engenheiro Epaminondas de Macedo. Nota da atual edição: hoje é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Nossa Senhora do Rosário (Capela do Padre Faria)

É mais conhecida pelo nome de capela do Padre Faria. Mas a capela em que o Padre Faria funcionou foi a de S. João, primeiro arraial dos bandeirantes; a de Nossa Senhora do Rosário construiu-se em 1710, depois da retirada do padre para Guaratinguetá. Reza a tradição que no arraial de Bom Sucesso um padre foi morto à hora da missa, pelo que a capela ficou interdita. Resolveram então os moradores transferir a imagem de Nossa Senhora do Parto para o bairro do Padre Faria, onde construíram uma capelinha. É a mesma imagem que ainda hoje lá está no centro do retábulo. Por volta de 1740 a irmandade dos brancos do Rosário, obrigada pelos pretos a se retirar de Santa Ifigênia, no Alto da Cruz, acolheu-se à capela do Padre Faria. Por essa ocasião, reedificaram-na em canga e enriqueceram-na, mudando a invocação para a Senhora do Rosário, mas continuando a Senhora do Parto ou Bom Sucesso como padroeira da capela. O belo sino ornado com a figura de Nossa Senhora do Rosário entre quatro cabeças de anjos, o qual se vê no campanário ao lado da capela, traz a data de 1750. A cruz pontifícia, em frente da porta principal, medindo 8,52m de altura, traz a data de 1756. A capela-mor é rica de talha dourada e pinturas a têmpera; a do teto representa a coroação da Virgem pelos anjos e os quatro painéis das paredes cenas capitais da vida de Maria: a Visitação, a Anunciação, a Adoração dos pastores e a fuga para o Egito. O altar-mor – escreve Diogo de Vasconcelos – “é a jóia mais rica da cidade para não me levarem em conta de exagerado compará-la a uma chapa de ouro aberta por anjos em maravilhas de talha”. Os altares laterais são consagrados o da direita a Santo Antônio, e o da esquerda ao Bom Jesus da Cana Verde. Notem-se os dois púlpitos, cujas linhas se assemelham aos de Santa Ifigênia, o que levou Diogo de Vasconcelos a sugerir sejam do mesmo artista, João da Silva Madeira. Na sacristia existe um lavatório de cantaria com interessante escultura.

Sant’Ana

De alguns anos mais recente que a de S. João. Construção de canga, medindo 7,15m de frente, 17,13m de comprimento e 5,48m de altura. Interior pobre, de madeira; o altar-mor, liso, é moderno; os laterais são mais antigos.

Santa Cruz

Sob essa invocação existem duas pequenas capelas: uma, na Rua do Resende (principal do Alto da Cruz), pertencente à irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Antônio Dias, e cuja construção é contemporânea, senão mais antiga, da de Santa Ifigênia; outra, na Ladeira do Faria, reconstruída em 1903.²

Nosso Senhor do Bonfim

Está situada na Rua da Glória.³ Nesta capelinha é que os condenados à morte, a caminho da forca, levantada nas Cabeças em 1791, ouviam missa por sua alma. A fachada sofreu reforma desfiguradora no século XIX.⁴

S. João (Batista)

O mais antigo templo de Ouro Preto, erecto, segundo a tradição, pelos descobridores da Serra. Construção de canga. Existe guardada na sacristia uma curiosa imagem do santo, em cedro. Possuía também a capela precioso crucifixo de marfim, que está hoje sob a guarda do vigário da paróquia do Pilar.⁵ A pintura da base do retábulo (representa os doze apóstolos) é atribuída por Diogo de Vasconcelos ao mesmo artista que pintou na capela do Pompeu, em caminho de Caeté, os quadros da vida de Santo Antônio. Reconstruída em 1749.

S. Sebastião

Data dos meados do século XVIII. Segundo a tradição, registrada por Diogo de Vasconcelos em *Arte em Ouro Preto*,⁶ a primitiva capela foi construída muito mais para baixo na encosta da montanha.

² Essas duas pequenas capelas não existem mais.

³ Atual Rua Antônio de Albuquerque.

⁴ Retornou à figuração original nos anos de 1957 e 1958, por intervenção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Ficou em seguida muitos anos fechada, sendo reaberta em 1994. Está restaurada e costuma abrir às sextas-feiras, às 15h, quando um grupo de senhoras reza o terço.

⁵ Atualmente está no Museu Aleijadinho.

⁶ Belo Horizonte: Ed. da Academia Mineira, 1934.

Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias (Matriz)

A igreja atual levantou-se no sítio onde existia uma capela de Nossa Senhora da Conceição mandada construir por Antônio Dias, em 1699. Tendo o bandeirante enriquecido grandemente, legou-lhe fundos consideráveis, os quais se empregaram na construção, começada em 1727, do novo edifício, cujas obras se prolongaram até a segunda metade do século XVIII. Em 1760, a talha do altar-mor foi contratada com Filipe Vieira. Em 1868, a igreja ameaçava cair, pelo que foi fechada, durando mais de dez anos os trabalhos de reparação.

Diogo de Vasconcelos sugere a autoria de Pedro Gomes Chaves, autor do projeto de Nossa Senhora do Pilar, pelas analogias que nota entre as duas igrejas, mas o Vereador Joaquim José da Silva, em 1790, afirmava que o risco foi do próprio construtor, Manuel Francisco Lisboa.

Os altares laterais, em número de oito, estão sob a invocação de S. José, S. Sebastião, Santo Antônio e Nossa Senhora da Conceição de Aparecida (antigo do Coração de Jesus, cuja imagem foi colocada no trono),⁷ à esquerda de quem entra; de Nossa Senhora da Boa Morte,⁸ S. João Batista,⁹ S. Gonçalo e S. Miguel e Almas, à direita.

7, 8, e 9: Notas na página seguinte.



Exteriormente: sobre o acrotério uma cruz se eleva do centro da meia-lua, emblema da Conceição.

Interiormente: duas pias de pedra-sabão, talvez as mais bonitas de Ouro Preto; no altar de Nossa Senhora da Boa Morte, grupo de belos relevos em madeira; no altar de Nossa Senhora do Rosário há a notar as imagens de S. Francisco de Paula e S. Roque; no altar-mor vêm-se ao alto, de cada lado, duas belas pinturas, e encimando o retábulo, uma alegoria apocalíptica: uma fortaleza de onde surge uma águia e por cima a coroa de rainha, significando o Cristo nascido da Virgem; nos nichos do altar-mor há a imagem de Santa Bárbara à direita, e S. João Nepomuceno, à esquerda; a imagem da Conceição que ocupa o alto do trono foi pelo Coronel Cícero Pontes mandada modelar, em 1893, segundo a *Conceição* de Murilo; nas bases das pilastras do fundo do altar-mor notem-se as duas cabeças de índios com cocar estilizado; note-se também a cabeça de anjo, à direita no meio da capela-mor; no corredor da sacristia, um formidável armário ladeado de cômodas, em jacarandá; na sacristia existe mais uma cômoda de jacarandá de nove a dez metros de comprimento, e outro armário embutido na parede, da mesma madeira. Procure-se ver também os suportes de essa com figuras de leões, obra do Aleijadinho.¹⁰

Os governadores costumavam tomar posse da Capitania na matriz de Nossa Senhora do Pilar, mas achando-se ela em obras em 1732, foi na matriz de Antônio Dias que se empossou, em 1º de setembro, D. André de Melo e Castro, Conde das Galveias.

Nesta igreja sepultaram-se o Aleijadinho e Marília, mas os despojos desta estão hoje no Museu da Inconfidência.

Nossa Senhora do Monte do Carmo¹¹

Projeto de Manuel Francisco Lisboa, apresentado e aprovado em 1766 (folha 107 do Livro 1.º da Ordem), mas depois bastante modificado, provavelmente por Antônio Francisco Lisboa. A construção, arrematada pela quantia de 36.000 cruzados por João Álvares Viana (folha 108 do mesmo livro), iniciou-se ainda em 1766 e concluiu-

⁷ Está de volta a este altar lateral o Sagrado Coração de Jesus.

⁸ E também Nossa Senhora da Assunção.

⁹ Agora dedicado a Nossa Senhora do Rosário.

¹⁰ Estes se encontram hoje no Museu Aleijadinho.

¹¹ Capela da Ordem Terceira do Carmo.



se em 1772. É administrada pela irmandade da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Ouro Preto. Como observa Rodrigo M. F. de Andrade no prefácio ao livro de Francisco Antônio Lopes (*História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, publicação n.º 8, 1942), a Ordem Terceira chamou um conjunto admirável de artistas para decorar o seu templo: o Aleijadinho, seu pai Manuel Francisco Lisboa, José Pereira dos Santos, autor do risco e da planta de S. Francisco de Mariana; Francisco de Lima Cerqueira, que construiu o Carmo e S. Francisco de S. João del-Rei; Manuel Francisco de Araújo, a quem se deve o risco do frontispício e a empena do Rosário de Ouro Preto; Manuel da Costa Ataíde; João Nepomuceno Correia e Castro, autor das pinturas do Santuário de Congonhas; João Luís Pinheiro, entalhador dos retábulos das igrejas de Ordens Terceiras do Rio das Mortes, além de outros, inclusive talvez João Gomes Batista, professor do Aleijadinho. Outra verificação que se encontra no livro citado, cheio de segura documentação: eram os nossos próprios mestres dos ofícios comuns – carpinteiros, pedreiros, pintores etc. – que faziam os riscos, não havendo o ofício de mestres do risco; e as obras, ainda as mais finas, eram projetadas aqui mesmo,

por artistas nacionais ou radicados à terra, só excepcionalmente se recebendo de Portugal riscos de edificações, como os dos quartéis de Mariana e Vila Rica. O Carmo é notável pelas esculturas em pedra-sabão¹² e talhas em madeira, pelas belas portas interiores, sobretudo as de acesso aos púlpitos, forros dos tetos dos corredores laterais, balaustrada da banca de comunhão e grade de separação da nave central, cômoda e bancos da sacristia. Na capela-mor, painéis de azulejos de legítima faiança pombalina com pinturas alusivas aos episódios sacros da Ordem; as pinturas do teto são do artista Ângelo Clerici (Diogo de Vasconcelos – *A Arte em Ouro Preto*).¹³ A fonte da sacristia, os ornatos do pórtico em pedra-sabão, e os arcos do coro foram arrematados em 1771 pelo mestre-canteiro Francisco de Lima Cerqueira (fls. 173 do Livro 1.º da Ordem), mas a escultura é do Aleijadinho. Os dois altares laterais de S. João e Nossa Senhora da Piedade são obras do Aleijadinho (fls. 70 do Livro 2.º da Ordem), que as concluiu em 1809 e se queixou “de ter recebido o seu salário em ouro falso” (Rodrigo Bretas). Os púlpitos e dois altares laterais foram contratados com Justino Ferreira de Andrade, discípulo de Antônio Francisco, em 1812 (fls. 79 verso do Livro 2.º). Dois outros altares são obras de Manuel Francisco de Araújo (1784 a 1790). O risco desses altares era de João Nepomuceno Correia e Castro. A douradura do altar-mor, dos seis altares laterais e dos filetes da cimalha e frestas do corpo da igreja foi executada pelo pintor alferes Manuel da Costa Ataíde (fls. 116, 122 e 137 do Livro 2.º). É também de sua autoria o risco do altar-mor,¹⁴ na sua própria expressão “todo proporcionado em preceito da ordem compósita da arquitetura”. “Cuido que em valentia e gosto o não podia eu fazer melhor”, acrescenta o artista (1813).

João Luís Pinheiro arrematou, em 1797, as obras do consistório; as do camarim da capela-mor, a cimalha exterior do mesmo trono e os nichos de Santo Elias e Santa Teresa foram contratados com Vicente Alves da Silva, em 1827; o douramento do altar do consistório foi feito em 1839 e o do teto, bem como a pintura das paredes, em 1844; as portas principais foram adquiridas em 1847; os balaústres do arco-cruzeiro, do coro e do corpo da capela foram contratados por um conto de réis com Miguel Antônio Triguelas, em 1888; em 1908, foi contratada nova pintura interna de toda a capela com o pintor Ângelo Clerici; o cemitério foi projetado pelo engenheiro Gerber, e as catacumbas pelo arquiteto Manuel Fernandes da Costa em 1829 (Fur-

¹² Na verdade, uma mistura de chumbo e estanho, que de longe dão a impressão de pedra-sabão.

¹³ Belo Horizonte: Ed. da Academia Mineira, 1934.

¹⁴ Este risco encontra-se esboçado na parede da sala do consistório.



tado de Meneses, *A Religião em Ouro Preto*, no livro do *Bicentenário de Ouro Preto*). O grande sino, a que o povo chama Elias,¹⁵ faz-se notar pelas suas proporções e pelo seu timbre, agradável e possante, que enche o vale de Ouro Preto.

Antes de 1766, existia no sítio uma capelinha erigida por devotos de Santa Quitéria. Quando os irmãos terceiros do Carmo, congregados naquela capela, construíram o novo templo, honraram a santa, tomando-a como padroeira, e colocando-lhe a imagem no meio do trono. O antigo altar de Santa Quitéria é hoje o de Nossa Senhora dos Passos (invocação de S. José), o terceiro à esquerda de quem entra na igreja;¹⁶ o primeiro e o segundo são o de Nosso Senhor da Cana Verde (invocação de S. Caetano), e o da Varanda de Pilatos (invocação de Nosso Senhor da Piedade). Em frente o primeiro altar é o de Nosso Senhor da Coluna (invocação de S. Manuel); o segundo é o de Nosso Senhor na Acusação (invocação de S. João); o terceiro é o de Nosso Senhor no Horto (invocação de Santa Luzia).¹⁷

Nossa Senhora das Dores

Autoria desconhecida. Construção começada em 1788. Está situada num morro entre os bairros de Antônio Dias e Barra. Não tem irmandade, sendo zelada por um irmão devoto.¹⁸ Pertence à freguesia de

¹⁵ Santo Elias é o patrono da Ordem dos Carmelitas.

¹⁶ Hoje a imagem de Santa Quitéria está abaixo da de Nossa Senhora do Carmo, no altar-mor.

¹⁷ Na antiga Casa do Noviciado desta igreja, funciona hoje o Museu do Oratório.

¹⁸ Hoje existe a Irmandade de Nossa Senhora das Dores.

Antônio Dias.¹⁹ Desprovida de interesse histórico ou artístico. Possui uma torre central, que, arruinada, foi substituída por uma sineira de verga em semicírculo. A primitiva imagem de Nossa Senhora das Dores, de dois palmos, veio de Braga e foi feita pelo Padre Manuel Martinho Pereira; a atual, de seis palmos, veio também de Braga. No consistório existe uma bela imagem antiga de Nossa Senhora da Piedade. No altar-mor, o único, há uma banqueta de seis castiçais de talha dourada e duas belas mesas de estilo D. João V.²⁰

Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo)

Construção concluída em 1772. Autoria desconhecida. Reconstruída em meados do século XIX. Pertence à freguesia de Antônio Dias e é administrada pela irmandade da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora das Mercês e Perdões. Na capela-mor, imagem moderna de Nossa Senhora das Mercês (no trono) e imagens de S. Pedro Nolasco e S. Raimundo Nonato; altares laterais – de um lado Santa Catarina e Santo Antônio, do outro São Lourenço e Nossa Senhora da Saúde. As velhas imagens da primitiva capela sob a invocação do Bom Jesus dos Perdões se acham no consistório.

A tradição atribui a fundação da primitiva capela a D. Branca de Oliveira Leitão, cujo marido, Coronel Antônio de Oliveira Leitão, nobre paulista, apunhalou, em 1720, a filha, por suspeitá-la de namorar com um rapaz de origem plebéia, pelo que foi preso, transportado para a Bahia, e lá julgado e decapitado. Sabe-se, entretanto, por documentos daquele tempo, que a capela foi construída pelo Padre José Fernandes Leite. Este a doou, em 1770, à Irmandade de Nossa Senhora das Mercês e Redenção dos Cativos, com a condição de continuar o doador no cargo de capelão-comissário e sem prejuízo do culto às imagens do Senhor dos Perdões e da Senhora da Saúde.

Não era isenta de pugnas a vida das irmandades. Assim é que a crônica de Mercês de Baixo registra o dissídio entre os crioulos do Pilar e os de Antônio Dias, em torno de uma imagem que estes últimos teriam mandado fabricar e que aqueles, “por vão capricho e bazófia”, figurando até a assinatura de crianças de

¹⁹ Atualmente, pertence à Paróquia de Santa Ifigênia, segundo o diretor do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto.

²⁰ A Capela de Nossa Senhora das Dores está fechada para restauração, processo que em Ouro Preto pode levar vários anos. As duas mesas citadas encontram-se no Museu Aleijadinho.

peito nos seus documentos, reivindicavam para si. O pleito foi longo, e por causa dele certo número de crioulos descontentes abandonou a irmandade de Nossa Senhora das Mercês, da freguesia do Pilar, passando-se para Bom Jesus dos Perdões, berço de Mercês de Baixo.

A rivalidade entre Pilar e Antônio Dias chegou em 1845 ao conhecimento do Imperador. As duas ordens terceiras das Mercês se disputavam privilégios e prioridades. Houve necessidade de um aviso da Secretaria da Justiça, para estabelecer que os homens das Mercês de Cima (Pilar) não podiam ser despojados do direito de usar vestes talares, mas que, em compensação, os das Mercês de Baixo (Antônio Dias), organizados pelo menos desde 1823, tinham absoluta prioridade nos atos públicos. A vitória, segundo o *Publicador Mineiro* daquela época, foi festejada com fogos, rojões e contentamento geral, em Antônio Dias.

O visitante deve procurar conversar com o sacristão Manuel de Paiva,²¹ que sucedeu ao pai, de quem ouviu informes curiosos. Assim conta ele que os quatro altares laterais vieram de uma igreja incendiada em Rio de Pedras; os belos castiçais coroados de anjinhos são do tempo da capelinha do Bom Jesus dos Perdões. O altar-mor data de 1890. Sobre a pia em pedra-sabão da sacristia vê-se a tarja de armas de Nossa Senhora das Mercês, primitivamente situada no coroamento do altar-mor.

No Livro de Receita e Despesa da Ordem consta à fls. 71 que, no ano de 1775, foi paga ao Aleijadinho a quantia de seis oitavas de ouro por trabalho executado para a igreja. Trata-se do risco da primitiva capela-mor.

Do mesmo livro consta um pagamento feito a Ataíde por trabalho ainda não identificado.

Mercês e Misericórdia (de Cima)

Pertence à freguesia de Nossa Senhora do Pilar e é administrada pela irmandade das Mercês da Misericórdia.

A atual igreja, começada a construir em 1771, substituiu a que existia no mesmo sítio. A modificação de sua fachada para dar lugar à torre central confirma, pela mutilação do coro, que essa transformação se operou quando a igreja já estava definitivamente concluída. O risco e as condições dessa obra datam de 1793 e foram de autoria do mestre Manuel Francisco de Araújo.

²¹ Já falecido.

O medalhão da portada, em pedra-sabão, representando a Virgem com os braços abertos, estendendo o manto de proteção aos cativos dos mouros, segundo o sonho do fundador da Ordem, São Pedro Nolasco, foi executado por Manuel Gonçalves Bragança, que pelo trabalho recebeu quarenta e seis oitavas de ouro (Dr. Furtado de Meneses).

Notem-se as aldrabas e o espelho da fechadura na porta principal.

Encerra algumas peças de valor: no presbitério, seis cadeiras D. João V; na sacristia três quadros com as figuras de S. Gregório, Santo Ambrósio e Santo Agostinho,²² semelhantes aos que estão no consistório do Carmo; no consistório duas belas cômodas de jacarandá com primorosas ferragens, e em duas pesadas arcas ricos paramentos.

No altar-mor, ladeando o camarim, há as imagens de S. Raimundo Nonato e S. Pedro Nolasco; no trono, a primitiva imagem de Nossa Senhora das Mercês.²³ Os altares laterais são quatro, sob a invocação de Santa Catarina de Alexandria, Santo Antão, S. Lourenço e Nossa Senhora da Saúde. Nos nichos desses altares abrigam-se velhas imagens de Nossa Senhora dos Remédios, S. João Batista, Nossa Senhora do Rosário, Santa Luzia, S. José.

Os painéis da sacristia são modernos, obra do pintor Ângelo Clerici.

Nossa Senhora do Pilar (Matriz do Fundo de Ouro Preto)

Planta atribuída ao arquiteto Pedro Gomes Chaves. No mesmo local levantou-se, em 1711, uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Pilar; a essa capela de taipa sucedeu a igreja construída pela irmandade do Santíssimo Sacramento. Enquanto se erguia a nova matriz em torno da primitiva capela, prosseguiram nesta os ofícios. Quando a construção, começada pelo corpo do templo primitivo, atingiu a capela-mor, passaram os ofícios a realizar-se no Rosário; desta saiu, em 1733, o Santíssimo em solene procissão, conhe-

²² Estes quadros estão no Museu de Arte Sacra de Ouro Preto, assim como o referente a São Boaventura, encontrado enrolado no consistório dessa igreja durante restauração, em 1990.

²³ Esta imagem é do Aleijadinho e encontra-se em exposição no Museu de Arte Sacra de Ouro Preto.



cida pelo nome de Triunfo Eucarístico, para a nova matriz, ainda não concluída então. Continuaram as obras pelo século XVIII adentro, obedecendo ao plano inicial. Em 1848, concluiu-se a atual fachada.

A carpintaria da nave é de Antônio Francisco Pombal.

Admirável é a banqueta de prata do altar-mor, assim como a custódia de ouro,²⁴ sacras de prata e outras preciosidades. A obra de talha da capela-mor é do mestre Francisco Xavier de Brito.

Os altares laterais são em número de seis, sendo os mais antigos o primeiro e o terceiro do lado do Evangelho; provavelmente pertenceram à antiga capela. Esses seis altares estão sob a invocação de Santo Antônio, S. Miguel, Sant'Ana, Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Rosário. Todos ostentam bela talha dourada. Há velhas pinturas no teto do corpo da igreja e nas paredes da capela-mor. Vale também mencionar os púlpitos esculpidos e o teto em polígonos estrelados.

Na sacristia existe uma enorme cômoda de jacarandá, e sobre esta um oratório da mesma madeira numa só peça; ao fundo, duas outras cômodas. No consistório há outro oratório²⁵ e outra cômoda de estilo D. João V.²⁶

O visitante não deve deixar de pedir que lhe mostrem os belíssimos paramentos guardados na mesa do consistório.²⁷ E num pequeno livro da irmandade poderá ver a assinatura do "Dr. Gonzaga" (Tomás Antônio Gonzaga).²⁸

Nesse templo tomou posse D. Lourenço de Almeida, primeiro governador das Minas Gerais.

Nossa Senhora do Rosário

Pertence à freguesia de Ouro Preto²⁹ e é administrada pela irmandade de Nossa Senhora dos Pretos da freguesia de Nossa Senhora do Pilar.

²⁴ Esta custódia de ouro foi roubada, em 1972, e ainda não recuperada, segundo o diretor do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto.

²⁵ Em devoção a Nossa Senhora das Dores.

²⁶ Há também uma mesa de jacarandá, estilo D. João V, onde os governadores de Minas Gerais tomavam posse.

²⁷ Estão no Museu de Arte Sacra de Ouro Preto. Este museu fica dentro da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. No subsolo, há oito vitrines temáticas com prataria, ourivesaria e indumentária, entre outras peças do período colonial. Na sala do consistório, há imagens de santos também desse período.

²⁸ Está no Arquivo Histórico e Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar; não fica em exposição.

²⁹ Atual Nossa Senhora do Pilar.

Diz o Vereador Joaquim José da Silva que o projeto é de Antônio Pereira de Sousa Calheiros, que, segundo Diogo de Vasconcelos (*A Arte em Ouro Preto*), o delineara em 1785. Todavia, apurou-se apenas que o risco do frontispício e da empresa foi de Manuel Francisco de Araújo. A igreja é de pedra aparelhada. De itacolomito são os cunhais, quadros das luzes, das sineiras, pináculos, pedestais das pilastras interiores, arco-cruzeiro, bacias dos púlpitos e poiais dos corredores. Os balaústres das janelas da frente são de pedra-sabão. Os altares laterais estão sob a invocação de Santa Helena, Santa Ifigênia e Santo Antônio da Núbia,³⁰ à direita de quem entra, e Nossa Senhora Mãe dos Homens, Santo Elesbão³¹ e S. Benedito, à esquerda.³² Segundo informação do zelador, Sr. Odorico Neves,³³ as imagens de S. Benedito e de Santo Antônio são da autoria do Padre Félix, irmão do Aleijadinho.³⁴ No presbitério, três cadeiras de respaldo alto em jacarandá: dignos de nota são os dois grandes anjos que sustentam as tochas. O altar-mor é uma peça moderna e destoa do resto da construção.³⁵ Os bancos da nave são modernos e foram desenhados pelo pintor paulista J. Wast Rodrigues. Na sacristia, o teto é ornado de seis painéis de cenas evangélicas;³⁶ enorme cômoda de jacarandá com ferragens preciosas.³⁷

O templo atual substituiu a primitiva capela, que datava de 1709, e onde, de 1731 a 1733, esteve guardado o Sacrário Paroquial, por estar sendo então reconstruída a capela-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Dessa extinta capela são remanescentes na igreja atual o frontal do altar-mor, as duas credências que estão no supedâneo, e no oratório da sacristia as pequenas imagens de Nossa Senhora do Rosário, de Santa Ifigênia e de S. Benedito.

O visitante deve procurar ver na sacristia o livro do compromisso,³⁸ rico álbum com labores de prata e internamente bonitos desenhos e caligrafia. No cap. I se diz que “toda pessoa preta, ou branca,

³⁰ Também conhecido como Santo Antônio do Noto.

³¹ Também conhecido como São Benedito das Flores.

³² No altar-mor, além da imagem de Nossa Senhora do Rosário, há os nichos com as imagens de São Domingos de Gusmão, à esquerda, e Santa Catarina de Siena, à direita.

³³ Já falecido.

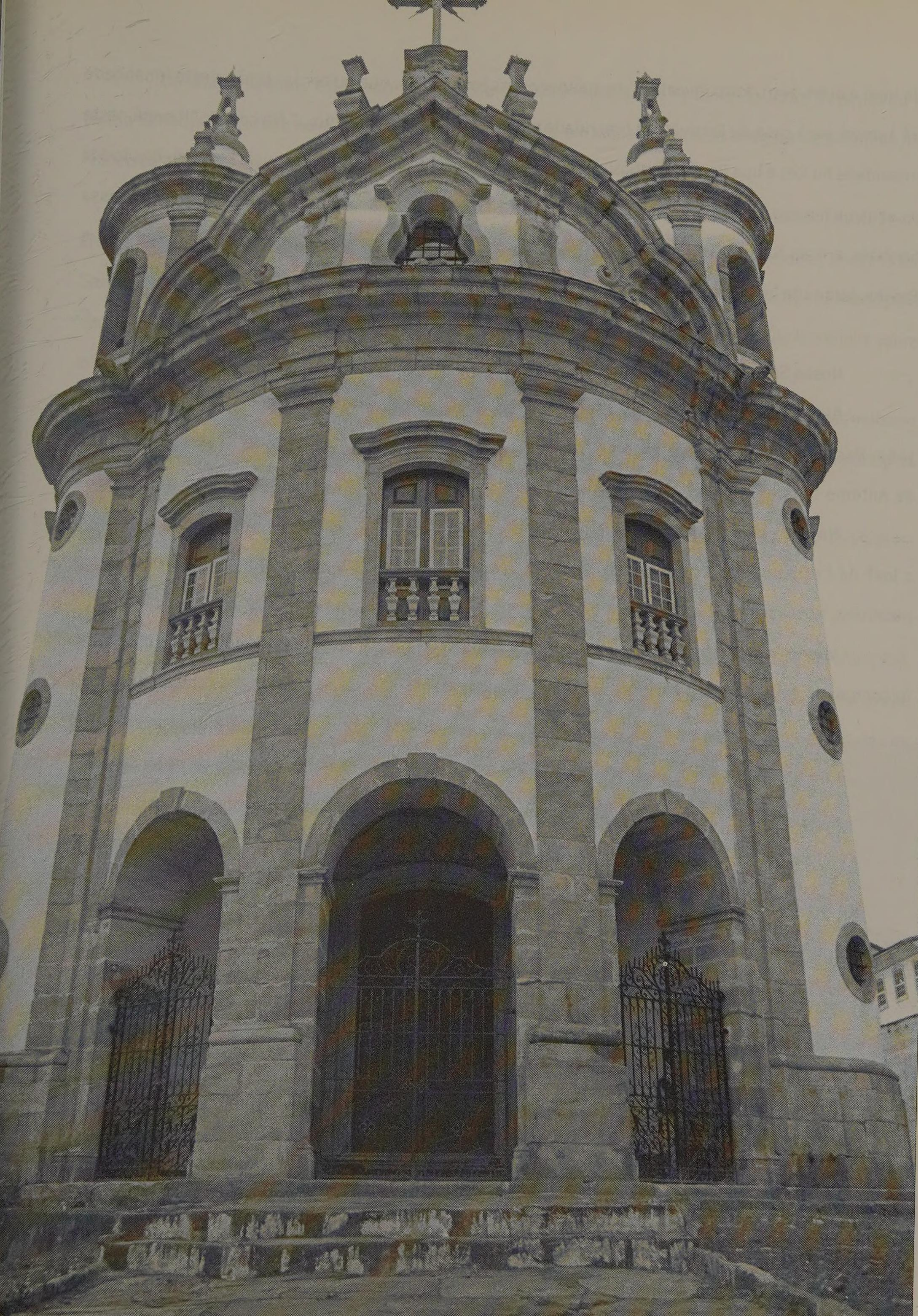
³⁴ Pesquisas recentes mostraram ser de autoria de José Gervásio de Souza Lobo.

³⁵ Durante restauração feita no período de 1997 a 1999 nesta Capela do Rosário dos Pretos, foi descoberta a pintura original do altar-mor, de autoria de José Gervásio de Souza Lobo.

³⁶ Na verdade, são quatro painéis, um para cada evangelista.

³⁷ Esta cômoda também conserva antigos paramentos litúrgicos.

³⁸ Hoje está no Museu de Arte Sacra de Ouro Preto.



A FACHADA CIRCULAR TORNA A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO UM EXEMPLO RARO DA ARQUITETURA BARROCA MINEIRA.

de hum e outro sexo, forro ou cativo, de qualquer nassão que seja, que quizer ser Irmão desta Irmandade irá à meza, ou à casa do Escrivão da Irmandade pedir-lhe faça assentamento...” No cap. II: “Haverá nesta Irmandade hu Rey e hua Rainha, ambos pretos de qualquer nassão que sejam, os quais serão eleitos todos os annos em meza a mais votos, e serão obrigados a assistir com o seu estado as festividades de Nossa Senhora, e mais Santos, acompanhando no último dia a Procissão atraz do Pallio, e assim o Rey com a Rainha dará cada hu de sua esmolla dezasseis oytavas de ouro...”

Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz de Padre Faria (Santa Ifigênia)³⁹

Autoria ignorada.⁴⁰ Tem inscrita na peanha da imagem da padroeira, no frontispício, a data de 1762. Pertence à freguesia de Antônio Dias e é administrada pela irmandade do Rosário dos Pretos de Antônio Dias.⁴¹

Na cruz existente no alto da fachada lê-se a data de 1785. O velho relógio foi comprado, em 1762, a José da Costa por 290\$000: é o mais antigo da cidade. A imagem abrigada no nicho do frontão é da padroeira, Nossa Senhora do Rosário.

Interiormente, o tapa-vento é digno de nota pela sua bela talha, obra de João Paulo Meira, com quem foi contratado, em 1892, por 1:500\$000. São também modernos os trabalhos de reparo e douramento do teto do

altar-mor, e de pintura e douramento dos altares laterais e do resto da capela, contratados, em 1896, com Lourenço Petriza.



IGREJA DE SANTA IFIGÊNIA (OU EFIGÊNIA): “TEM INSCRITA NA PEANHA DA IMAGEM DA PADROEIRA, NO FRONTISPÍCIO, A DATA DE 1762.”

³⁹ Também conhecida por Santa Efigênia.

⁴⁰ A historiadora Adalgisa Arantes Campos traz dados mais recentes sobre a história da Capela do Rosário do Alto da Cruz ou Santa Efigênia no livro *Roteiros Sagrados – Monumentos Sagrados de Ouro Preto* (Belo Horizonte: Tratos Culturais/Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000).

⁴¹ Atualmente, é a sede da Paróquia de Santa Ifigênia, segundo o diretor do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto.

Os altares laterais estão sob a invocação de Santa Rita, Santo Antônio do Noto, S. Benedito e Nossa Senhora do Carmo; no segundo e no terceiro vêem-se em nichos pequenas imagens de S. Romão, S. Francisco de Assis, Sant'Ana e S. Domingos.

Na capela-mor há dois painéis a óleo representando S. Luís e S. Francisco orando aos pés de Jesus crucificado; no teto, em arco de cesta, existe outra pintura; nos nichos do altar-mor, pesadas imagens de Santo Elesbão e S. Camilo; domina o dossel um medalhão com o monograma da irmandade, encimado pela coroa da Rainha do Rosário; ao fundo, no camarim, a primitiva imagem de Nossa Senhora do Rosário, e sobre o pedestal do Sacrário uma velha imagem de Santa Ifigênia sustentando na mão a sua igreja.

Na sacristia ostenta-se uma vasta cômoda de jacarandá com magníficas ferragens, duas velhas e pesadas arcas onde se guardam os paramentos do culto, e um banco; pinturas no teto, representando os evangelistas. Note-se a fechadura da porta, à esquerda, ao entrar para a sacristia.

No consistório há três pequenos altares com imagens em roca de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Graças e Santa Quitéria.

Os púlpitos, segundo Diogo de Vasconcelos, são obra de João da Silva Madeira.

Em sua *História Antiga das Minas Gerais*, narra Diogo de Vasconcelos a tradição de Chico Rei, recolhida pela primeira vez por Afonso Arinos (*Atalaia Bandeirante*), à qual está ligada a ereção desta igreja. Francisco, rei africano, foi aprisionado e vendido para escravo com toda a sua tribo. A mulher e todos os filhos, menos um, morreram na travessia do Atlântico. Os sobreviventes foram encaminhados às minas de Ouro Preto. Homem inteligente e enérgico, Chico Rei trabalhou e forrou o filho; em seguida, os dois trabalharam para forrar um patrício; e assim sucessivamente se forrou toda a tribo, que passou a forrar outros vizinhos da mesma nação. Formaram entre si um como que Estado: Francisco era o rei; sua nova mulher, a rainha; seu filho, o príncipe; a nora, a princesa. A coletividade possuía a mina riquíssima da Encardideira. Tomaram como padroeira a Santa Ifigênia, a cuja milagrosa imagem prestavam culto no Alto da Cruz, na capela levantada sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. No dia 6 de janeiro o rei, a rainha e os príncipes, vestidos como tais, eram conduzidos triunfalmente à igreja para assistir à missa cantada; em seguida percorriam as ruas dançando ao som de instrumentos africanos: era o reinado do Rosário, festas imitadas em todos os arraiais de Minas.

Ainda existe à entrada da igreja a pia de pedra onde as negras lavavam os cabelos para nela deixar como donativo o ouro de que estavam empoados.⁴²

S. Francisco de Assis

Pertence à freguesia de Antônio Dias. O adro da igreja, como o de S. Francisco de Paula e o morro do Cruzeiro, é local que se recomenda para a apreciação do panorama de Ouro Preto.

A Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, a primeira Ordem Terceira criada em Ouro Preto (remonta a 1745), adquiriu os terrenos onde se levantou o templo, em 1765, e já no ano seguinte contratava a



construção com o mestre Domingos Moreira de Oliveira. O projeto é de Antônio Francisco Lisboa; em 24 de agosto de 1794 lavrou-se o termo de entrega e aceitação das obras, sendo louvados por parte da Ordem Antônio Francisco Lisboa e José Pereira Arouca.

O coroamento da porta principal é uma composição em pedra-sabão composto de dois medalhões, um com as cinco chagas, outro com os cinco dados, dominados por outro medalhão maior e em que se vê a imagem em meio corpo de Nossa Senhora da Conceição encimada por uma coroa de rainha. No alto da fachada, grande medalhão circular, que representa S. Francisco de joelhos recebendo os estigmas no Monte Alverne. À fls. 146 verso do Livro I da Ordem se lê que o risco da portada foi do Aleijadinho, e à fls. 147 que José Antônio de Brito foi o arrematante da obra.

As portas principais e laterais custaram 224\$000 e foram feitas por Lucas Evangelista de Jesus, mas o risco veio de Lisboa, segundo se lê em documento do arquivo da Ordem.

No interior do templo: o tapa-vento é obra de Manuel Gonçalves, custou 45\$000 e foi colocado, em 15 de junho de 1806; os altares laterais, em número de seis, executados de 1829 a 1832, e nos quais

⁴² Numa das reformas por que passou a igreja, foram identificados símbolos religiosos de origem africana na decoração do altar-mor.





trabalharam José Pinto de Souza e outros entalhadores, estão sob a invocação do Coração de Jesus, Santo Ivo e Santa Isabel da Hungria, à esquerda, e do Coração de Maria, São Roque em Bem-Casados (Santa Bona e S. Lúcio), à direita, mas este último fora feito para a invocação de Santa Rosa, cuja imagem está hoje no nicho do altar do Coração de Maria, e os atuais do Coração de Jesus e Coração de Maria estiveram até 1912 sob a invocação de S. Lúcio e de Santa Bona^{*}; o grande painel do teto da nave representa a glorificação da Virgem, obra do pintor Manuel da Costa Ataíde, com quem foi contratado o douramento e mais pinturas da capela em 1801, por 4.000 cruzados – trabalhos que ficaram terminados em 1810 o teto

da capela-mor é em forma de barrete e nele se vêem em medalhões as figuras de S. Boaventura, Santo Antônio, Santo Ivo e S. Gonçalo, grandes santos da Ordem; no púlpito da esquerda está representado na face principal Jesus falando ao povo à margem do lago, no da direita o episódio do profeta Jonas; no altar-mor são admiráveis a composição da Santíssima Trindade, que encima o retábulo, e o baixo-relevo do frontal da urna, representando o episódio das santas mulheres levando aromas e dando com o santo sepulcro vazio. Toda a capela-mor, barrete do teto, tribuna, altar-mor, retábulo deste, púlpitos, são do Aleijadinho (fls. 108, 115 verso, 176 do Livro I da Ordem e recibos autógrafos do artista recolhidos ao Museu da Inconfidência). Admiráveis também as pinturas que circundam a capela-mor, fingindo azulejos, representando os episódios capitais da vida de Abraão, obra de Manuel da Costa Ataíde (Abecedário de Contas da Ordem, de 1804, fls. 34 verso e 35). As outras pinturas da capela-mor (papas que pertenceram à Ordem, uma Ceia, um Lava-Pés) e da nave são também de autoria de Manuel da Costa Ataíde.

Na sacristia há que admirar, em primeiro lugar, a fonte em pedra-sabão, representação simbólica da Ordem de S. Francisco: das chagas, representadas num escudo oval ladeado por dois anjos, parte um raio de luz que cai sobre um arcanjo, que na mão esquerda sustenta um medalhão com a efígie do santo,

Nota da 4ª edição: Foi restabelecida a invocação antiga (informação de Sylvio de Vasconcellos).

enquanto que a direita pousa sobre a figura principal, símbolo da Fé; esta desdobra um cartão onde se lê: *“Haec est ad coelum quae via ducit”*; a seus pés, entre duas cabeças de cervos, outra inscrição: *“Ad dominum curro sitiens cervus ad undas.”*

As paredes da sacristia estão cobertas de telas representando Santa Isabel de Portugal e Santa Isabel da Hungria, Santo Ivo, S. Luís de França, Santa Rosa de Viterbo, São Francisco lendo os estatutos da Ordem a Santa Clara e a S. Roque, o Papa e os cardeais no momento de entregar a S. Francisco os estatutos, e São Francisco pregando ao povo. O teto é revestido de cinco grandes telas:⁴³ no meio S. Francisco levado ao céu pelos anjos; os outros quatro representam um eremita, Santa Maria Egipcíaca, a Madalena e S. Francisco. Diogo de Vasconcelos atribui também esses painéis a Ataíde, pela semelhança com outros de S. Francisco de Mariana sabidamente daquele pintor. Rodrigo M. F. de Andrade duvida dessa autoria.

Contém a sacristia uma grande cômoda de jacarandá (as guarnições foram arrancadas), bancos da mesma madeira envernizados de preto, oratório, imagens, tudo de caprichosa talha do tempo. E o consistório encerra também preciosidades do mesmo gênero.

O cemitério da Ordem começou a ser construído, em 1831, por Manuel Fernandes da Costa, e foi acabado por José Ribeiro de Carvalho, em 1838.

Cláudio Manuel da Costa foi advogado da Ordem desde 1771, recebendo anualmente para isso 60 oitavas de ouro.

Dos fundos de S. Francisco se avista, na aba do morro do Cruzeiro, a casa chamada dos Inconfidentes; à direita, o morro da Forca (para onde foi transferida a forca, primitivamente instalada no Caminho das Cabeças, hoje Rua Alvarenga): ao fundo do vale o Ribeirão do Funil. Para trás do morro do Cruzeiro fica o Tripuí.

S. Francisco de Paula

Pertence à freguesia de Ouro Preto⁴⁴ e é administrada pela Irmandade da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de S. Francisco de Paula.

⁴³ Painéis de madeira.

⁴⁴ Atual Paróquia de Nossa Senhora do Pilar.

O autor do projeto foi o sargento-mor Francisco Machado da Cruz. Construída de 1804 a 1878, embora, segundo Diogo de Vasconcelos, só ficasse inteiramente concluída em 1904. “Um século de devoção e fadigas.”

A cavaleiro da cidade, a Nordeste, sobre o morro da Piedade, o acesso ao templo se faz por uma larga escadaria de pedra ladeada por quatro estátuas dos Evangelistas em louça de Santo Antônio do Porto.⁴⁵ Mas pode-se chegar a ele mais suavemente dando a volta pela ponte do Xavier.⁴⁶

O tapa-vento é dos mais belos de Ouro Preto. Os seis altares laterais, de talha muito simples, estão sob a invocação de S. Francisco de Sales, Nossa Senhora da Conceição e S. Miguel de um lado, e Santo Antônio, S. Geraldo (de gesso), e Nossa Senhora da Consolação do outro. A imagem de S. Miguel pisando o demônio, a mais interessante, foi trazida da primeira irmandade da Santa Casa. Nos sacrários, pequenas imagens de S. Francisco de Assis, S. Luís Gonzaga, S. Bento.⁴⁷ No frontispício do altar de Nossa Senhora da Consolação se vê um prego batido pelo Imperador Pedro II por ocasião de sua visita a Ouro Preto, em 1881, para inaugurar as obras dos altares laterais. Desse ato existe um termo lavrado em livro ricamente encadernado e guardado pela Mesa.⁴⁸ Desse mesmo livro consta outro termo de visita da Imperatriz, da Princesa Isabel e do Príncipe D. Pedro Augusto, quando foram inaugurar o ramal férreo de Ouro Preto.

No teto da capela-mor, dois painéis representando Jesus com a Samaritana. São trabalhos posteriores a 1845.

No altar-mor, de talha pobre, há seis castiçais de talha dourada; ladeando o trono, as imagens em roca de S. Francisco de Assis e Santa Mônica; ao fundo, num dos degraus do trono, magnífica imagem



⁴⁵ Estão hoje na Igreja de São Francisco de Assis.

⁴⁶ Que hoje é um aterro, próximo à Rodoviária Oito de Julho.

⁴⁷ Estas imagens não estão mais lá.

⁴⁸ O livro está hoje nos Arquivos Históricos e Eclesiásticos da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar.

de vulto de S. Francisco de Paula, que é obra do Aleijadinho. Nos dias de festa esta imagem é ornada com um grande rosário de ouro, que lhe pertence. O douramento do altar-mor só ficou concluído em 1898 e foi feito por Albino Lima; o dos altares laterais, em 1908, este feito por Henrique Bource.

A sacristia é pobre, com a sua cômoda humilde, oratório sem ornatos, e um lavatório em cantaria.

No consistório há arcas e cômodas de jacarandá, simples e arruinadas.⁴⁹

O cemitério traz no seu bonito portão a data de 1837.

A igreja abre-se nas manhãs de sexta-feira para a missa votiva da antiga devoção de Nossa Senhora da Piedade.⁵⁰

Em 1860, Frei Francisco, protetor da Ordem, levantou uma cruz de madeira no morro que hoje se chama do Cruzeiro, e desde então todos os anos se promoveram nesse local festas em benefício das obras da igreja. Mais tarde, os irmãos construíram perto do cruzeiro uma capelinha, para onde transportavam na época das festas a imagem de S. Francisco de Paula. Essas festas eram enormemente concorridas e freqüentava-as a melhor gente de Ouro Preto. Mas com o correr dos tempos o entusiasmo foi arrefecendo e a capelinha chegou mesmo a cair em ruína. Em 1908, foi ela reedificada. Furtado de Meneses, escrevendo em 1911, diz que então colocaram lá a imagem de Nossa Senhora da Piedade que ocupava o trono da primitiva capela existente no sítio onde hoje está a Igreja de São Francisco de Paula. Essa imagem voltou a S. Francisco e é a que se vê na tribuna à direita. A capelinha de Nossa Senhora da Piedade do morro do Cruzeiro está hoje em ruínas.⁵¹

S. José

Pertence à freguesia de Ouro Preto⁵² e é administrada pela irmandade de S. José.

A autoria do risco é desconhecida.⁵³ O edifício atual começou a ser construído depois de 1752, só se concluindo em 1811; substitui a primitiva capela, que era bem diferente, e já existia em

⁴⁹ Já foram restauradas.

⁵⁰ Atualmente a Capela de São Francisco de Paula fica aberta de terça-feira a domingo, das 9h às 11h30min e das 13h30min às 16h45min.

⁵¹ Esta capela não existe mais, e em seu lugar funciona parte do campus da Universidade Federal de Ouro Preto. A imagem de Nossa Senhora da Piedade está no trono da capela-mor da Igreja de São Francisco de Paula, acima da imagem do santo que dá nome ao templo.

⁵² Atual Freguesia de Nossa Senhora do Pilar. A Capela de São José dos Homens Pardos ou Bem Casados está fechada há bastante tempo para restauração.

⁵³ A historiadora Adalgisa Arantes Campos, *op. cit.*, tem dados mais recentes sobre a construção da capela.

1730. Nessa primitiva capela se abrigou, em 1731, a imagem do Senhor dos Passos da matriz do Pilar, quando esta se reconstruía.

Segundo um documento exposto no Museu da Inconfidência, Antônio Francisco Lisboa foi juiz da Irmandade e contribuiu para as obras da igreja com um risco para o retábulo da capela-mor e outro para a torre.

Em 1885, sofreu a igreja reparações importantes, e foi contratado por 1:300\$000 com o pintor Ângelo Clerici a pintura e douramento do altar-mor.

Em 1889 foi contratado com o pintor Antônio Claudino a pintura do corpo da igreja, do arco-cruzeiro e dos quatro altares laterais, que estão sob a invocação de Santa Bárbara,⁵⁴ Santa Cecília, Nossa Senhora da Boa Morte⁵⁵ e Coração de Maria.⁵⁶

Nesse mesmo ano de 1889 o Imperador concedeu à igreja o título de Imperial Capela, com licença para usar as armas do Império. Mas com a proclamação da República, a Mesa resolveu em 1.º de dezembro suprimir o título, e foram retiradas as armas que haviam sido instaladas sobre a porta principal e na boca do trono; a da fachada está hoje na sacristia, sobre o lavatório; a do trono em seu lugar.

Na capela-mor, as pinturas representam a vida de Davi. O camarim do altar-mor é ladeado pelas imagens de vulto de S. Brás e Santo Amaro;⁵⁷ dominando o trono a velha imagem de S. José, e mais embaixo S. João Nepomuceno.⁵⁸

A sacristia encerra um lavabo curioso; as pinturas são de Ângelo Clerici.

No cemitério existente ao fundo da igreja está o túmulo do poeta Bernardo Guimarães, trazendo a inscrição: "A Bernardo Guimarães, o Estado de Minas Gerais."

⁵⁴ Junto com Nossa Senhora de Guadalupe.

⁵⁵ Junto com São José Nepomuceno.

⁵⁶ Atualmente, Nossa Senhora do Parto e São José de Botas.

⁵⁷ Atualmente, São Bento.

⁵⁸ A imagem de São João Nepomuceno está hoje no altar de Nossa Senhora da Boa Morte. No altar-mor encontram-se os esponsais de São José e Nossa Senhora, além de uma imagem do Senhor Morto.

Senhor Bom Jesus de Matozinhos (S. Miguel e Almas)

Furtado de Meneses não conseguiu obter informações sobre a construção dessa igreja.⁵⁹ Fala ele de um livro que lá existe, precioso por ter sido aberto e rubricado por Tomás Antônio Gonzaga, em 4 de janeiro de 1785. Desse livro, que tem o número 1, consta que a capela era dedicada aos SS. Corações de Jesus, Maria, José, Senhor dos Matozinhos, S. Miguel e Almas.

O que há de mais admirável neste templo é o coroamento da porta principal, em pedra-sabão. O nicho, em que se abriga a imagem de S. Miguel Arcanjo, assenta sobre um baixo-relevo que representa a purificação pelo fogo. Rodrigo Bretas, hoje confirmado pelo exame técnico, diz que ele é reconhecidamente de Antônio Francisco Lisboa.

Duas pinturas de Manuel da Costa Ataíde enriquecem o templo: uma Ceia e uma Crucifixão.

Outra curiosidade desta igreja é a imagem do Senhor no Sepulcro, notável pela expressão da fisionomia.⁶⁰

Oratórios Particulares

No século XVIII eram numerosos os oratórios abertos nas fachadas das casas particulares. Conta Furtado de Meneses que, nos primeiros anos do século, a população da vila foi alarmada pela aparição, ao cair da noite, de vultos sinistros que desciam dos morros vizinhos e cometiam toda a sorte de tropelias. Espalhou-se a crença de que eram fantasmas com pés de pato, asas e chifres. O terror público levou o povo a pedir ao bispo licença para pôr oratórios nas casas, o que foi feito, sobretudo nos prédios de esquina. Quase todos esses oratórios desapareceram. Restam apenas dois: o de Nossa Senhora do Bom Despacho, à Rua Bernardo de Vasconcelos, esquina da dos Paulistas, e o de Santa Cruz, na esquina da Rua Barão de Ouro Branco, antiga do Carrapicho, com o Vira-Saia.⁶¹

⁵⁹ Pesquisas recentes de Adalgisa Arantes Campos, *op. cit.*, revelam aspectos da história da Capela dos Santíssimos Corações, São Miguel e Almas e Senhor Bom Jesus de Matozinhos, incluindo a relação dos relevos em madeira representando Cristo no Horto, Cristo na Prisão, Cristo com a Cana Verde, Cristo da Pedra Fria, Cristo da Coluna, Cristo com a Cruz às Costas.

⁶⁰ No altar principal se encontram imagens de Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista, além do Senhor Bom Jesus e de São Miguel.

⁶¹ Rua Santa Ifigênia.

Passos

São os Passos capelinhas onde pára a procissão do Encontro no Domingo de Ramos, único dia do ano em que ficam abertos.

Em 1786, o procurador da Irmandade de Nossa Senhora dos Passos, por estarem os velhos Passos em ruína, propôs a mudança deles para outros locais em ruas então mais freqüentadas: Direita, Tiradentes,⁶² Rosário e Ponte Seca, o que foi aprovado pela Mesa.

Em 1788, foi aceito o Passo da Ponte Seca, no qual se gastou a quantia de 351 oitavas e meia de ouro.

Em 20 de novembro de 1808 o procurador João Rodrigues Lage propôs e foi aprovado construir um Passo junto à ponte de S. José (a dos Contos), em terreno pertencente ao capitão Bernardo Babo, que o cedia. Na mesma sessão se tomaram as necessárias providências para a abertura do Passo da Praça Tiradentes, na casa de Manuel Correia de Sá; essa casa foi adquirida em 1820 pelo alferes José Joaquim de Oliveira, que então o reedificou.

Em 1816, concedeu a Câmara o terreno na Rua de S. José,⁶³ esquina da ladeira do Paracatu, onde o Padre Manuel Joaquim Ribeiro, professor de filosofia, fez erigir novo Passo em substituição do que se edificara na fachada da casa da viúva Inácio Ferreira da Conceição, por ele adquirida.

Em 1843, pagou a Mesa da Irmandade ao Capitão José Bento Soares 50\$000, por conta de maior quantia, pela construção do Passo de Antônio Dias.

Além desses Passos – o de Antônio Dias, o da Praça Tiradentes, o da Rua Tiradentes,⁶⁴ o de S. José⁶⁵ e o da Ponte Seca – existe outro nas Cabeças.⁶⁶

⁶² Hoje São José.

⁶³ Atual Getúlio Vargas.

⁶⁴ Hoje Rua São José.

⁶⁵ Atual Rua Getúlio Vargas.

⁶⁶ Segundo Carlos José Aparecido de Oliveira, diretor do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto, atualmente é a seguinte a correspondência dos Passos ouro-pretanos com a Via-Crucis, representada na cidade no Domingo de Ramos: no de Antônio Dias, Cristo da Cana Verde; no da Praça Tiradentes, Senhor dos Passos com a Cruz às Costas; no da Rua São José, Cristo Sentenciado; no da Getúlio Vargas, Cristo da Coluna; no da Ponte Seca, Cristo da Verônica. O último passo, o do Calvário, é representado na Matriz de Nossa Senhora do Pilar.



8
*Monumentos
Civis*

Casa dos Contos (hoje Correios e Telégrafos)¹

Projeto atribuído a Antônio Ferreira de Sousa Calheiros por Diogo de Vasconcelos.

A chamada Casa dos Contos, Casa dos Contratos ou ainda Casa da Ponte é o melhor e mais belo exemplar do tipo residencial em Ouro Preto. Tamanha abundância de cantaria não se encontra senão no antigo Palácio dos Governadores, na antiga cadeia ou nos templos das ordens mais ricas. Data ela do último quartel do século XVIII (estava acabada em 1787) e foi mandada construir por João Rodrigues de Macedo, que nela estabeleceu a sua moradia e a administração dos seus negócios de contratos das entradas e dízimos: aquela no sobrado, esta no andar térreo. Como o contratador ficasse em grande alcance com a Real Fazenda, passou a casa a ser ocupada, em 1802, pela Junta da Real Fazenda, mediante aluguel, e a partir de 1803 a título definitivo por adjudicação. Posteriormente, serviu ela de sede à Tesouraria da Fazenda da Província, e mais tarde, e até hoje, à Administração dos Correios.² Não poucas foram as alterações introduzidas na casa de João Rodrigues de Macedo por esses vários destinos. O que lá se pode ver ainda permite reconstituir a vida do velho solar no tempo do contratador: no andar térreo, à esquerda de quem entra, as salas assoalhadas onde se achavam os seus escritórios, com, aos fundos, o forno de fundição do ouro, em comunicação com outro enorme forno, este de padaria, construído no primeiro andar; à direita, os aposentos lajeados onde dormia a escravatura; em continuação ao pátio, dominado por ampla varanda de madeira, o quintal calçado de pedrinhas irregulares, com o seu tanque para abeberar as tropas dos que vinham a negócios com o contratador.

Na Casa dos Contos é que foi encontrado enforcado o poeta inconfidente Cláudio Manuel da Costa. Segundo Lúcio dos Santos, o corpo do suicida estava num aposento lajeado, com janela gradeada abrindo para a Rua das Flores,³ e porta por baixo do patamar entre os dois lanços da escadaria nobre. No desvão da escada não caberia o grande armário de que o poeta se serviu para pôr termo à vida.

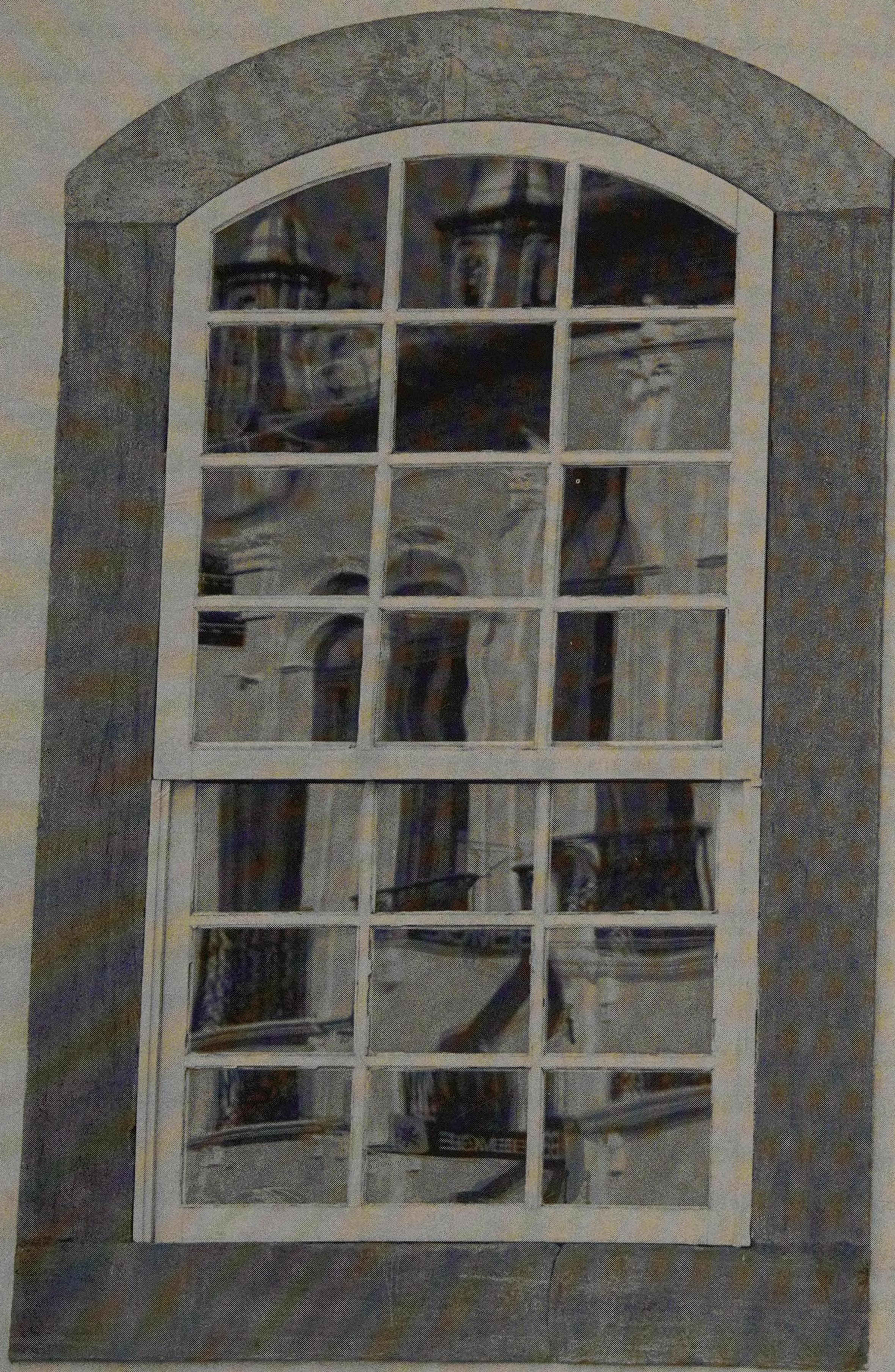
O visitante da Casa dos Contos deve pôr reparo nos ornatos do pórtico: o engenheiro Epaminondas Macedo observa a semelhança do desenho com o do portal da Casa Capitular em Mariana; no guarda-mão

PÁGINA ANTERIOR:
MONUMENTO A TIRADENTES
“ERIGIDO EM VIRTUDE DO
DECRETO DA CONSTITUINTE
MINEIRA EM 1891 E INAUGURADO
EM 21 DE ABRIL DE 1894.”

¹ Os Correios e Telégrafos funcionam hoje em outro sobrado na Rua São José, esquina com a Rua Direira, perto da Casa dos Contos.

² Como assinalado, não pertence mais aos Correios. A Casa dos Contos abriga o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, o Museu da Moeda e do Fisco (onde estão os Autos da Devassa), uma galeria de arte e a agência local da Receita Federal.

³ Atual Rua Senador Rocha Lagoa.



UMA DAS JANELAS DA CASA DOS
CONTOS, EX-CORREIOS E
TELÉGRAFOS: "NA CASA DOS
CONTOS É QUE FOI ENCONTRADO
ENFORCADO O POETA
INCONFIDENTE CLÁUDIO MANUEL
DA COSTA."

de cantaria da escada nobre, e, a meio do teto, à direita, no jogo de suspensão da lanterna; nos salões do primeiro andar, nos espelhos das fechaduras com as armas do Império. Não deixe de ir ao mirante, de onde se descortina uma vista panorâmica da cidade.

Palácio dos Governadores (hoje Escola de Minas)⁴

Planta do sargento-mor, engenheiro José Fernandes Pinto de Alpoim, assinada em 13 de junho de 1741. Em 14 de junho do mesmo ano a construção foi arrematada por Manuel Francisco Lisboa pela quantia de 46 mil cruzados, e as peças de cantaria por Manuel Ferreira Poças; em 1.º de julho seguinte foi o pórtico arrematado por Caetano Silva, o Ruivo, por 450\$000; a obra dos baluartes foi contratada, em 1749, com Manuel Francisco Lisboa.

Antes de Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, os governadores tinham palácio em Mariana. Quando precisavam demorar-se em Vila Rica, hospedavam-se numas casas emprestadas por Henrique Lopes de Araújo, pouco acima da ponte hoje chamada do Palácio Velho. Legadas essas casas pelo seu proprietário para se fundar a Misericórdia, Gomes Freire representou ao Rei para que se edificasse o Palácio, cuja construção foi autorizada pela ordem régia de 16 de março de 1743, quando já começadas as obras.

Primitivamente, o edifício compunha-se de um quadrado tendo nas quinas terraços com caminhos de vigias, guaritas e outros complementos militares. Posteriormente, se levantaram nesses terraços outras construções, deixando-se porém subsistir as guaritas como ornamentos. Hoje, resta apenas uma nesga do que dava para as Mercês: nele se levantou a casa de residência dos governadores, e no que lhe corresponde do outro lado as cozinhas e dependências. Na frente, um ficou para salas de porteiro e espera, outro para a capela. Em 1812, no tempo do Conde de Palma, construiu-se um jardim romano nos fundos, com uma bela fonte de pedra-sabão, ornada de esculturas. Já não existe.

O palácio abrigou os governadores, desde Bobadela, os presidentes da Província Imperial e os presidentes republicanos até 1898, quando a capital se mudou para Belo Horizonte: ao todo 105 governadores efetivos ou substitutos (Diogo de Vasconcelos).

⁴ Atualmente, Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, com os setores de mineralogia, história natural, metalurgia, desenho, topografia e astronomia.

A porta principal do palácio ostenta o único pórtico de mármore existente em Ouro Preto: a ordem das pilastras é toscana, exemplo singular em Minas nas construções do século XVIII. Domina-a uma lápide onde se lê a seguinte inscrição: “A 9-IV-1822 foi dito pelo Príncipe D. Pedro ao povo de Vila Rica que se quebravam naquele dia os ferros do despotismo nesta Província, em comemoração do quê se pôs uma lápide em 9-IV-1922.”

Antigo Paço Municipal (hoje Museu da Inconfidência)

Em 1908, Eduardo de Castro e Almeida, publicando um catálogo de mapas, plantas, desenhos, gravuras e aquarelas do Arquivo da Marinha e Ultramar, fez referência à “planta de uma Cadeia de Vila Rica, principiada no ano de 1784” e desenhada por C. Manuel Ribeiro Guimarães. Trata-se da casa histórica, que serviu de paço municipal e cadeia, e que hoje abriga o Museu da Inconfidência.

A construção foi começada em 1784 pela Câmara Municipal, que a contratou por 60 mil cruzados, sob o governo de Luís da Cunha Meneses. Por várias vezes se interromperam as obras, de sorte que o edifício só ficou ultimado em 1846, segundo se lê na inscrição sobreposta ao chafariz que orna a frente da escadaria de acesso.

No andar nobre tinha assento a Câmara e demais serviços municipais; nele estiveram detidos Teófilo Otoni e outros chefes da revolução de 1842. No andar inferior achavam-se as masmorras, escuras e frias, onde ficavam os condenados à pena de galés.

Por volta de 1860, foi a Câmara Municipal transferida para o sobrado que ainda hoje ocupa na mesma praça. Em 1907, foi a velha Cadeia transformada em Penitenciária, alterando-se a planta interior com o derrubamento de várias paredes. Em 1937, retirou-se do edifício a Penitenciária.

As quatro estátuas que encimam os cantos da platibanda representam as virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança; sua autoria é atribuída por Feu de Carvalho a Antônio José da Silva.

Em 1938, pelo decreto-lei n.º 965, de 20 de dezembro, ficou assentado que o Governo federal montaria, em Ouro Preto, um museu destinado a “coleccionar as coisas de várias naturezas relacionadas com os fatos históricos da Inconfidência Mineira e com seus protagonistas e, bem assim, as obras de arte ou de valor histórico que constituam documentos expressivos da formação de Minas Gerais”. Para sede

desse estabelecimento, o Estado de Minas Gerais doara, dias antes, o edifício do antigo Paço Municipal, e aí se instalou o Museu da Inconfidência, marcando o início de orientação nova adotada pelo Governo da União, no sentido de criar e manter museus nacionais no interior do País, ao contrário do que se fizera até então, quando só o Rio de Janeiro os possuía. A inauguração realizou-se em 11 de agosto de 1944, data do segundo centenário do nascimento de Tomás Antônio Gonzaga, sendo então lembrado que o edifício, antiga cadeia construída com o suor e o sangue de negros fugidos e de sentenciados, inspira ao poeta inconfidente algumas das apóstrofes mais belas e mais enérgicas contra o despotismo colonial. E assim, esse

...soberbo edifício levantado

Sobre ossos de inocentes, construído

Com lágrimas dos pobres...

se redimia do labéu inicial para lembrar a todo tempo o sacrifício dos precursores da independência nacional, a tragédia do Tiradentes e as demais circunstâncias do fato exemplar. Já nele repousam, desde

8

Monumentos Civis

100

“POR VÁRIAS VEZES SE INTERROMPERAM AS OBRAS [DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA], DE SORTE QUE O EDIFÍCIO SÓ FICOU ULTIMADO EM 1846, SEGUNDO SE LÊ NA INSCRIÇÃO SOBREPOSTA AO CHAFARIZ QUE ORNA A FRENTE DA ESCADARIA DE ACESSO.”



1942, os despojos dos Inconfidentes, entregues à devoção cívica em 21 de abril daquele ano, o 150.^o depois do suplício de Joaquim José da Silva Xavier, e depositadas em um mausoléu simples e severo, desenhado por José de Sousa Reis. A restauração do edifício foi feita pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de acordo com o projeto de Renato Soeiro, sobre o velho risco de C. Manuel Ribeiro Guimarães, copiado em Lisboa, cabendo a Georges Simoni o projeto e arranjo das salas de exposição. O núcleo inicial do Museu constituiu-se com a coleção de peças de arte sacra e profana, doada por D. Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, e ainda com outras dádivas de particulares. Hoje, está enriquecido com um acervo precioso de aquisições que evocam o ambiente peculiar das Minas e a ação dos conjurados.

É assim que no primeiro pavimento (nove salas de exposição) podem ser vistos elementos de arquitetura religiosa, como um fragmento do retábulo do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Porteira (norte de Minas); esculturas do retábulo do altar-mor da matriz de Santo Antônio, cidade de Santa Bárbara; pias de água benta, em madeira; aparelhos de iluminação (lanternas, lâmpadas a óleo); objetos de madeira, inclusive bacias de banhos; meios de transporte: serpentinas de arruar, liteiras, a caleche do Padre João Manuel, armações antigas, arreios, objetos de montaria; elementos de construção, tais como canalizações em pedra, fechaduras, chaves, pregos, utensílios. Salas especiais são consagradas ao Aleijadinho (o altar da capela da fazenda da Serra Negra, o risco da fachada principal de S. Francisco de Assis de São João Del-Rei, autógrafos do artista, moldagens em gesso de suas obras) e aos Inconfidentes (autógrafos de Tiradentes e de outros conjurados, pedaços da forca em que o supliciam, um mapa desenhado pelo poeta Cláudio Manuel da Costa, a edição original da *Marília* de Gonzaga).⁵ Ainda nesse andar fica o Panteão, lendo-se no frontal do altar a inscrição

In Memoriam

Joaquim José da Silva Xavier

(O Tiradentes)

⁵ Esta não se encontra mais em exibição.



e os nomes dos demais Inconfidentes, seguidos destas palavras: “O Governo da República, em 1942, aos Inconfidentes de 1789”. Ao longo da sala, de um e outro lado do altar, acham-se dispostos os jazigos de José Álvares Maciel, Francisco de Paula Freire de Andrada, Domingos de Abreu Vieira, Luís Vaz de Toledo Piza, José Aires Gomes, Antônio de Oliveira Lopes, Vicente Vieira da Mota, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga, João da Costa Rodrigues, Francisco Antônio de Oliveira Lopes, Salvador Carvalho do Amaral Gurgel e Vitoriano Gonçalves Veloso. Os despojos foram trazidos de Portugal pelo escritor Augusto de Lima Júnior, graças à iniciativa do Ministério da Educação.

No segundo pavimento, que dispõe de sete salas, o visitante encontrará os retratos de D. Teresa Cristina, por Moreau, e a bandeira dos voluntários mineiros que participaram da retirada da Laguna. Nas antigas “casas de audiência” do Senado da Câmara, que são as salas com janelas abertas para a Praça Tiradentes, assim como nas demais, poderá apreciar uma coleção valiosa de pinturas, imagens e obras de arte aplicada tradicional, características do patrimônio de Minas Gerais: pinturas religiosas que compreendem desde obras da primeira metade do século XVIII a uma tela amaneirada de Manuel da Costa Ataíde e outras já do século XIX, destacando-se do período colonial os retratos (de feição erudita) de D. José, D. Maria I e do Príncipe da Beira, assim como da primeira metade do século passado, paisagens de Ouro Preto, uma atribuída a Pallière e outra de autoria do Tenente Chamberlain; quanto à imaginária, entre numerosas esculturas de artistas tanto de formação apurada como de sabor popular, destaca-se uma grande imagem de Nossa Senhora do Rosário procedente de Paracatu; da mesma origem, frontais de altares de couro repuxado, a par de elementos de talhas da região de São Francisco; em matéria de mobiliário civil e religioso, arcazes de sacristia refinados e rústicos; armários pintados e camas de diversos períodos, torneados recortados (entre as quais uma que pertenceu ao poeta Santa Rita Durão); cadeiras de vários estilos, das quais se destacam as que pertenceram à Câmara Municipal de Sabará e ao Arcebispado de Mariana; oratórios de várias feições; mesas em grande número com as características mais expressivas do mobiliário regional mineiro; obras de ourivesaria antiga religiosa e civil, entre as quais cumpre notar a escrivaninha de prata do Senado da Câmara de Vila Rica, de autoria do ourives Rodrigo de Brum; a urna de tartaruga com ornatos de prata que serviu nas eleições do pelouro à mesma Câmara.

Chafarizes

O da Rua da Glória (“Fonte de Ouro Preto” foi o nome que teve nos termos de arrematação)⁶

Os construtores Antônio Fernandes Barros e Antônio da Silva Erdeiro, que arremataram a obra, em 1752, por 700\$000, deviam obedecer ao risco existente no Senado da Câmara para a fonte do Passo de Antônio Dias, do qual de fato só diverge pelas duas pinhas que ladeiam o frontão. Traz a data de 1753 e a inscrição: “*Curia curat, amat, fabricat, propinat, abhorret, nos ubertatem, stauqua, flu... ta sitim.*” Recompuesto e restaurado, em 1937, pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.⁷

O do Rosário

Foi promovida, em 1830, a sua mudança para mais perto da capela do Rosário. Arruinado. Faltam o tanque e as torneiras; uma cruz de cimento substituiu a primitiva de cantaria. Este chafariz é semelhante ao da Rua das Flores.⁸

O da matriz de Antônio Dias

Na Rua de Antônio Dias.

O da Rua Barão de Ouro Branco

Traz a data de 1761. Em 1936-1937, executaram-se obras idênticas às do anterior.

O da Rua das Flores⁹

Também chamado “dos cavalos”, porque onde há hoje o grupo escolar¹⁰ era um quartel de cavalaria, e o chafariz servia de bebedouro para os animais. Restaurado, em 1937, pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

⁶ Atual Rua Antônio de Albuquerque.

⁷ A inscrição está hoje praticamente ilegível.

⁸ Atual Rua Senador Rocha Lagoa.

⁹ Atual Rua Senador Rocha Lagoa.

¹⁰ Atual Colégio Estadual D. Pedro II.

O do Largo de Marília

Data de 1759 o começo de sua construção. Reparado, em 1935-1936, com restabelecimento do antigo serviço de abastecimento de água, pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

O do Passo de Antônio Dias

Assim chamado por ficar em frente do Passo. Traz a data de 1752 e a inscrição: "*Gens quanta bibat tot in annos CV regnos aqua suppeditur.*"¹¹ Em 1936 foram executadas obras de abastecimento de água, obras essas mal inspiradas, mas que puderam ser retificadas mais tarde.

O dos Contos

O mais belo da cidade. Obra arrematada, em 1745, por João Domingues Veiga. Deve ter sido reconstruído em 1760, pois traz essa data. Lê-se nele a inscrição: "*Is quae potatum cole gens pleno ore senatum securit ut sitis nam facit ille sitis.*"¹² Restaurado em 1935-1936, com restabelecimento do tanque para cavalos provido de poiais e do antigo calçamento em frente, pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

O do Jardim Botânico (hoje Instituto Barão de Camargo)¹³

O da Praça Tiradentes

Restaurado (mas sem restabelecimento do serviço de água) pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

O do alto da Cruz do Padre Faria

Mandado construir em 1757.

¹¹ Pouco legível, atualmente.

¹² Frase quase ilegível, hoje.

¹³ Hoje funciona um destacamento da Polícia Militar onde era o instituto.



O das Águas Férreas

No Caminho das Lajes, data de 1806.

O do Largo de Frei Vicente Botelho

O do Alto das Cabeças

Junto ao muro do adro da Igreja de S. Miguel e Almas, obra arrematada, em 1763, por Francisco de Lima.

O do Pissarrão

No beco de Areão (Alto da Cruz), cuja construção foi arrematada em 1758 por Manuel Francisco Lisboa.

Há também as seguintes fontes:

A do Alto do Padre Feijó, ou fonte das Moças, que João Domingues Veiga construiu em 1742.

A do Fundo do Padre Faria, arrematada pelo mesmo Veiga, em 1744.

A de Henrique Lopes, na Rua da Encardideira, executada por Luís Fernandes Calheiros, em 1739.¹⁴

¹⁴ Essas três fontes não existem mais.

Pontes

A do Rosário (também chamada do Caquende, que é o nome do córrego por ela transposto)

Data de 1753. Em *Marília de Dirceu* (parte II, lira 37), Gonzaga dirige-se ao seu passarinho, dizendo-lhe:

*Toma de Minas a estrada,
Na Igreja Nova, que fica
Ao direito lado e segue
Sempre firme a Vila Rica.*

*Entra nesta grande terra,
Passa uma formosa ponte
Passa a segunda; a terceira
Tem um palácio defronte.*

Igreja Nova era então o nome de Barbacena. A primeira “formosa ponte” a que se referia Gonzaga era esta do Rosário, pois naquele tempo quem vinha do Rio entrava em Vila Rica pelas Cabeças. Mais tarde o caminho passou a ser feito por Itatiaia e não pelo rodeio, de sorte que penetrava na vila pela ponte do Funil ou pela da Barra. Em 1936-1937, foi restaurada pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

A do Funil

Serve à rua que conduz à estação da estrada de ferro.

A da Barra

Também sobre o Ribeirão do Funil. Data de 1806. A praia que se avista de seus parapeitos é, segundo Diogo de Vasconcelos, aquela onde o mulato, a que nos referimos na parte histórica, descobriu os granitos negros. Acha o mesmo autor que a ponte deve estar assentada no terreno

das datas concedidas a Antônio Dias em 1700. Reparada, em 1936, pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

A dos Contos

É a segunda da quadra de Gonzaga. Começada em 1744 e acabada no ano seguinte. O risco veio de Lisboa e a construção foi executada por Antônio Leite Esquerdo, em 1744. É de pedra argamassada em suas partes inferiores e de cantaria trabalhada à escoda e argamassada a óleo de peixe e cal nas peças do parapeito, assentos e cruz.

No Governo do Presidente João Pinheiro retiraram os assentos, a cruz, e substituíram o parapeito por um gradil de ferro.

Restaurada em sua feição primitiva pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

O córrego transposto por ela é o Ouro Preto ou do Xavier.

A de Antônio Dias

Também chamada de Marília. A terceira dos versos de Gonzaga. Data de 1755. Transpõe o córrego de Antônio Dias. Única ponte romana existente na cidade.

A do Padre Faria

Data a sua construção de 1750. Transpõe o córrego de Padre Faria. Em 1937, foi recomposta e restaurada pela Inspetoria de Monumentos Nacionais. Estava então inteiramente soterrada. Foi restabelecida a cruz de cantaria que a ornava outrora, e calçaram-se as entradas.

A do Ouro Preto ou do Pilar

Data de 1757. No começo da ladeira do Pilar, próximo à matriz. O córrego que lhe passa por baixo é o Ouro Preto ou do Xavier.

A do Xavier

Primitivamente de madeira. Por ela é que se comunicavam outrora os bairros de Ouro Preto e Antônio Dias. O córrego que lhe passa embaixo é o de José Vieira, mais adiante chamado dos Contos, e afinal de Ouro Preto.¹⁵

A do Palácio Velho

Sobre o córrego do Sobreira. Leva da Praça Antônio Dias à encosta da Encardideira.

Ponte Seca

Dá-se esse nome ao aterro construído acima do trilho primitivo que ligava o largo do Rosário à Rua da Glória.¹⁶

Monumento a Tiradentes

Erigido em virtude do decreto da Constituinte Mineira, em 1891, e inaugurado em 21 de abril de 1894. A autoria de Virgílio Cestari, que mandou executar as peças de granito no Rio de Janeiro e as de bronze no estrangeiro. Do projeto aprovado constavam grupos de figuras que deviam encher os oito cunhais do monumento, mas o escultor foi dispensado de executá-los.

¹⁵ Esta ponte não existe mais. O local foi aterrado e fica próximo ao Terminal Rodoviário Oito de Julho.

¹⁶ Atual Rua Antônio de Albuquerque.



9

*A Viagem
para Ouro Preto*



NA PÁGINA ANTERIOR:
IGREJA DE NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO, LOCAL DE ONDE PARTIU
A PROCISSÃO DO TRIUNFO
EUCARÍSTICO, RUMO À MATRIZ DE
NOSSA SENHORA DO PILAR:
“EM 1848 CONCLUIU-SE A
ATUAL FACHADA.”

Pode-se ir a Ouro Preto por estrada de ferro ou por estrada de rodagem.¹

Em via férrea, a viagem se faz pela linha-tronco da E. F. Central do Brasil (quem vem de São Paulo baldeia em Barra do Piraí). Há baldeação em Lafayette e Miguel Burnier, hoje São Julião.² Desta última estação (km 497,900) parte o ramal de Ouro Preto. Comporta ele um traçado difícil e obras de consolidação notáveis, atingindo o seu ponto culminante na garganta do Alto da Figueira, com a cota 1.363,400 acima do nível do mar. Em São Julião há grandes depósitos de manganês e o primeiro alto-forno instalado no País para ferro gusa; à direita, vê-se num alto a capelinha de S. Julião, levantada pelo bandeirante Domingos Lopes, em 1747. A partir de São Julião a linha sobe em rampa de 0,0253m até o km 498,280; daí se desenvolve, atravessando a garganta de São Julião, divisa entre as bacias dos rios São Francisco e Doce, no km 503,262, com a altitude de 1.155,443m; dirige-se depois para a bacia do Paraopeba, subindo sempre, até a garganta do Desbarrancado, no km 503,016, com a altitude de 1.175,345m; demanda em seguida o vale do Rio das Velhas até o km 510, atravessa a garganta do Vira-Saia e cai na vertente do Rio Doce, que percorre até a garganta da Pedra, donde passa para a bacia do Rio das Velhas até a Serra do Ouro Branco.

A estrada de rodagem passa em Queluz, deixa à esquerda a estrada que leva a Congonhas do Campo, e mais adiante se bifurca. O ramo esquerdo acompanha a linha férrea, passando em São Julião, Itabirito (antiga Itabira do Campo), S. Gonçalo do Amarante, Cachoeira do Campo e Rodrigo Silva. O ramo direito, a antiga estrada real, por muito tempo abandonada e reconstruída em nossos dias pelo prefeito de Ouro Preto, Washington Dias, é bem mais interessante, por atravessar, já dentro do município de Ouro Preto, regiões de intensa mineração no tempo da colônia. Ao longo da estrada se vêem a cada passo restos de lavras, ruínas de velhas casas e capelas. É assim que atravessa Ouro Branco, povoado decadente ao pé da serra do mesmo nome, o qual possui magnífica capela de Santo Antônio, rica em talha dourada; mais adiante deixa à direita a estrada que vai para Santo Antônio de Itatiaia, arraial decadente no alto da serra do mesmo nome, possuindo boas construções de pedra e uma bonita capela que foi abacial (na fachada se conservam ainda hoje as armas do bispo); desce então a estrada, alcançando o ponto mais baixo na ponte do Calixto, com dois ramos, toda em alvenaria de pedra argamassada. A cerca de 13 quilômetros de Ouro Preto, encontram-se os dois ramos da estrada, e esta, depois de atravessar a ponte do Falcão e a do ribeirão da Cachoeira, esta uma bela construção de alvenaria de pedra, datando de 1850, passa em Rancharia, Saramenha e penetra em Ouro Preto pelo bairro da Barra.³

¹ Hoje em dia, os visitantes só podem chegar a Ouro Preto por estrada de rodagem. Não há mais trens de passageiros para lá.

² Atualmente é o distrito de Miguel Burnier.

³ Atualmente, para quem vai do Rio de Janeiro, por exemplo, a Ouro Preto, deve-se seguir pela BR-040 e, após 380km, entrar na BR-356 (Rodovia dos Inconfidentes) e percorrer mais 66km até chegar à cidade.



10
*Várias
Informações*

Dados Geográficos

Latitude: 20° 23' 22" S.

Longitude: 0° 19' 55" O. do meridiano do Rio de Janeiro.

Altitude: na estação, 1.068 m; na Praça Tiradentes, 1.100 m.

Temperatura: média no inverno, 15°; no verão, 25°. Nos invernos mais rigorosos o termômetro desce a 2° durante a noite; nos verões mais quentes sobe excepcionalmente a 28°. ¹ Os meses mais frios são junho e julho; os mais agradáveis, maio, agosto e setembro. Nos meses de maio, junho, julho e agosto o tempo é frio e seco; outubro é úmido. As chuvas são copiosas de dezembro a março.

Distância do Rio de Janeiro em estrada de ferro: 540 km. ²

A cidade constitui um só distrito, dividido em duas zonas – Ouro Preto ³ e Antônio Dias. À primeira pertencem os bairros de Rosário, Fundo de Ouro Preto, Cabeças, Água Limpa, Passa Dez, Jardim Botânico, Pelúcia, Saramenha e São Sebastião; à segunda, os de Barra, Vira-Saia, Encardideira, Paulistas, Águas Férreas, Alto da Cruz, Padre Faria, Bom Sucesso, São João, Sant'Ana, Piedade, Campo Grande e Taquaral. ⁴

¹ Hoje já ultrapassa os 30°, no verão.

² De carro ou ônibus, aproximadamente 400 km.

³ Hoje, Nossa Senhora do Pilar.

⁴ Esta relação modificou-se com o passar do tempo. Atualmente, Ouro Preto conta com os seguintes bairros: Centro, Jardim Alvorada, Nossa Senhora de Lourdes, São Cristóvão, Rosário, Pilar, Água Limpa, Barra, Praia do Circo, Antônio Dias, Alto da Cruz, Lajes, Piedade, Morro de Santana, Morro São Sebastião, Terceira, Padre Faria, Águas Férreas, Santa Efigênia, Saramenha, Tavares, Morro do Cruzeiro, Bauxita, Nossa Senhora do Carmo, Vila Operária, Cabeças, Vila Aparecida, Vila São José e Santa Cruz. Quanto aos distritos, são os seguintes (com os respectivos subdistritos): município de Ouro Preto (Lavras Novas), Cachoeira do Campo (Serra do Siqueira), São Bartolomeu (Doutor, Engenho D'Água, Maciel, Fazenda dos Barbosas, Catarina Mendes, Chapéu de Sol e Tabuões), Rodrigo Silva (Arrozal, Bocaina, Bico de Pedras e Boa Vista), Amarantina (Maracujá e Coelhoos), Glaura (Soares, Ana de Sá e Braz Gomes), Santo Antônio do Leite (Catete e Gouveia), Engenheiro Correia, Miguel Burnier (Motta e Crócate de Sá), Santa Rita (Bandeiras, Mata dos Palmitos, Canavial, Serra dos Cardosos, Chapada, Boa Vista, Maciel, Mata do Gama, Piedade, Moreira, Campestre, Santo Antônio e Coqueiros), Antônio Pereira e Santo Antônio do Salto (Fojo e Baú)

Principais Datas Históricas

24 de junho de 1698

Chegada do bandeirante Antônio Dias de Oliveira ao alto de S. João.

9 de novembro de 1709

Criação da capitania de São Paulo e Minas do Ouro.

8 de julho de 1711

O arraial de Ouro Preto é erigido em vila (Vila Rica de Albuquerque, do nome do primeiro Capitão-General Antônio de Albuquerque).

21 de fevereiro de 1720

Separado de São Paulo o distrito das Minas, que pelo alvará de 2 de dezembro de 1720 passou a constituir a capitania de Minas Gerais, com sede em Ribeirão do Carmo.

30 de novembro de 1822

Minas Gerais, já província do Reino, passa a província do Império do Brasil.

20 de março de 1823

Elevação de Vila Rica a cidade de Ouro Preto.

15 de novembro de 1889

Minas Gerais passa de província do Império a Estado da República.

12 de dezembro de 1897

Mudança da capital do Estado para Belo Horizonte.

12 de julho de 1933

Decreto do Governo provisório erigindo a cidade de Ouro Preto em “monumento nacional”^{*}.

Escolas

Escola Nacional de Minas e Metalurgia⁵

Federal. Integrada na Universidade do Brasil. Prepara engenheiros de minas e civis, industriais, geógrafos e agrimensores; há também um curso de Metalurgia e para prática dos alunos se iniciou, em 1942, a construção de um Parque Metalúrgico, localizado na Praça da Estação. Criada por ato de D. Pedro II e fundada pelo engenheiro H. Gorceix. Rica de coleções geológicas e mineralógicas. Está instalada no antigo Palácio dos Governadores, à Praça Tiradentes.⁶

Escola de Farmácia

Federal. Criada em 1839. Está situada na antiga Chácara dos Monges, no morro de Santa Quitéria, atrás e um pouco abaixo do Carmo (Rua Manuel Cabral).⁷

* Nota da 4ª edição: 2 de setembro de 1980 – A cidade de Ouro Preto passou a integrar o Patrimônio Cultural da Humanidade, por ter sido considerada Monumento Histórico Mundial pela Unesco.

⁵ A atual Universidade Federal de Ouro Preto oferece na área de graduação os cursos de ciência da computação, engenharia civil, engenharia geológica, engenharia metalúrgica, engenharia de minas, engenharia de produção, licenciatura em matemática, física aplicada (ciência dos materiais), química industrial (ênfase em meio ambiente), farmácia, nutrição, licenciatura em ciências biológicas, bacharelado em ciências biológicas (ênfase em ecologia e meio ambiente), filosofia, letras, história, licenciatura em artes cênicas, licenciatura em educação musical e direito. Na área de pós-graduação, oferece mestrado em engenharia civil, engenharia mineral, engenharia de materiais, geotecnia, evolução crustal e recursos naturais (também doutorado), história social da linguagem e ciências biológicas; e como especialização, geotecnia de barragens, hidráulica de barragens, física, gemologia, matemática, filosofia, citologia clínica, cultura e arte barroca.

⁶ Ali funciona hoje o Museu de Ciência e Técnica/Escola de Minas, da Universidade Federal de Ouro Preto. Os setores de Mineralogia, História Natural e Metalurgia funcionam de terça-feira a domingo, das 12h às 17h. Se na segunda-feira for feriado, ele fica aberto neste dia e fecha na terça-feira seguinte (como ocorre em geral com os museus de Ouro Preto). Já os setores de Desenho, Topografia e Astronomia ficam abertos aos sábados, das 20h às 23h, quando é possível a observação astronômica orientada pelos alunos e membros da Sociedade de Estudos Astronômicos de Ouro Preto.

⁷ O endereço da Escola de Farmácia, onde funciona o Museu da Farmácia, é hoje Rua Costa Sena, 171. O museu está aberto de segunda a sexta-feira, das 13h às 17h. Pode-se ver como era uma autêntica “pharmacia” ouro-pretana do final do século XIX.

Colégio Municipal Alfredo Baeta

Fundado em 1898 por professores da Escola de Farmácia, auxiliados por particulares. Modelado pelo Colégio Pedro II do Rio de Janeiro.

Escola Normal

Fundada em 1873. Situada hoje num prédio novo especialmente construído para ela no local onde existiu a casa de Marília, no largo de Dirceu.⁸

Colégio Arquidiocesano

Fundado em 1934.

Grupos escolares

Um na Rua das Flores (Grupo Escolar Pedro II). Existe uma escola pública estadual nas Cabeças e outra no Alto da Cruz.⁹

⁸ Hoje Escola Estadual Marília de Dirceu.

⁹ Segundo relação fornecida pela Secretaria municipal de Educação de Ouro Preto, são os seguintes os estabelecimentos municipais e estaduais de ensino, atualmente (incluindo os distritos):

– Escolas municipais: Tomás Antônio Gonzaga, Isaura Mendes, Monsenhor João Castilho Barbosa, Padre Carmélio Augusto Teixeira, Professora Juventina Drummond, Professor Hélio Homem de Faria-Núcleo Pequeno Príncipe, São Sebastião, Alfredo Baeta, Renê Gianetti, Simão Lacerda, Cirandinha, Reino da Alegria, Noêmia Veloso (creche), Naná Sette Câmara (creche), Dona Hermínia (creche), Apae, Professor Adhalmir Maia, Aleijadinho (Santo Antônio do Salto), Ana Pereira de Lima (Povoado de Maracujá, Amarantina), Benedito Xavier (Glaura), Domingos Fleury da Rocha (Povoado de Soares, Glaura), Doutor Alves de Brito (Rodrigo Silva), Doutor Pedrosa (Santo Antônio do Leite), Francisco de Araújo Silva (Povoado de Bandeiras, Santa Rita de Ouro Preto), José Rodrigues Campos (Povoado de Campestre, Santa Rita de Ouro Preto), Inácio de Souza (Povoado de Piedade, Santa Rita de Ouro Preto), José Sales Andrade (Povoado de Boa Vista, Santa Rita de Ouro Preto), José Estêvão Braga (Engenheiro Correia), Lavras Novas (distrito de Lavras Novas), Major Raimundo Felicíssimo (Amarantina), Monsenhor Rafael (Miguel Burnier), Nossa Senhora das Graças (Povoado de Bocaina, Rodrigo Silva), Padre Antônio Pedrosa (Povoado de Coelho, Amarantina), Padre Martins (Povoado de Santo Antônio, Santa Rita de Ouro Preto), Professora Ana Guimarães (Povoado de Mata do Gama, Santa Rita de Ouro Preto), Professora Ana Rafaela (Povoado do Catete, Santo Antônio do Leite), Professora Efigênia Meira (Povoado do Canavial, Santa Rita de Ouro Preto), Professora Haydée Antunes (Cachoeira do Campo), Professor Francisco Pignataro (Povoado de Mata dos Palmitos, Santa Rita de Ouro Preto), Professor Santiago de Melo (Povoado de Serra do Siqueira, Cachoeira do Campo), Professor Washington Andrade (Povoado de Serra dos Cardosos, Santa

(continua na página seguinte)

Associações

Associação Comercial, Rua Tiradentes.¹⁰

Centro Acadêmico.

Escola de Minas. Publica uma revista,¹¹ único órgão de imprensa da cidade.¹²

Clube 15 de Novembro.

Associação Operária.¹³

Sociedade de S. Vicente de Paulo, Rua de S. José.¹⁴

Associação de S. Luís Gonzaga.

Associação de Santa Isabel de Hungria.

Confederação das Associações Católicas.¹⁵

Pia União das Filhas de Maria, Santa Casa.

Clube dos Lacaiois.¹⁶

União Operária S. José.¹⁷

Rita de Ouro Preto), Washington de Araújo Dias (São Bartolomeu), Antônio Pereira (distrito de Antônio Pereira), Bonequinha Preta (Cachoeira do Campo), Suely (Santa Rita de Ouro Preto). A Biblioteca Pública fica na Rua Xavier da Veiga, 319.

– Escolas estaduais: Marília de Dirceu, Desembargador Horácio Andrade, Dom Pedro II, Ouro Preto, Dom Velloso, Centro Educacional, Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto, Padre Afonso de Lemos (Cachoeira do Campo José Leandro (Santa Rita de Ouro Preto), Antônio Pereira (distrito de Antônio Pereira), Nossa Senhora Auxiliadora (Cachoeira do Campo).

¹⁰ Hoje Rua São José.

¹¹ *Revista da Escola de Minas.*

¹² Cf. nota 2 do capítulo “Impressões de Viajantes Estrangeiros.”

¹³ Não existe mais.

¹⁴ Hoje Lar São Vicente de Paulo, mudou-se para a casa que foi do poeta Bernardo Guimarães, no bairro das Cabeças.

¹⁵ As três últimas não existem mais. Atualmente, integram esta lista os Congregados Marianos e o Apostolado da Oração.

¹⁶ É uma associação carnavalesca ainda em plena atividade.

¹⁷ Hoje Sociedade Operária de São José.

Hotéis

Grande Hotel, Rua das Flores.

Hotel Tóffolo, Rua Tiradentes.

Hotel Rodrigues, Praça da Estação.

Pouso do Chico Rei, Rua do Carmo, 6.¹⁸

Horário de Visitações

Igreja de Nossa Senhora das Dores: sem horário fixo para visitação.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e Santa Ifigênia: terça-feira a sábado, das 8h30min às 12h, e domingo, das 12h às 17h.

Capela do Padre Faria: terça-feira a domingo, das 8h às 12h.

Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (Mercês de Cima): sem horário fixo de visitação.

Igreja de São Francisco de Paula: terça-feira a domingo, das 9h às 11h30min e das 13h30min às 16h45min.

¹⁸ Ouro Preto conta hoje com um número bem maior de hotéis e pousadas, além dos citados por Bandeira na edição original. São eles: Mondego, Solar Nossa Senhora do Rosário, Luxor, Nello Nuno, Estalagem das Minas Gerais, Casa Grande, Casa dos Contos, Priskar, Mirante, Itacolomi, Mezanino, Pouso dos Guimarães, Ferraria, Colonial, Pilão, Fazenda da Caieira, Pilar, Capricho Asturiano, Pousada dos Bandeirantes, Pouso dos Viajantes, Retiro das Rosas, Recanto das Minas, Bandeirantes, Arcádia Mineira, Toledo, Tiradentes, Villa dos Pilares, Panorama Barroco, Solar das Lajes, Quinta dos Barões, Turismo, Ouro Preto I, Burgalhau, SR, Ciclo do Ouro, Gabriela, Jair Inácio, Flávia Helena, D'Bro, Dona Maria, Ouro Preto II, América, Vila Rica, Itacolomi II, Hospedaria Antiga, São Francisco de Paula, Casarão, Marília de Dirceu, Nossa Senhora Aparecida, Pouso do Aleijadinho, Orlando Ramos, Casa Figueira da Foz, Flomon, Albergue da Juventude Ouro Preto, Camping Club do Brasil, pensões Maria Terezinha, Dona Diva, Dona Iva, Dona Conceição, Brumana e Vermelha. O Posto de Informações Turísticas de Ouro Preto pode fornecer informações atualizadas sobre os meios de hospedagem na cidade. Fica na Praça Tiradentes, 41 – telefone (31) 559-3269. Para informações em geral sobre Mariana, o Posto Turístico fica no Terminal Manuel da Costa Athayde – telefone (31) 557-1158.



Igreja de São José dos Homens Pardos ou Bem-Casados: sem horário fixo de visitação.

Igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos (São Miguel e Almas e Santíssimos Corações): segunda-feira a sábado, das 13h às 17h.

Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar: terça-feira a domingo, das 9h às 10h45min e das 12h às 16h45min. O **Museu de Arte Sacra de Ouro Preto** faz parte desta igreja e funciona no mesmo horário, exceto durante as cerimônias religiosas.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos: terça-feira a domingo, das 12h às 16h45min.

Igreja de Nossa Senhora do Carmo: terça-feira a domingo, das 13h às 16h45min. Junto a ela fica o **Museu do Oratório**, que funciona todos os dias, das 9h às 12h e das 13h às 17h.

Igreja de São Francisco de Assis: terça-feira a domingo, das 8h30min às 11h45min e das 13h30min às 16h45min.

Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo): terça-feira a domingo, das 9h às 12h e das 13h às 16h.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias: terça-feira a sábado, das 8h30min às 11h45min e das 13h30min às 16h45min, e domingo, das 12h às 16h45min. Anexo funciona o **Museu Aleijadinho**, aberto de terça-feira a domingo, inclusive feriados, das 8h30min às 12h e das 13h30min às 17h. O artista está enterrado nesta igreja matriz.

Capela de Nosso Senhor do Bonfim, Capela de Santana, Capela de Nossa Senhora da Piedade, Capela do Bom Jesus do Taquaral, Capela de São João Batista ou do Ouro Fino, Capela de São Sebastião: sem horário fixo para visitação.

Museu da Inconfidência: terça-feira a domingo, das 12h às 17h30min.

Museu de Ciência e Técnica/Escola de Mina: ver nota 6 deste capítulo.

Museu das Reduções (contém réplicas reduzidas de importantes monumentos arquitetônicos brasileiros): quarta a segunda-feira, das 9h às 18h, distrito de Amarantina.

Casa Guignard: terça a sexta-feira, das 10h às 12h e das 13h às 18h; sábados e domingos, das 9h às 15h.

Casa dos Contos: terça-feira a sábado, das 12h30min às 17h30min; domingos e feriados, 8h30min às 13h30min.

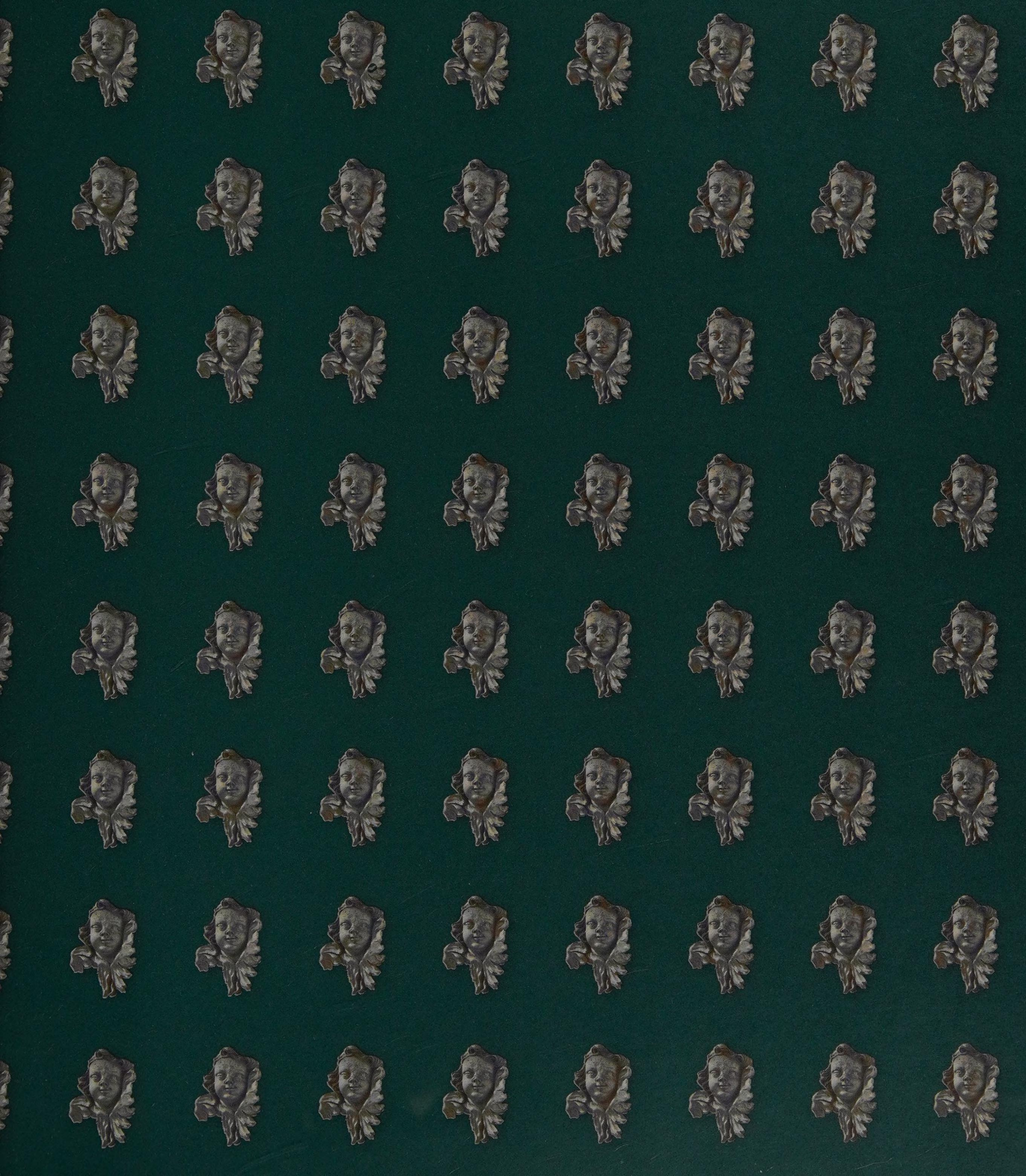
Minas de ouro desativadas

Mina do Chico Rei: todos os dias, das 9h às 17h30min.

Mina Fonte do Bem-Querer (Padre Faria) e Mina da Ferraria (atrás do antigo Palácio dos Governadores): diariamente. Ficam em local aberto.

Mina de Ouro da Passagem: diariamente, das 9h às 17h30min. Situa-se na localidade de Passagem de Mariana.

Esta obra, composta com os tipos Times Italic, corpo 24,
entrelinha 24 para os títulos e Meta Plus Normal, corpo 9,
entrelinha 19 para o texto, foi impresso com miolo em papel
couché matt 120g e capa em cartão supremo 250g,
Impresso pela Gráfica VIDA E CONSCIÊNCIA





A presente edição preocupou-se em conservar o estilo original do poeta, acrescentando apenas algumas notas referentes à atualização de informações para os novos leitores/turistas, incluindo ainda um ensaio fotográfico de Luís Augusto Bartolomei. Mas a principal sensação de quem refaz, hoje, os caminhos indicados pelo escritor é a de que podemos nos deparar, em alguma igreja barroca ou ladeira, com qualquer dos personagens históricos que fizeram a fama do local. Ou, quem sabe, imaginarmos o próprio Manuel Bandeira sentado numa das confeitarias já inexistentes da Rua Tiradentes, atual Rua São José. Afinal, é o mesmo poeta quem nos convida a conhecer – como diz o título de um dos capítulos do livro – “Ouro Preto, a cidade que não mudou”.

Viajar por Ouro Preto significa se entregar a um belo mergulho nas Minas Gerais do Ciclo do Ouro, quando voltamos no tempo e sentimos ainda por perto a presença de personagens tão ricos como o Aleijadinho e Tiradentes, sem falar em Chico Rei e nos inconfidentes, como Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, entre tantos outros. Guiados por Manuel Bandeira, então, esta viagem fica ainda mais rica, já que o lirismo do poeta nos conduz por sua história, seu casario, igrejas e ladeiras, que conservam sua essência ao longo dos quase sessenta anos desde que a obra foi lançada. Fora das livrarias há algum tempo, o *Guia de Ouro Preto* volta agora, em nova edição, com o acréscimo de um ensaio fotográfico e notas explicativas atualizando informações para que os leitores/viajantes de hoje possam refazer, com o mesmo prazer, os poéticos caminhos de Bandeira pelas terras mineiras da antiga Vila Rica. Boa leitura e boa viagem a todos.

Visite-nos: <http://livros.ediouro.com.br>



ISBN 85-00-00798-2



9 788500 007989